



REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE—FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO IV | Maranhão, 31 de Maio de 1895 | NUMERO 37

REVISTA ELEGANTE

A Mensagem

O S^r Dr. Prudente de Morais, Presidente da República, apresentou ao Parlamento Nacional que foi aberto no dia 4 do mês que hoje finda, sua mensagem, referente aos negócios públicos da nação, cujo governo preside.

E um documento muito importante, e que, necessariamente, será lido por todos que tiverem interesse imediato em conhecer o que se tem passado e se está passando sobre questões que de perto tocam ao país onde nascem, ou onde habitam, expostas segundo o pensar d'um dos ilustres de seus filhos, alheio às fúrias dos partidos políticos, mas apenas republicano convicto.

O digno Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, que assumiu o exercício de seu alto cargo a 15 de Novembro do anno próximo passado, teve tempo suficiente, portanto, para estudar e conhecer as questões agitadas no país, e falar em nome do interesse comum, da defesa dos nossos direitos.

Com efeito, esse importante documento público substancia tais questões, sobre as quais, separadamente, manifesta o pensamento do primeiro magistrado da República Brasileira,—pensamento franco e sincero, e que tem o direito de impor-se como muito competente e respeitável. Não há dúvida que basta ser esse homem, para estar sujeito ao erro, mas, não há dúvida, também, que renunciou predados para apresentar mais probabilidade em ter acertado, e dado informações legítimas ao país.

Essas informações, portanto, são as que nos devem conhecer, e o Parlamento Nacional deve aceitar como partidas de fonte competente, meditando, em seguida, sobre elas, além de, com a idéia fixa de aliviar os interesses gerais, curar das provisões que, por sua parte, tornam-se necessárias, e empres-

bender as reformas e melhoramentos lembrados;—tudo isto, porém, apartado, o quanto possível, dos interesses partidários, porque tais interesses, quando postos em jogo, chegam sempre a resultar em sentido oposto às medidas reclamadas,—ao nosso pensamento imaculado.

A MODA

Gravura do mez

Muito embora o clássico redingote esteja agora em uso com menor comprimento, algumas elegantes persistem em usar-a passeio e no concurso hípico o redingote comprido desabotado, trazendo o avesso da sela em estofo de cor cinzento-escurinho ou azul.

A gola de velludo está em voga, e temos visto certo número de paletots com este ornamento, que não deixa de produzir algum efeito.

Temos, com satisfação, notado que a largura das calças está menos exagerada; sendo para desejar que voltem brevemente as calças estreitas.

O pardessus de estofo se usa do comprimento médio, e de forma quasi direita nas costas, mas com costura ao meio, o que merece a nossa aprovação.

O collete branco ou de cor clara usa-se muito.

O debrum das vestimentas é feito a cordão.

O pano das calças são de muita simplicidade; nada de exagero em cor ou desenho.

(Tral.)

—TELEPHONE 56—

ENDERECO TELEGRAPHICO

—IMPERIAL—

Caixa no correio 40

LITERATURA E VARIEDADES

A ausencia de Rosinha

Rosinha era a grata, o nimbo,
Era a nota mais alegre
D'este lar
Que faltou sentir, depois
Que está lá pra o colégio
Estudar?

Gostava de vel-a-suspe
Correndo pelo salão,
Folgando, ou mais ingenua
Expondo,

Já não deixava censurar
De tristeza ou de peze,
Mostava sua par d'esperar
Singular.

Si alguém diria—Rosinha,
—Não faria! —Não faria;
Mas também nem por tan pouco
Maldizia.

Malvava logo de intento
E esperecia o desengano,
Indo tacor os tecidos
Do piano.

Ela, pois, a tiver nota,
Dizendo seria e convicta:
—Esta pega é que se chama
—Jomoty.—

Era em casa a criatura
Mais atendida e claudada,
Porque atraía ser madrinha
E afilhada.

Era brisa, comadre e filha;
E assim Por sua insinu
Além de já ser enfiada,
Ela ia...

Rosinha era a grata, o nimbo,
Era a nota mais alegre
D'este lar,
Que pena tive de vel-a
Festas e colégio
Estudar!

Firmino Sávano.

Manaus, 21 de Abril de 1885.

FOLHETIM

Caríssimas leitoras

Vou relatar-vos o embarcado em que me vejo, motivado pelo Senr. Lincoln Lino que me surpreendeu com uma intimação para dar um Folhetim no presente número da *Revista Elegante*.

Credo-me sinceramente que, se não fosse a amabilidade e deferência que me foram dispensadas por tão distinto jovem, com certeza ter-me-hia furtado a acreditar honrosa missão, assim digna das laureações do sympathetic Lino e que tanto me tem sido agradável.

Mas, como disse, —ter-me-hia furtado ao empenho do Senr. Lincoln se não fosse recordar-me no momento, que estávamos em pleno Mez das flores; o Mez de Maria, e, que portanto teria bastante assumpto para o rosto pé da mimosa *Revista*.

Agora, Caríssimas leitoras, que procuro o começo para o folhetim falta-me completamente o assumpto escolhido para elle. Ayalém, pois, Gentis Senhoras que o mez das flores converteu-se em mez das chuvas e assim tenho atravessado trinta e um dias ouvindo constantemente o monotono cair dos copiosos aguaceiros. Resta-me porem, a satisfação de contar-vos uma história, neta uma dessas histórias penitências e linhas como os amores que só é dado ao poeta Antonio Bello narrar-a entre os perfumes das flores:—

Xixi

O caso que vou contar aos meus pacientes leitores, e que não me foi narrado pela minha espirituosa amiga D. Henriqueta, passou-se nesta cidade há uns bons vinte anos, quando ainda havia carnaval no Rio de Janeiro e possuímos no campo de Sant'Anna um magnífico teatro que foi demolido pelo simples facto de se chamar *Provisorio*.

Nesse tempo havia em Minas um importante fazendeiro chamado Toribio, que se hospedava, sempre que vinha de dois em dois anos á corte, em casa de uns negociantes da rua de Bragança, hospedagem que lhe ficava infinitamente mais barata que a do hotel da Europa ou do Bavot.

Como n'uma dessas ocasiões lhe acontecesse vir pelo carnaval, o primeiro caixeteiro da casa, um moço pandego que se chamava Estevam, ofereceu-se para levá-lo ao baile de máscaras do Provisorio.

Toribio protestou com vehemência.

—Ir ao baile de máscaras, em? Deus me livre, Senr. Estevam! Se lá em Santa Rita do Turvo minha mulher suspeitasse que eu... Valhau-me as cinco chaças de Nosso Senhor Jesus Christo!... Nem querro me lembrar do que ella faria!...

—E como ha de sua senhora saber que o senhor foi a um baile de máscaras?

—Como ha de saber? Sabendo! Não faltariam intrigantes que lho digam! Nada, meu amigo em tenho medo de uma carta anonyma que me pello!...

—Uma ideia! disse de repente Estevam.

—Qual?

—Vamos ao baile disfarçados.

—Disfarçados!

—Sim, que diabo! alugam-se dois dominós e está salva a patria!

—Você é os meus peccados, seu Estevam! Vá lá pelos dominós! Tome tentação!...

E tirou da carteira uma nota de cinquenta mil réis.

Vá! vá alugar os dominós, mas queira Deus que eu não me arrependa!

As dez horas da noite entraram ambos, de braço dado, na vasta sala do Provisorio, cujo aspecto lhes parecia bellissimo. Os máscaras dansavam entusiasticamente n'uma confusão polychroma, ao som da ruidosa orchestra semi oculta entre o arvoredo meio pintado, meio natural, de um bosque improvisado no palco.

Toribio estava encolhido e vexado como um malfitador. Na propria máscara de seda transparecia o seu acanhamento. Advinhava-se que aquele domínó cobria um homem bisonho em cavalharias altas.

Entretanto, não era decorrida uma hora e já o nosso fazendeiro, graças ao atordoamento comunicativo da festa, e a umas tantas libações no botecim do theatro, e aos olhos negros e travessos de um domínó peitudo que o Estevam lhe mettia á cara, estava outro, completamente outro!

Fassinado por aquelles olhos, que fiscavam através dos orifícios da máscara, arrastado n'uma corrente d'onda de sensualismo e delírio, elle pediu ao caixeteiro que se afastasse e o deixasse em d'no colloquio com a sua misteriosa companheira.

Estevam obedeceu, depois de lhe dizer prudentemente:

—Veja lá o que faz!

O electrizado Toribio tratava de convencer o domínó peitudo de que devia deixar o

mo é o sympathetic Lincoln, nas suas orações bem poderia confundir-se no templo, e, em vez de orar por Maria orar por vos!...

Tendes razão Sr. Lino, tendes razão...

O mez de Maria não me ofereceu base para o folhetim da *Revista*. Poucas flores principalmente das de laranjeiras, que estiverão escassas de mais, quando devem espalhar o seu perfume para melhor aquecer esses corações e regalos pelo crivo celibatarismo. Ah! Senhores solitárias, se visseis um seio como Lincoln viu, pendido um ramalhete de flores belas, vos diria comovido o poeta:—

«Um seio como eu vi quebrando em azuis
Os lages do corpinho.
Prometendo de amar um mundo cheio
Men Deus, não era um seio
Era um dílio nígeo.
Onde a chama infusa d'esperança,
Qual flâmula creava
Isa vista, coroa, aglava
Como a felicidade em meio d'uma lava.»

E o Senr. Lincoln um jovem muito venturoso, devoto de S. Gonçalo, que na esperança do pomo cubicelo vai como os colibris multicolores saudando o aparecimento de mimosas flores, mas que d'esta vez achou-se em falha, pois que em vez d'essa multidão de bellas phænas com tanta ansiedade esperada ao florir da primavera, teve por sorte um cair sem fim d'ssas orvalhos divinos que por sua sucessiva alegraria, esparziu as florinhas e as herbas formosas.

Caprichoso inv. tro.

Bellissimo e.

REVISTA ELEGANTE

teatro e voar com elle, nas azas do amor, para um logar mais retirado e propicio, quando entro dominó um dominó preto, se aproximou com ares de ferroco em processão de penitencia, e batendo-lhe brutalmente no ombro, bradou em falsete:

— Xixi !

O desgraçado deu um pulo. Xixi era uma alunha que lhe botaram em Santa Rita do Torvo.

— Sim ! tornou o mascarado com grandes gestos; sim, és tu, Xixi, bem te conheço... Tu aqui e D. Chiquinha lá em casa, rezando talvez por ti, convencida de que dormes o sonho da inocencia em casa de teus correspondentes na rua de Bragança! Deixa estar que te hei de fazer a cama!

Torbio não esperou por mais nada: voou !

O dominó peitudo soltou uma gargalha argentina e deu o brago ao dominó preto.

Era este o enditabrado Estevam, que trocara o vestuário com o de um amigo no corredor de terceira orfega dos camarotes.

Quando o caixeiro sahio da casa do dominó, eram quatro horas da madrugada.

Foi para a rua de Bragança e encontrou ainda accordado o pobre Xixi, que lhe contou a inesperada apparição do dominó preto.

— Mas quem era ? perguntou o Estevam; o senhor não desconfia de ninguem ?

— Sei lá ! respondeu o fazendeiro. Assim, pelos modos, quiz me parecer que era o vigario lá da freguesia ! Elle estava para vir à corte, e, apesar de padre, é muito homem para ter isto a um baile mascarado...

E batendo convictamente com a mão aberta sobre a mesa, acrescentou muito sério:

— Não era outro !

A. A.

Nunca mais...

E todos os corações não voltam mais.
E. Corrêa.

Sem peito nenhuma se exploda,
Outra se cesa, se adorme e cessa;
Se jarda se muda de amarelado,
Outra reflete mais vistosa e bela?

Também no arnado seu formosa estrela,
Sem brilhante raios arreia,
Outra levo no céu e se apaga,
Nossa estrela de opala sofre mais bela?

Das amores as folhas tristes pendem
Murchas no chão, de novas jardins,
Outra folha nas arcadas se prende?

Tudo é assim ! Mas não as ilusões
Que o dia come as folhas se desprendem
Enquanto nos breves mal os corações ?

Hélydina.

A vida

A vida é o dia de hoje,
A vida é ar que mal sou,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que vai,
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve,
E como o fumo se evapora,
A vida dura um momento,

Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cai !
A vida é flor na corrente,
A vida é sopro suave,
A vida é estrela cadente.
Vôa mais leve que a ave;
Nuvem que o vento nos areia,
Onda que o vento nos mares,
Uma após outra lancou.
A vida — pena caída
Da aza de ave ferida—
De valle em valle impellida
A vida o vento a levou !

João de Deus.

De longe...

A Tancredo Martins.

Louge, lá onde está não posso ver,
Não posso vercirde a voz harmoniosa,
Não posso consolar-me, ouvindo o canto,
Que a tarde solta recorda e chorosa ?

Não posso ver-te, à pallida formosa !
Não posso ao lado teu ouvir-te o canto !
E vae... e vae... minha vida inteira
Nesta amargura atraí, na dor, no pranto...

Deixa perder-te a fronte scionadora...
Lembra o tempo feliz, que já passou,
E entre o pranto, à divinal *Lestória*.

Que te delícia a face bella e calma,
Revolto um leito meu para, insensato,
Envolto n'um pedo de mald' alma...

Friga de Castro.

S. Luis—1881.

HIGH-LIFE

Fazem amar no mar de Júlio falhar:

Em 3—a Esposa, Sra. D. Alícia Fernandes Galvão, digna esposa do Sr. José A. da Silva Galvão;

Em 5—a noiva amiga Paolina Rosa;

Em 6—a gentil mestra Maricília, prezada filha do nosso amigo e distinto redator Augusto Britto e o Comendador Joaquim Tibúrcio da Rocha Pereira;

Em 7—a Sra. José Fontenelle;

Em 8—a Esposa, Sra. D. Cláudia A. Rosa, digna esposa do Dr. Nestor Nino Rosa e interessante amiga Nísia, filha da nossa amiga e inteligente colaboradora Augusto Britto;

Em 9—a Esposa, Sra. D. Francisca R. Bibeiro Freire, digna esposa da Sra. Condeza Francisco Freire e o Sr. Sra. Francisco A. da Mota Rego, Antônio José de Souza Júnior e Eximido Nisa Rosa;

Em 10—a interessante mestra Olímpia Coutinho, Irmã do Sr. Antônio Lima Brandão e o Sra. Francisco Alves que comandante das tropas «Intransigentes»;

Em 12.—a Sra. Dr. Antônio Jansen de Mattos Pereira, Antônio Nogueira Passos e Francisco Soárez da Fonseca e o mestre Alvaro, filhos da Sra. Francisca Alves;

Em 14.—a Esposa, Sra. D. Maria Augusta de Magalhães Braga;

Em 15—a Esposa, Sra. Dr. Henrique de Souza, que é a amiga da Sra. Ana Paula, interessante amiga Erila, filha do Sr. Mário Moreira Pinto;

Em 16.—o General de Brigada Dr. José Zacharias de Carvalho;

Em 17.—o Sra. Odón Pires da Fonseca e Mário Jansen Moller;

Em 18.—a interessante mestra Palmeira, diretora filha do Sr. Cândido Costa e o mestre Armando, filhos do Sr. José da Silva Rodrigues;

Em 19.—a Esposa, Sra. Dr. Domingos Ferreira Pinto, prezada filha do Capitão de Engenheiros José Francisco Pinto e o Dr. José Barreto da Costa Rodrigues;

Em 20.—a Esposa, Sra. Dr. Laura Perdigão e o Sr. Mário Hoyer;

Em 21.—o José Viana Vaz;

Em 22.—a mestra Sônia, filha do Tenente-Diretor Díaz Melville, Sra. José Estanislau de Souza, José Ferreira de Souza, Mário e de Barros Teles e o interessante e simpático mestre Carlos Teixeira, diretor filha da nossa amiga e gerente Francisco Pinto Teixeira;

Em 23.—o gentil mestre Floridônio Amor, o Tesoureiro

Colonel José Baptista da Mota Rego e o Sr. Alfredo Gonçalves dos Santos Silva;

Em 25—o Esposa, Sra. D. Helena A. Viana das Reis e Amália Almeida, filha do Sr. Guilherme Alexandre de Almeida, o Sr. Jerônimo Fortado Bacellar e o mestre Oscar Coelho, filhos do Sr. Dr. Oscar Galvão;

Em 26—o Esposa, Sra. D. Maria Isabel Correia Moreira, Anna Asella Pereira Loureiro e a mestra Antoninha, prezada filha do Dr. Justo Janer Ferreira, os mestres Flávio e Flávio, filhos do Sr. Edmundo Alves Tribury, Elvira Marques Rodrigues, diretora filha do Sr. Joaquim M. Rodrigues Neto;

Em 27—o mestra Dulce, diretora filha do Tenente Coronel Adolfo Pires da Fonseca e o Sr. Ladislau II, de Castro Pimenta;

Em 28—o Esposa, Sra. D. Maria Mariana da Costa, Tenente Coronel Adolfo Pires da Fonseca e a mestra Adélia, filha do Sr. Alfredo Rodrigues de Melo;

Em 29—o Esposa, Sra. Dr. Pedro E. da Silva Rio, Manoel Pires Moreira e Durval Ernesto Correia Maya;

Em 30—o Esposa, Sra. D. Rosâlia Bonne, digna esposa do Sr. Ladislau Bonne e os Srs. Dr. Tarcísio Brochado Lopes, Antônio Edmundo da Mota Rego, Veriano Rodrigues de Souza e a mestra Ana, filha do Sr. Herculano Firmino de Almeida;

Accidentes as nossas felicidades.

EXPEDIENTE

Visita

Fomos visitados durante este mês pelos seguintes colegas, que agradecemos e retribuímos.

Rio Grande do Norte, Natal, (Rio Grande do Norte).

O Artista, Rio Grande do Norte
Monitor Católico, Bahia.

O Trabalho, Alagoas.

A Orla, Cidade da Cachoeira (Bahia).

O povo, Valença (Bahia).

Correio de Notícias, Bahia.

Era-Nova, Recife.

Gazeta do Comércio, Paráhyba.

O Artista, Paráhyba.

O Diário, Piauhy (Therezina).

Triunfo Operário, Therezina.

Gazeta do Comércio, Therezina.

A verdade, Ceará.

República, Ceará.

Diário do Ceará, Ceará.

Ceará Ilustrado, Ceará.

Correio do Norte, Guaratubetá (S. Paulo).

Revista Litteraria, S. Paulo.

O Comercial, Guruté (Pará).

O Marapaniense, Marapanim (Pará).

O Combate, Pará.

O Comércio, Pará.

A Província do Pará, Pará.

República, Pará.

O Athleta, Pará.

O Diário Oficial, Manaus.

O Alenquerense, Alenquer (Pará).

Monitor Codocense, Goiás.

O Norte, Barra do Ceará.

O Campeão, Barra do Ceará.

O Comércio de Caxias, Caxias.

O Garisco, Caxias.

O Marauense, Therezina.

O Griteri, Therezina.

O Democrata, Therezina.

13 de Março, Ouro Preto.

Recebemos também a visita do *Iracema*, revista do Centro Litterario do Ceará.

Organizada aquela brilhante associação de Letras, a primeira do Norte da República, — a collega se nos apresentou deslumbrante, como il faut.

O Thesouro do Lar

Pelo Sr. Adolfo Nogueira, digno informante via Equitativa, Sociedade de Seguro de Vida, nos foi oferecido um exemplar do «Thesouro do Lar», jornal publicado pela mesma Companhia de Seguros.

Agradecemos.

ALFAIATARIA TEIXEIRA

Tendo passado por grandes reformas este estabelecimento, acha-se em condições de servir bem a todos os seus fregueses, não só pelo grande sortimento de todas as fazendas da moda e artigos para roupa de homens, que sempre tem em depósito, como também pelo pessoal escolhido e habilitado de que dispõe.

Tem constantemente uma boa coleção de **ROUPAS FEITAS** de casemira e de brim para homens e meninos de 6 a 12 anos, todas manufacturadas n'esta grande officina, e um grande depósito de chapeos de palha e de feltro pretos e de cores, bonets de casemira preciosos para viagens e passeios, claques, chapeos de sol de seda superior, camisas, collarinhos, punhos, gravatas, suspensorios, lenços de seda e de linho, calcado, sobretudos de passeio e impermeáveis, cintos de couro, meias e mais artigos para completo vestuário de homens.

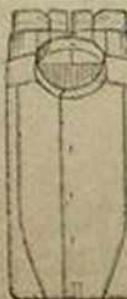


TELEPHONE 56

Único depósito das verdadeiras máquinas de costura
— "Domestic" "Singer" e "New-Home" —

LARGO DO CARMO

MARANHÃO



Camisas inglesas, brancas e de cores, lizas, com pregas e bordadas, com e sem punhos e collarinhos, qualidades superiores, duzia... \$5\$, \$0\$, \$100\$. \$120\$ e \$180\$

15.000 una calça de casemira de cor por medida.

10.000 uma calça de casemira de cor por medida.

Sarja preta	fazenda superior para fatos completos:	120.000
Paleto, collete e calça		150.000
Fraque, collete e calça		150.000
Grosel, collete e calça		100.000
Avinamentos de malha		10.000
Um saco, um no topo, 100.000		
Avinamento de malha		

Chapeus de palha, americanos e ingleses, grande variedade em feitio de 6.000 a 12.000.

Casemiras em peças para fatos e uniformes. Paleto, collete e calça, avinamentos finos... 75.000

Casemiras em peças para fatos completos—Paleto, collete e calça, avinamentos regulares...

Cortes de casemiras de cores para calças, novidade, gênero fino.....

35.000

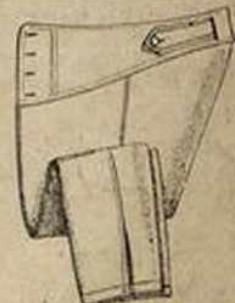


Meias fio da Escócia, em cores firmes, grande variedade de padrões—duzia
20\$000 a 28\$000

Sobretudos impermeáveis grande sortimento de 65.000 a..... 70.000

25.000 gravatas de tecidos de algodão grande variedade de gostos e feitios

Bengalas grande sortimento.



Ceroulas de brim de linho
bico, qualidade superior, duzia 70.000

Chapeus de sol, de seda preta, cabos finos 25.000, 30.000

Ceroulas de brim de algodão entramado, duzia 5.000, 60.000



Machinas

para costura Domestic, Singer e New-Home, — preços sem competidor

Casemiras em peças para fatos completos, avinamentos finos..... 10.000

22.000 uma calça de casemira de cor, fina por medida.

25.000 uma calça de casemira de cor, fina por medida.

Imp. por João B. A. Lomba, na Typ. a por da alfaiataria—T. ixema.



REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE—FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO IV | Maranhão, 30 de Junho de 1895 | NÚMERO 38

REVISTA ELEGANTE

Portugal e Brazil

Recebeu a Republica Brasileira, na sua capital, o conselheiro Thomaz Ribeiro, distinto homem de letras de Portugal, e que foi encarregado de representar esse paiz no testemunho do seu regosio pelo reatamento dos laços politicos das duas nações amigas.

O representante de Portugal foi, portanto, recebido com as homenagens a que tinha jus, sendo lhe dispensado as melhores considerações.

No dia 30 do passado fez elle entrega de suas credenciais ao sr. Presidente da Republica, a quem comunicou que o rei de Portugal lhe enviaria votos de cordial amizade, bem como que trouxera assentâncias sinceras do seu governo e do povo portuguez, pelo altíssimo acolhimento.

E, por essa ocasião, o ilustre enviado de Portugal, que aliás, observou a vida e a florescência da grande Republica Brasileira, fez uma asseveração sob verdadeiros princípios. Declarou que—nota-se neste momento uma certa perturbação na atmosfera pública de muitas nações, fenômenos que resultam da aceleração sucessiva de sua marcha, pelo caminho do progresso.

E isto, sem dúvida, o que se dá com o Brazil—paiz novo, mas que nasceu gigante e que não longe está para tornar-se um colosso. Não tem valor absolutamente algum as opiniões, que nos segredam, em sentido contrário a este nosso modo de pensar. São pessimistas esses estorvadores—eles, em desespero de causa, pretendem uma loucura—a defecção do progresso! Irrisoria tentativa—filha da cronicie ou do embriofamento da razão!

Acreditamos, pois, direta a aflição do conselheiro Thomaz Ribeiro—O Brazil caminha aceleradamente para o progresso. Se a sua atmosfera política se tem

perturbado, a sua orientação se tem declarado e accentuado brilhantemente.

E, pesar de tudo isto, felizmente para as duas nações amigas, não ficaram desfeitos os laços que sempre as prenderam, com vantagens communs.

COMPLETAS NOVIDADES

Polainas para montaria—última moda de Paris, novidade em

MARANHÃO

A MODA

O nosso figurino não nos chegou às mãos a tempo de extrairmos d'ele algumas novas indicações.

Mas garantimos aos nossos estimáveis leitores que nela de valha, referente às nossas descrições do número anterior.

Conveçomos, pois, que não houve alteração alguma, estando isto, em todo o caso, habilitados a satisfazer todos os caprichos e exigências, atinentes ao rigor da moda.

Pregadores com iniciativas para gravatas e lenços de seda com initivas.

—TELEPHONE 56—

ENDERÉS TELEGRAPHICO

—IMPERIAL—

Casa no correio 40

O Major

Minha Filha

Deus disse à noite: vagas! A' hora estrelas—socinhos; A' noite—gênes na terra; A' fruta morte—aniquilis.

Ao ser humano—de eleva; A' natureza—produz; Vemos a sorte da terra; Creou a sorte—da lira.

Faz com sorriso—a criança, De sua lágrima—o avelho, E de sua face—a esperança, E do perfume—a illusão.

Faz do sono a mocidade, Da paixão—a vida; Tornou da neve a saudade, De uma sereia—a morte.

Faz do sepeito o ressuscito, De sua formosura—o ideal, Cessou de um supremo esforço O coração mortal.

Faz o herói para ao mundo, A cora perdo de mundo; Deixa alas no poeirento, Sorriso à madrugada.

E Deus, cujo olhar divino, Na misericórdia sua e bela, Pôs sede de misterioso, Faz-te também, minha filha!

Alfredo Fernandes.

FOLHETIM

Palestrando

Bellarmino, o meu amigo Bellarmino, acuse-me com gentileza o pedido que lhe fiz socorreu-me na Revista passada, oferecendo ás amáveis leitoras um apreciado folhetim, no qual viam-se bons versos e bon prosa.

Mostrou-se um tanto acanhado, modesto!

Obrigado seu Bellarmino.

Estive devendo atacado de uma formidável constipação, e foi por isso, leitores, que deixei de cacetear os nas barras deste jornal. Agora que felizmente estou bom da tal constipação, sinto-me acometido de outra enfermidade igualmente acabrunhadora. E a tal causa que os ingleses chamam - *spleen*; e nosso hipocrisia.

E-me inteiramente impossível dar um folhetim bom, pelo menos igual ao do Bellarmino, por que nada vejo, nada absolutamente existe que me possa inspirar ou em que meu espírito se possa expandir.

A culpa não é só minha, é também do estudo apático, morrido e por assim dizer negligente em que está o Maranhão.

Tudo é monótono, tudo é triste.

Já ficarei satisfeita se estas linhas bastante tocas, mal contornadas, não vos obrigue a um bocejo ou mi frangimento de testa antes de terminar sua leitura.

E tarefa que me impuz escrever, vã lá que seja. Muita coisa tenho lido, tenho tragado até no fio a procura do salão e... nada.

E o que talvez vos vai acontecer agora, Se pretendesse transmitir o sentimen-

to acabei de ler o ultimo trabalho literário—theatral do distinto escriptor, nosso estimável conterraneo e meu particular amigo Arthur Azevedo.

Refiro-me á interessante revista fluminense, de 1894, intitulada —*O Major*—, comédia phantastica, em prosa e verso, em 1 prologo, 3 actos e 13 quadros, que pela primeira vez, subiu scena, no dia 3 de Maio ultimo, no theatro Apollo, da Capital Federal, onde continua a ser representada com grande sucesso.

E' uma critica leve, singela e conscientiosa dos acontecimentos desdobrados no Brazil, na Capital Federal especialmente, durante o anno proximo passado.

Fez o auctor o seu ponto de partida na —Guerra—terrível potestade, que sempre existiu, que sempre existirá no mundo, auxiliada ou promovida pelas suas compadreiras— Ambição e Discordia, o Odio, a Força e a Diplomacia. D'esse cortejo temível, com razão aponta já afastado o Amor, que, em tempos idos, foi da Guerra um falso auxiliar.

No prologo, conta-se, teve essa cruenta potestade noticia de que na grande República Brasileira estava quasi terminala a guerra civil, —o que seria para ella um verdadeiro desastre. Consequentemente, teve a idéa de enviar áquelle paiz um mensageiro, encarregado de evitar que se realizasse tal acontecimento. De prompto ofereceu-se, simultaneamente, para partir a Discordia e a Ambição. Mas, a Guerra

to que presentemente me repousa n'alma, teria sem dúvida de fazer uma nenia lugubre e triste como triste e lugubre é a praia que atravessa a capital nesses últimos tempos.

Oh! maranhenses! em que rezões pária o vosso espírito tão alegre, tão jovial e tão festivo!...

A essa interrogação depuz a pena fai á janella d'onde volto, bisonho e pensativo.

Vem a noite. As estrelas lá no alto em breve começam a espalhar as trevas com seu olhar de luz solitário e brusco.

Enquanto oceu se ilumina cù em laixo destende-se o negro por toda parte; invadindo a tristeza todos os angulos da cidade silenciosa e letífrica como um necrópole. Os condutores públicos estão apagados, a espera talvez que mais tarde a luar se accenda no firmamento estrelificado.

Ela que venha; aprecio as noites de luar em tempos de inverno porque é um sorriso que desabrocha na face do infinito depois das lagrimas que vertem.

Ela que venha.

Presentemente atravessamos uma quadra que outrora fora mais entretida, mais cheia de festanças e reboliceira pela cidade. Quero falar das folias consagradas a S. Antonio, S. João e S. Pedro.

Hoje, porém, quasi que se vio esquecendo dessas coisas que eu gostava tanto quando era criança.

Aqui e alem, em pontos muito distanciados, se ouve uma orchestra fraca, sem vida, entoando um funeralas velhas tradições que se estorcem no leito fatal da descrença.

As festas d'aquelles tempos vão perdendo aos poucos seu esplendor, até mesmo lá pelos sagrados tempos das divindades cristianas.

prefere mandar a primeira para a China e a segunda para o Japão, escolhendo para seguir para o Brasil—a politicagem—, o que não deixa de ser considerada pela Discordia como idéia extravagante.

Obedece a Politicagem o mando, e parte. Mas, imediatamente á sua partida, ha uma transformação no throno da Guerra, surgindo d'um coração, que se abre, o Anjo da Paz—, que declara ser o protector do Brazil, onde não quer ver luta de irmãos, e, pelo que, lança á Guerra o seu cartel de desafio.

Em seguida, desenvolvem-se as scenas dos respectivos actos e quadros, e, durante elas, surgem episódios interessantíssimos e muito verdadeiros.

Quanto ao entrecho, é o mais simples possível, e tanto que, parece, não tem o auctor importancia alguma, no que, aliás, fez bem, deixando a accão dos acontecimentos correr livre e desembaraçadamente. Em todo o caso, trouxe estes subordinados a idéia principal, d'onde tirou o seu ponto de partida.

Não deixou, assim, escapar nenhum dos principais sucessos de 95, alguns dos quais foi bastante apresentado para ter efeito a conveniente critica, e deixar uma lição de moralidade.

Occupa-se demoniadamente do vicio do jogo, que tanto tem contaminado as diferentes classes sociais do Rio de Janeiro. Occupa-se também muito do cacocheado e abandonado Theatro Brasileiro, digno de melhor sorte. Um desastre lamentável, esse, que reclama a publica atenção e os bons desejos dos brasileiros, só pena de

A prova mais solemne é que em 12 e 13, véspera e dia de S. Antonio, a igreja desse nome a noite conservou-se fechada!.

Senti algum tanto que assim estivesse o magnífico templo por occasião de tamanha festividade religiosa.

Não sou devoto (seja dito de passagem) mas gosto de render meu culto, um culto todo especial, ás virgens, filhas de Eva. E, como elas gostam também de procurar as outras virgens, era justo que se lhes abrissem as portas. Admitam, porém, oh! virgens! que lhes digo,—as portas do nosso verdadeiro templo estão sempre abertas; e o amor, por elas podeis ir ocupar o vosso supremo altar que é o coração.

Não volteis, portanto, a face a esse templo augusto também abençoado por Deus; é o único que vos pertence.

De vez em quando muito de longe ouço o estalido seco d'uma bichinaria a quebrar o silêncio pesado da noite.

Ainda me lembro de ter lido um livro onde o autor habilmente registrava todas as festas populares do Brazil.

Nesse livro bem interessante desenhava elle as que nos pertenciam e entre elas figurava os folguedos do mes de Junho com o rebolico dos fogos de artificio, fogueras, bailes, sortes e o tradicional Bumba-meu-boi!

E hoje?

Hoje, quasi que é nullo todo esse movimento; não ha pelo menos mais brilho em nenhum delles.

Não duvide, leitor, que assim falle devido ao estudo mortifico do meu espírito ou então a falta de profunda observação.

Basta, meu leitor, basta, devais eu ter bastante fatigado de me ter acompanhado pela escabroa jornada destes luhos até aqui on le facy posto.

Lincol Lino.

REVISTA ELEGANTE

serem encaminados pelo crime de lesa-honra.

Falta da imprensa, o que não poderia deixar de fazer, visto que toma esta senra parte activa nos acontecimentos, e, embora procurando ser benigno, mostra a falsa posição d'ella, esquecendo-se às vezes, como se esquece, da sua sagrada e respeitável missão.

Durante a ação da peça tem lugar a fuga dos revoltosos do porto do Rio de Janeiro, com a entrada da esquadra legal; sobre o que ha uma apoteose, certamente de bon. efeito.

Pertinente a Politicagem a partida, com a terminação da revolta no Rio, a Guerra encorou-a pela sua prática, e, querendo mette-la em brio, para que se rehabilite, determina-lhe que parta para a fronteira, pois que no sul a luta fratricida não foi terminada ainda.

Promette a Politicagem redobrar de esforços, sem descanso. Mas... surge uma mulher fascinadora, que ella reconhece ser o Anjo da Paz, e que lhe diz:

«Para traz!...
No Brasil desponta a aurora.
A doce aurora da Paz!»

A ponte-lhe, em seguida, uma apoteose à paz, com que termina a bonita revista—*O Major*, da qual o seu autor ofereceu-me um exemplar, cujo recebimento, accuso, agradecido, com estas ligeiras linhas.

AUGUSTO BRITTO.

Ciumes

—*Ora, papai, estou zangada
Por haver cosa de nado,
Mas sempre tenso rancor
O Lobo já me adora
E de nado, a certo hora,
Vou pôr-lhe a culpa!*

—*Qual, menina? que talvez?
Se o Lobo ate me disse
Que te adora e te quer levar...
Mas... confidess-me agora.
Se fizeste... rancor... não cheva...
Tu haver causa de alguma?*

—*Vamos... confessa, filha!,
E a filha da visão:
Que te fiz causa de?...
— Não, papai, es um santo.
Muito santo amar troço
Mas não posso te dizer!*

—*Quero e? Não negues, te papo!
Sócio me levo como
A sogra vez tua avoa...
— Na e! Louva, prezinha,
Foi-lhe dito meu lavrador,
Misterioso e... misterioso.*

Tito.

Scena domestica

Um sujeito muito impertinente tinha por hábito responsabilizar sempre o criado por tudo quanto de mal feito ou estragado aparecia em casa.

Um dia a dona da casa teve um pimpolho. O criado saiu exultante com as delícias da pertenência e exclama:

— Que rapazão saudoso! bonito! bem feito!

— Ira valha-me isso! resmungou o criado, se o pimpolho necessesse torto e aleijado! o patrão diria que era obra minha!

A mulher, furiosa, descompõe o mundo.

— Não te exalte, diz elle sorprendidamente, podes ter uma apoplexia, e se morres com quem queres tu que case?

— Com a mulher do diabo!

— É impossível, filhinha, a nossa santa igreja não consente que os genros casem com as sogras.

Ventura

A Antonio Pedro da Costa.

Um dia passado assim
—Junto de te—a tua lida—,
Sorvendo o perfume doce
Do teu lindo nacarado...

Um dia passado assim
—Nesse encontro...—
Vendo seu peito... esfumado,
Celeste, gentil, risinho...

Um dia passado assim
—Sentindo teus negros olhos
Sempre voltados pra' mim,

Valeu um imperio, essa vida
Sem turbas, sem escrolos,
Um dia passado assim...

São Luiz—1892. *Fraga de Gastro.*

Elle e Ella

(Ballada.)

Na hora dubia entre o dia que morre e a noite que nasce passeavam elles, os dois amantes pensativos, langeros pelo carão do caminho que vae á fonte circundada de jussareiras.

Já era noite. Um luar de estio lourejava a fronte d'aqueles dois exilados do mundo que se olhavam soletundo em cada olhar uma canção de amor.

Já era noite. Sentados ambos n'un banco rustico elevavam-se a ver o lamborear das folhas tangidas pelas auras, a respirar a emanacão delicada das nequenas e a ouvir o murmurar macio e sonorento da fonte. Elles tinham o coração aberto a suspirar amores, tinham a razão clara a meditar desejos.

Amanhão-se. Como na relva solenta pendiam as gotas de orvalho semelhante punhados de brilhantes, assim em suas almas pendia o amor em crepitacões de volupta.

Creseia a noite e o luar sempre banhando a terra em catatupas de luz argentea e esplendorosa. Elles começavam então a sentir o frio dessa noite que era para ambos de tanto calor, se o seu corpo gelava-se a alma ardia.

Creseia a noite. Elle e ella, ambos tão distantes do mundo, ali ficaram ouvindo a bellissima serenata,—a luinha que murmurava macia e sonorenta pelacaria alastrina da fonte, as auras que tangiam as folhas das jussareiras, e... tanta juras de amor, tantas!

Depois dormiram até a luz da madrugada...

E. Maria da Araújo.

HIGH-LIFE

Foram anos, no auge da胎la futura.

Em 1—a menina Odília, prezada filha do Seur. João Luís Gomes e da Sra. Tenente Theodosio Júlio Monteiro. João Venceslau Pereira.

Em 2—a Faria Seara. D. Anna Marcellina Serra de Souza.

Em 3—a Seara. Schadino A. de Moraes Ribeiro. Augusto Ribeiro de Castro. Godofredo da Silva Miranda e Luis Antônio da Cunha.

Em 4—a Seara. João Baptista Alves Lourenço e a jovem João Carlos Belo.

Em 5—a Faria Seara. D. Isaias Rosa de Freitas e a Seara.

Domingos Alves Machado.

Em 6—as Exmas. Searas. Dd. Rainha Rosa da Silva Miranda, digna esposa do Coronel Manoel da Silva Miranda e Nereia Ribeiro.

Em 7—a Sear. Semeia José da Costa;

Em 8—a Sear. José Guilherme de Almeida;

Em 10—a Sear. João Balduíno de Souza;

Em 11—a Sear. João Luís Gomes e;

Em 12—a Sear. Manoel Luiz Soares, Alexandre Castanheira de Collares Moreira e Nádia de Castro;

Em 13—as Exmas. Searas. Dd. Eugénio de Carvalho Serra

Maria de Carvalho Serra e Maria da Carmo Henrique;

Em 14—as Exmas. Searas. Dd. Josephina Amélia Heskeith e

Maria do Carmo C. e Silta, digna consorte do Seur. José Pinto

Góes e Seara. o Seur. Fausto Frazão e a meia-sózinha Glicéria, filha do Seur. Ignácio Serrano;

Em 15—a Exma. Seara. D. Joaquim Alvim Barbosa de Almeida, digna consorte do Seur. Guilherme A. de Almeida;

Em 16—a Exma. Seara. Dd. Schadino Joaquim Barbosa e Raul d'Olivera Almeida;

Em 17—as Exmas. Searas. Dd. Maria Luiza Vieira Lobo, virtuosa esposa do Dr. Joaquim Lobo e Ercília Heskeith Gomes, digna esposa do Seur. Pedro Igacius Gomes e o meino Enrico, filho do Seur. Raul Almeida;

Em 18—a interessante menina Eurice, filha do Seur. Tenente Coronel Alfredo Ferreira da Silva e o Seur. Henrique Matos;

Em 19—a meia-sózinha Zeleila, filha do Seur. Major Augusto Alves dos Santos e o Major Antônio Carvalho da Silva Branco;

Em 20—a Major Hermenegildo Jansen Ferreira;

Em 21—as Searas. Alfredo Tavares, Abenael Valente de Figueiredo e José Martins Ferreira Junior;

Em 22—as Exmas. Searas. Dd. Maria Theresa Lobo Soares, virtuosa esposa do Seur. Manoel L. Soares e Mariântela, filha do Seur. Camilo Costa, o Seur. José Alves Pereira e a meia-sózinha Carmen, filha do Seur. Bernardo Berredo;

Em 23—as Searas. Arlindo José Tavares e Appolinario Jansen Ferreira;

Em 24-as Exmas. Searas. Dd. Christina Maria Moreira Góes, Joseph Costa, Rainha Rosa Fernandes e Amélia Góes e a meia-sózinha Christina Coelho e o Dr. Alair Nina;

Em 25-as Exmas. Searas. Dd. Maria Magdalena Freitas Machado, digna esposa do Seur. Domingos Alves Machado e Eusebiu Antônio Salomão Beaufort, no Seur. Tenente Arthur Eduardo Pereira, Capitão Tiago Torres, Jerônimo Fortado Buciello e José Augusto de Carvalho e o meino Claudio, filho do Dr. Artur Moreira;

Em 26-as Exmas. Searas. Dd. Maria José Costa Fernandes e Sofia Fernandes e os Searas. Dr. Luiz Serra de Moraes Rego, Walter William Sabino Brondum e Adélia Valente de Figueiredo;

Em 27—a Sear. Coronel Feliciano Moreira de Souza, Amadeu Pinheiro e Dr. Fábio Nunes Leal;

Em 28—a Faria Seara. Seara. Dd. Maria Lúcia Ferreira da Silva e Zeleila Nina, no Seur. José Filinto de Oliveira, Alípio Marinho e a meia-sózinha Anaíde Alves Pinto Teixeira;

Em 29—a Exma. Seara. D. Anna Rosalia Varella, digna consorte do Seur. Ezequiel Varella e o Seur. Capitão Joaquim de São Paulo Reis e Joaquim Igacius de Moraes;

Em 30—a Dr. Joaquim da Costa Lobo;

Em 31—a Exma. Seara. Dd. Elisa Frazão, Joaquina das Passes Moreira, digna esposa do Seur. José Luiz Moreira e Maria Henriqueza Valente de Figueiredo, digna consorte do Dr. Lourenço Valente de Figueiredo e os Searas. Francisco de Paula Rodrigues de Melo, Schadino d'Áragua Novais, Eça de Oliveira Cordeiro Frazão e Pedro A. da Rocha.

Acrescento as nossas felicitacões.

EXPEDIENTE

Mimosas poesia

Publicámos na presente edição da nossa *Revista* uma mimosa poesia intitulada *MIMHA FILHA*—do poeta Jaimo Alfredo Frenandes, a qual a bordo do vapor *Clyde*, em que seguiu o Conselheiro Thomaz Ribeiro para a Capital Federal, foi recitada pela meia-sózinha Adalgisa Neiva, filha do Seur. deputado federal e jornalista João Neiva, merecendo elogios do ilustrado poeta português.

Por falta absoluta de espaço deixamos de publicar as poesias que nos foram gentilmente endereçadas, com os seguintes títulos:

Vinha afflita, Rimando, Meu segredo, Tolidei, Impressiones d'un baile, Primavera, Elio de lagrimas e Phantasia.

Temos mais sobre a nossa mesa a lucrativa poesia denominada *Stupidos*.

Os versos estão realmente bons, feitos com arte, mas...

Vinda não estamos em época de abalar solerter a legenda positivista—Viver as claras—que o autor manifesta no segundo terceito.

Quanto à nós, amigos da verdade, apresentamo-la com merece.

REVISTA ELEGANTE

ALFAIATARIA TEIXEIRA

AO PUBLICO

Gaspar Teixeira & Irmão.

pedem a visita de seus numerosos fregueses e do público em geral, ao seu estabelecimento, que tendo passado por grandes reformas acha-se em condições de servir bem a todas as pessoas, não só pelo grande sortimento de todas as fazendas da moda e artigos para roupa de homens que sempre tem em depósito, como também pelo pessoal escolhido e habilitado de que dispõe.

Teem constantemente uma sem igual coleção de

ROUPA FEITA

de casemiras, sedas e brins, todas manufacturadas nas suas vastas officinas, onde trabalham diariamente 50 operários.

Alem de sua seção principal, que é

ROUPA FEITA E POR MEDIDA,

chamam a atenção de seus fregueses e do público para a grande seção de

MODAS PARA HOMENS,

que consta de todos os artigos indispensáveis para completo vestuário de homens, distinguindo-se entre elles os seguintes: chapéus de feltro preto e de cor, diuros e molles, elajes (chapéus de opera), chapéus de pello, chapéus de palha, ingleses e americanos, bonets (casquettes) próprios para viagem e passeio, de seda preta e de casemira de cor, chapéus de sol de seda preta e de cor (para verão e inverno) com cabos de marfim, cerejeira, e castanheira

56
HOME
TELEPHONE

euro, bengalias, calcado de Bostock, meias de seda, fita da Escócia e algodão, pretas, brancas e de cores, correntes de linho e algodão, camisolas de flanelha, camises de lin, camisas-inglesas, francesas e alemães, brancas e de cores, lisas, com pregas e bordadas, com e sem punhos e collarinhos, collarinhos e punhos de linho puro, de todos os formatos e tamanhos, petílhos brancos e de cores, gravatas de seda, lana e algodão, de todas as qualidades e feitos, pretas, brancas e de cores, pezadores de metal, com inicias para gravatas, alfinetes para gravatas, suspensorios, lenços de seda branca e de cor, com e sem inicias, lenços de linho, perfumarias—essencias e extractos para lenço, aguas de toilette, sabonetes, pós, pastos e aguas para dentes de todos os grandes perfumistas franceses, ingleses e americanos, luvas de pelica branca, preta e de cor, bordadas e simples, sobretudos de passeio, sobretudos impermeáveis cintos de couro, cintos colletes, pijamas de seda e de lana, fatos para casa (sistema law-tennis, etc, etc).

Continuam a ter um colossal depósito das verdadeiras máquinas de costura,

**Domestic, Singer, New-Home,
Minerva, Domina, Columbia,**

e são os únicos depositários n'este Estado das maravilhosas máquinas de costura

DAVIS,

a mais perfeita de todas as máquinas do mundo, o assombro da época.

Como lembrança da grande reforma porque acaba de passar o seu estabelecimento, dão um **DELICADO MIMO** a todas as pessoas que lhes fizerem qualquer compra desde o dia 1.^o a 31 de Julho de 1895.

LARGO DO CARMO

-MARANHÃO-



REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE—FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO IV | Maranhão, 31 de Julho de 1895 | NÚMERO 39

REVISTA ELEGANTE

O JORNALISMO

Para falar do jornalismo é preciso primeiro falar da imprensa,—a conquista mais opulenta e mais gigantesca do espírito humano.

Gutenberg! Gutenberg! como tens sido admirado pelo mundo. Teu nome é grande como o sécupo que te contempla, tão prodigioso como o mundo que te admira. Somente tu tens o poder supremo de eternizar os povos. A imprensa forjada no teu cérebro de ouro é uma eternidade.

Viver sem ella é caminhar para a morte. Ella é o laço que vincula o presente ao passado; é o factor da civilização; é o céu onde fulgura serena e luminosa a estrela do pensamento.

Da imprensa, desse caudão enorme, formidável explodiu retumbante dois projectis, ruiros como o sangue, quentes como o sol—foi o livro e foi o jornal. Como sol iluminou as gerações e como sangue deu vida.

O livro disse o poeta:

«Conquista mundo inteiro sem nunca ter Wartelão.»

E o Jornal?—Falemos agora do jornal, filho da mesma entranha, riao da mesma luz.

O jornal no seu mais amplo e dilatado desenvolvimento é o depositário das idéias de um povo, e deve ocupar-se de causas grandes e ateiás, sempre em proveito do paiz. N'ele pode e deve colaborar o capitalista e o operário cada um cooperando na medida de seus esforços.

O jornal é o livro do povo, sobre que o povo medita. A sua missão é nobre e tem como a religião o seu apostolado sincero, leal e criterioso.

O livro, igualmente soberano, pede, porém, ao contrário do jornal, uma leitura mais demorada e requir, al-

guem tempo de que o público em geral não dispõe.

O assunto de ordinário é sempre o mesmo; não ha variantes como acontece ao jornal que num só tempo discute e analisa todos os factos, expõe e descobre todos os acontecimentos, qualquer que seja a ordem de interesses.

Poucos comprehendem um livro enquanto que o jornal, esse é lido desde o palácio até a choperia.

Verdade é que o jornal tem uma vida menos precoce que a do livro, mas as doutrinas que n'elle se encerram também cedem ao imperio do tempo; são raras as que envelhecem e morrem por outros que nascem e vivem mais concertâneos com a mentalidade da época.

Todas essas palavras rápidas sugerem-nos a propósito, somente a propósito de uma carta que foi publicada e dirigida ao Director do *Estado de S. Paulo* pelo distinto doutrinário, apostolo do Positivismo, o Sr. Vicente de Carvalho na qual, retirando-se do jornalismo, diz que o fez porque comprehendeu o papel importuno que pessoalmente representava como literato, fornecendo elemento para a anarchia mental reinante.

Si o jornalismo, ou o literato, fosse realmente um dos factores da dissolução moderna; se o germem da destruição moral não estivesse impregnado no nosso sangue, sangue de tres raças que se cruzam, se não fosse a falha absoluta de orientação por quasi toda orbe, a julgar la completa de capacidade para sustentar, sem poder, novas escolas de philosophia, de sciencia, arte, literatura, política e religião, então diríamos convencidos que o illustre Sr.

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

—IMPERIAL—

Caixa no correio 40

REVISTA ELEGANTE

LITTERATURA E VARIEDADES

Vicente de Carvalho houvesse contribuído para a regeneração da pátria.

O mal que acompanha o escritor moderno, é, como se vê, a falta de cabedal científico e literário para produzir artigos bons, obras boas, perduráveis. Que se estuda mais e se escreve menos, estamos de acordo.

O jornal é um oceano revolto de idéias onde pode muitas vezes fluctuar uma conceção vigorosa e feliz.

O presente assumpto oferece uma these ampla a desenvolver, mas não o fazemos porque nos falta tempo e espaço. Terminam-nos aqui em defensiva do nosso posto.

Desculpe o Sr. Carvalho, caso nos leia, a humilde divergência de opinião.

Somos e seremos culturista do jornal que é o Tribunal da opinião pública.

A MODA

A moda por enquanto é a mesma da que demos ultimamente notícia. Não tem havido alteração alguma nos figurinos; logo que saibamos de qualquer novidade seremos solícitos em vos comunicar para que possas ter conhecimento do que vae aqui, pelo grande muio Parisiense, em matéria de luxo, e assim satisfazeres vossas fregueses, o mais exigente no bom gosto.

(Do nosso correspondente.)

FOLHETIM

Sem título

Pleno saraú. Damas e cavalheiros deslissam galhardamente pelos salões em festa. Walsas delirantes arrebatam os pares enfrejados. Ba frômitos de goso, de prazer em todo o lar festivo. Gaias plisionomia é teta palpante de uma satisfação íntima. Cada olhar o espelho onde se reflectem as emoções de um entusiasmo ardente.

So, a um canto da sala observo a festa de que tenho como que o dever imperioso de historiar, rabiscando, aquarellando por assim dizer os quadros mais impressionáveis.

So observo, olho, mas não vejo, não sinto a menor emoção de alegria, a mínima sensação aprazível, sofro no íntimo enquanto outros gozam, julgo-me sob o peso de uma enfermidade misteriosa que me acatumba à alma, de vez e quando ardo um tacho e procuro a custo dissipar o meu *spleen* nos flocos ondulantes da fumaça entorpecedora do tabaco, mas devo, o fumo não é suficientemente energético para suffocar a minha hypochondria o tédio que estou possuído.

Terrível situação! Vejo ante mim o prazer com suas múltiplas abstrações, quero gozar, sentir a alegria que todos sentem, mas um que misterioso m'oproíbe, experimento um suplicio fantástico—vejo a fronte crystallina onde poderia suavizá-la mas é impossível fazê-lo, abste-me a pressão nostalgiante do tédio—o companheiro fatal de todos os prazeres.

Phantasia

Esta noite eu tive um sonho,
Vê que sonho!... Na verdade
Seria muito risível:
Se fosse a realidade!

Muito longe, muito amanhã,
Nós fomos inserir-nos bosque
Num chalé distante elegante
Com aparência de kiosque.

De um lado um lago de neve...
E, no alto, um cemitério com
Vés pintadas ao leve
Sobre os relvados um chuveiro.

No valle que além se some,
Na montanha, um parque inverno
Se ostentando como me nome
—Em monogrammas—n'ma leço.

Do horizonte à lomba, ao longe,
Isola, em curvas, um agitado
Mar azul como o sagrado
Cupaz nas costas de um monte.

Do bosque na solidade
Um friozinho que transparece,
Tão grande como a solidade
Tão doce como uma prece.

Dois ramos pendem nos bicos
Frutas suaves—cerejas, pêssegos...
Perpassam pelas espumas
Hymnos, sons e dithirambos.

E todo aquello devocio
Tão longe assim da cidade

Não há goso por mais delicado, por mais nobre, que não seja o seu factor; não há prazer a que o tédio não succeda; o tédio é a continuação penosa do gozo. Ai de nós se assim não fosse! ai de nós si esse symptoma nostalgiante da alma não viesse suspender por algum tempo a continuidade nociva dos prazeres, retompar o organismo gasto pela sua successão ininterrupta!

O tédio é um repouso para a alma, repouso morbido, é verdade, mas um repouso em que nos predispõe a um prazer melhor.

Sem o tédio o gozo é uma chimera.

O prazer é a successão alternada do agradável e penoso.

Para que se goze o agradável convém que se sofra o penoso.

Para que se sintam as emoções aprazíveis é preciso experimentar as sensações doloridas.

Para que haja prazer urge que o tédio exista.

O tédio prepara o gozo, como a tristeza precede a alegria, o pensamento gera o riso, a infelicidade proíbe a ventura, como a noite nasce o dia, da tempestade volve a humanidade, como a morte crea a vida.

Mas o tédio é também a consequência do prazer: sucede no goso, como a tristeza, a alegria, o pranto no riso, a infelicidade à ventura, o dia à noite, a tempestade à bonança à morte à vida.

Então o prazer é um tédio agradável, e o tédio é um prazer penoso.

Deixo porém essas divagações paradoxais, essa philosophia do tédio, que talvez amplia e desenvolvida poderia dar um gresso in-exaustível, capaz de immortalizar algum Immortal, deixa-a de lado e vou tentar de que me lembrei ou antes me esqueci — a discussão sucinta do saraú,

E' quasi que um coro a coro
Vestido de modicida.

E em meio d'apito tada
Eu contigo, tu consigo,
—De amor n'ma extase ando...
Saudos em nosso abrigo

Elevando nos espacos
A voz'd'uma agradecida
Com o nosso filo nos braços
...Nossa filo a nossa vida.

Gaudindo sobre esse leito
Prazer—o que doce recato
Da noite n'ra o segredo
Pelas solidões da noite.

Com nosso espírito penatrado,
Ade o amor que assim nos canta,
Como um chrisma apelado
Ao pez do altar de una Santa!

I Xavier de Carvalho.

Um Calembour

O Sr. P. é hospede em casa d'uma elegante dama. Despede-se, vai para retirar-se, e quando ia já no pateo, recordando-se de que lhe falta uma coisa, sobe outra vez a escada, volta-se para a dona da casa que ainda era nova e formosa, e diz:

—O' minha senhora, eu queria a malha
—Amar-me! repele a jovem, cheia de pejo. O Sr. P. é demasiado imprudente.
—Pois é imprudencia em querer a malha que me havia esquecido?
A senhora.—Ah!

embora triste como o meu coração, nostalgiado como a minha alma; pois na frase pluricíntia do naturalista, *le style c'est l'homme*.

Mas... que digo! As divagações de hui pouco encheram-me as tiras marcadas pelo compositor, não há nenhuma linha a escrever.

Alem disso, a hora da noite vai adiantada. A treva cae pesada no meu espírito alquebrado pela fatiga de um dia operoso, a chuva goteja pausadamente, numa queda monotona e triste, golpe o tecto do gabinete em que escrevo, como si suas gotas fossem lagrimas de saudade vertidas sobre um tumulo, o vento sopra algidamente vergastando a imensidão, a natureza entristece, o meu espírito se acalma com íntimos pavores. O momento paramos é da noite do poeta

«Sinto a franqueza d'água, a satyra do vento
A hyperbole da treva em pleno firmamento»

E soffresco a influencia misteriosa do tempo apoderar-me do mesmo te dir que se sacar menssaberbar, aban-fono devarado a pena que escrevo—punhal que mata o corpo, mas ferre o espírito—detome e procurando a custo o sommo que fogilhoso no meu brutal isolamento do espírito aquelle grito da alma revoltada contra a vida—este doloroso protago da morte

Tenho tédio de mim:
De tudo que me cerca,
Dos sonhos que sonhei,
Dos versos que escrevi
Não gosto do rumor
Faustoso da cidade,
Ódio à Humanidade,
Não sei por que nasci.

Paulo d'Almeida.

REVISTA ELEGANTE

Tolinha !

(Imitação.)

Na terra bela e manchada
Conduziam a Joanninha;
Era ninda tão pequena...
Uma céu... Tolinha !

Via, a lhe... volta,
(Era no cimo da tarde),
Ela fitou-me à socapa
Com olhar feraz—Tolinha !

Um dia por um acaso,
Encontrei nô a Joanninha,
Mas eli fêz-me esquecer,
Cocô, e foi-se... Tolinha !

Diançado usava ver com ella
Apercevia nô na minha,
Ella com pouco confusa
Correspondesse-me—Tolinha !

Outra vez, furtivamente,
Entreguei-lhe uma cartinha,
Ella pegou, e guardou-a,
Riu-se p'ra mim, e... Tolinha !

Pedi à eli um beijito,
Quando estivesse sozinha;
Elas a vista enfeitada,
E com幽... Tolinha !

Houve-lhe então que d'zia
Ponha a existência nô;
Ela sorriendo o olhar
Fitou p'ra mim, que tolinha !

Depois, com ligamente,
Disse com ar de raízada:
«Porque não casa comigo ?
Que tal, leitor a Tolinha ?»

vens, arremessa o raio ensorbece a vaga? Deus!

Eis a poesia da religião.

Recatata II. de Mello.



E'lo de lagrimas

Noite medonha ! A tenebra pesada
Que sobre o teu olhar dos astros se destende
Ruge a espacos e, subito, responde
De sinistros relâmpagos cortada.

E a chuva a sibilar, soltando em cada
Gotta que desce um-ai-que não se estende,
—E'lo feito de lagrimas que prende
Ao céo tristonho à terra desolada.

Eu te imagino agora, oh minha amada,
Dolorida a chorar em meio a estrada
Que o destino traçou em nossa frente...

E como a chuva o céo à terra unindo,
Será tua pranto sobre mim caindo,
—Um élo que nos prende estreitamente.

Antonio Salles.

HIGH-LIFE

Gafas e o menino Odilon, filo do Coronel Adolpho Pires da Fonseca;

Em 22—o Senr. Raimundo Teófilo Lisboa Coqueiro, Dr. Goett de Carvalho e a menina Alice, filha do Senr. Antonio da Silva Santos e o Senr. Raimundo Lisboa Coqueiro;

Em 23—o Senr. Benicio Augusto Rodrigues;

Em 24—a Exmo. Senra. D. Maria Theresa Guterres Prado, o Senr. Roberto das Neves e Silva e a jovem Antonio Barreiros Coelho, filho do Senr. Carlos Coelho;

Em 25—a Exmo. Senra. D. Donizeta Janice de Matos Pereira e os Snes. Luiz de Medeiros e Osmaldo O. Mendes;

Em 26—ao Exmo. Senras. Dd. Maria Zefirina Moreira e Conceição Barreiros Coelho, filha do Senr. Carlos Ferreira Coelho e o menino Almir, filho do Senr. Antônio Bernardo Pinto Soárez;

Em 27—a Exmo. Senra. D. Júlia Vicentina de Moraes Rego, os meninos Everardo, filho do Senr. Horácio Arcecião, Raimundo, filho do Dr. Joaquim da Cunha Lobo e Sílvia, filha do Dr. Francisco Antônio Brandão, o Capitão Augusto Tasso Fragoso e a jovem Egílio Gonçalves Rodrigues;

Em 28—a Exmo. Senra. D. Raimundo Leopoldino da Silva Eibeiro e a menina Cândida, filha do Senr. Antônio Rodrigues de Souza;

Em 29—o Senr. Antônio da Silva Monteiro e a sua interessante filha Iolanda Loter;

Em 31—o Exmo. Senra. D. Amâncio Leopoldina Pires da Fonseca;

Accreditem os nossos cumprimentos.

EXPEDIENTE

Visita

Fomos visitados durante este mês pelos seguintes collegas, que agradecemos e retribuímos:

BiotGrande do Norte, Natal, (Rio Grande do Norte).

A Religião

Dens! Eis a primeira nota que zoa pela alvorada dos hymnos festivos da criação, e o ultimo eco que soluçam as nemias do crepusculo ao despedir-se da noite.

Deus! magnifica irragem do infinito, de que só vemos o pedestal; colosso imenso da eternidade, do que só presentimos o poder, venerando emblema da virtude de que apenas adorámos a sombra! Elle é o sol da verdade que não conhece poente; a fonte do bem, que não se perde nos mares; o horizonte do bello, que não se cobre de nuvens.

Princípio de tudo, a humanidade é um efeito de que elle é a causa. Daqui a relação entre o homem e Deus, e como da religião que nasce a lei, d'esta nasceu a religião. A religião é pés a lei, suprema das criaturas racionais, como definia Lamentais; é o elo inevitável e indissolúvel que prende o infinito ao infinito, o homem à Providência, a consciencia humana à inteligencia divina.

E uma lei inevitável e necessaria como a da morte. Elemento integrante de todas as organizações, é ela inata de todas as consciencias, os próprios atheus não desconhecem, negam-n'a. E porque? Não o sabemos dizer, não é fácil penetrar o pensamento que move os encrachios dos homens, nem saber de que lado sopra o vento das paixões.

Pergunta-lhes, porém, quando no isolamento do mundo e no silencio de sua consciencia, passa por suas frontes apavoradas e frias, o carro da tempestade, arrastado pelos fogosos corseips do furacão que impulsiona mysterioso precipita as on-

Festas maiores no mês de Agosto futuras:

Em 1—à Festa, Senr. D. Juventino Ferreira de Souza e o comunicador Caetano Bozzo;

Em 2—à Festa, Senr. D. Rosa Emilia Ribeiro e os Sres. Armando Oliveira Almeida e Francisco Estadão Castello Branco;

Em 3—à Senr. Mamede Ribeiro da Cruz;

Em 4—à Festa, Senr. D. Miguel Ferreira de Souza e o mico por Odílio Thomé Bozzo;

Em 5—à Festa, Senr. Dd. Zelina Hesselt e Geneciosa Cavalcante Lima e o Senr. Mamede de Brittoencourt;

Em 6—à Festa, Senras, Dd. Maria Augusta Leal Guimaraes e Adelina Pereira Guimaraes virtuosa esposa do Senr. Sebastião Pereira Guimaraes, os Sres. Dr. José Rodrigues Fernandes e Antônio José Ferreira;

Em 7—à Conrado Frederico Gonçalves Machado;

Em 8—à Festa, Senras, Dd. Zelina d'Alvorsa Borba Marques, virtuosa esposa do Comendador Augusto Marques, Bonifácio da Costa Moraes e Maria Augusta de Castro;

Em 9—à Festa, Senra, D. Matheus Joaquim T. Januário Ferreira e o espertissimo jovem Amadeu Aron;

Em 10—à Festa, Senra, D. Almeida de Magalhães Salles e Dr. Lourenço Valente de Figueiredo, e a amiga Zelina Arcoverde, filha do Senr. Henrique Arcoverde;

Em 11—à Festa, Senr. Augusto de Matos Pereira, o mestre Benedito, filho do Senr. Antônio Raposo e Senr. Vicente Pires;

Em 12—à Festa, Senra, D. Lucia Fernandes Ribeiro, e a mesma Anna Ribeiro da Silva, Antônio Rodrigues de Souza e Silva, filha do Senr. Schimidt e Aragão Neto;

Em 13—à Festa, Senras, Dd. Rosa Nisa Parga Góes, Maria Augusta de Castro, o Tenente Coronel Alfredo Ferreira da Silva e o Senr. Antônio Almeida Bozzo;

Em 14—à Festa, Senras, D. Cecília Rodrigues de Melo, e seu marido Alvaro Goyano de Aguiar Pinto, filhos do Senr. Antônio Bernardo Pinto Sodré e o Senr. Antônio Pires Ferreira; Em 15—à Festa, Senras, Dd. Maria Augusta da Silva Moreira, digna consorte do Senr. Antônio Domingos Moreira, Maria Izabel Ferreira Lins e Antônio Gaudêncio e o mestre Bernardo, filhos do Dr. Carlos Pires;

Em 16—à Festa, Senr. Afonso Avelino Mendes;

Em 17—o mestre Benedito, filhos do Senr. José da Silva Rodrigues e o Senr. José Gonçalves da Rocha Júnior;

Em 18—à Festa, Senras, Dd. Amélia da Cunha Barros e Vasconcelos, filha de Pedro Pimenta, digna esposa do Senr. Alfredo Fontana e o Senr. Harold Harris Sabino Broadbent;

Em 19—à Festa, Senra, D. Leonilda Rodrigues de Melo, a inteligente sacristã Santa Rosalia, filha da Capitão José Mamede Bozano, e Dr. Augusto de Melo Bozano e o Senr. Antônio Bozzo;

Em 20—à Festa, Senras, Dd. Filomena Adolpho Rodrigues de Melo e Angelina de Souza Bozzo e a inteligente jovem Benedicta Pires da Fonseca, filha da Comendador Adolpho Pires da Fonseca;

Em 21—o Senr. Adolpho Baptista Aguiar e Caetano José Ribeiro e a jovem Carlota Lemos Fonsêca e Srs. e Sras. Maria Luiza, interessante filha do Senr. José Alvim da Silva

O Artista, Rio Grande do Norte
Monitor Católico, Bahia.

O Trabalho, Alagoas.

A Ordem, Cidade de Cachoeira (Bahia).

O povo, Valença (Bahia).

Correio de Notícias, Bahia.

Era-Nova, Recife.

Gazeta do Commercio, Parahyba.

O Artista, Parahyba.

O Diário, Piauhy (Therezina).

O Piauhy, Therezina.

Tribuna Operaria, Therezina.

Gazeta do Commercio, Therezina.

A Verdade, Geraí.

A República, Geraí.

Diário do Geraí, Geraí.

Geraí Ilustrado, Geraí.

Correio do Norte, Guaratinguetá (S. Paulo).

Revista Litteraria, S. Paulo.

O Commercial, Gameti (Pará).

O Maranhense, Marapanim (Pará).

O Combate, Pará.

O Commercio, Pará.

A Província do Pará, Pará.

A República, Pará.

O Athleta, Pará.

O Diário Oficial, Manaus.

O Alenquerense, Alenquer (Pará).

Monitor Codóense, Codó.

O Norte, Barra do Corda.

O Campélio, Barra do Corda.

O Commercio de Caxias, Caxias.

O Corisco, Gaxias.

O Murumirio, Therezina.

O Giro, Therezina.

O Democrata, Therezina.

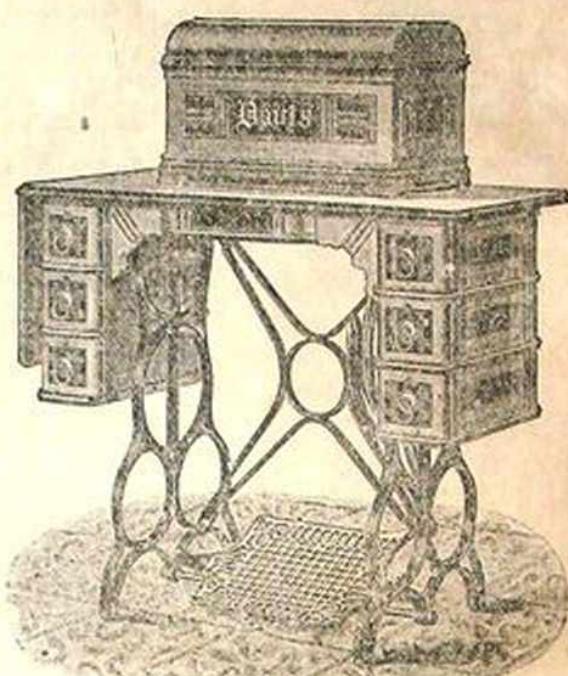
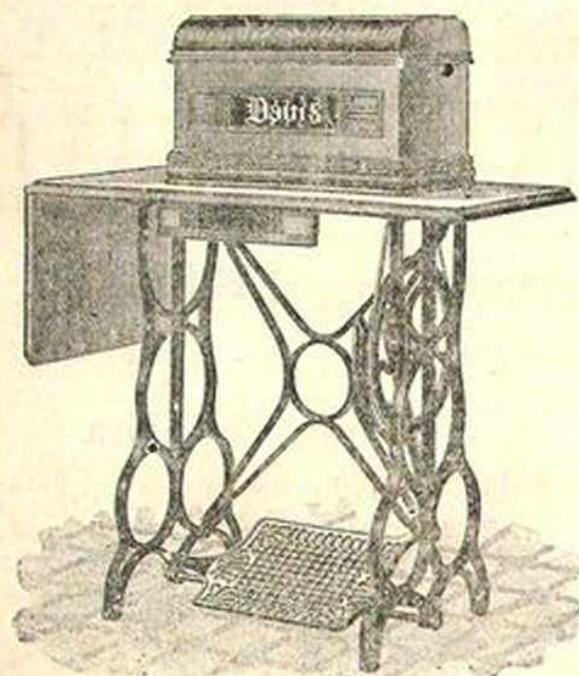
13 de Maio, Ouro Preto.

Recebemos também a visita do *Irreverente*, revista do Centro Litterario do Geraí.

Organ daquella brillante associação de Lettras, a primeira do Norte da Republica, —a collega se nos apresentou deslumbrante, contou o fato.

ALFAIATARIA TEIXEIRA

DAVIS



A ultima invenção em machina§ de costura
--UMA VERDADEIRA MARAVILHA--

O seu machinismo consiste em 1 alimentador vertical e num unico ferro

É UM VERDADEIRO THESOURO

coste todos os tecidos desde a mais fina cambraya no mais grosso, para
acompanha cada machina um estojo com todos os accessorios para auxiliar
todos os trabalhos de costura.

UNICAMENTE EM EXPOSIÇÃO e à venda
n'este estabelecimento.

Chapeus molles de feltro, americanos recentemente des-
pachados. Variedade em gostos
a 105, 125 e..... 155000

Chapeus de pitha, americanos
e ingleses - grande variedade
em feltro a 65, 85, 105 e..... 125000

Chapeus de feltro, duros,
grande sortimento a 115, 135
165, 175 e..... 185000

Chapeus de sol, de seda, com
cabos de cera-juta, juncos, mar-
fim e castão de ouro a 285, 305 e 455000

Bonatas, enorme sortimento
gostos variadíssimos de 55 a... 405000

Gravatas de seda, lã e justão—
marinheiros, de liso, Lavallé-
res, brancas, pretas e de cora
16, 25, 35, 45, 55 e..... 63000

Cintos colletes, de seda e justão—última moda em Paris—a diversos preços

Cintos de couro a..... 25.000

Cintos farfias de seda — completa no-
vidade—a diversos preços

Punhos de linho, de diversos
feitios a 205, 225 e..... 245000

599 duzias de collarinhos
de linho puro de todos os fei-
tios a 125 e..... 155000

Perfumaria francesa, inglesa, ale-
mã e americana—colossal sortimento.
Todos os perfumes em extractos par
o lenço, sabonetes, pó da areia, pó
pasta e água para dentes, água de lo
leite, etc., etc.

Verdadeira novidade em *Perfumaria das*
rádios

Pregadores para gravatas,
com iniciam..... 135

Lencos de seda, com e sem iniciam
Para todos os preços

Imp. por João B. A. Lomba, na Tip. A
vapor da alfaiataria—Teixeira



REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE—FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO IV | Maranhão, 31 de Agosto de 1895 | NÚMERO 40

REVISTA ELEGANTE

A pacificação

Está pacificado o Rio Grande do Sul. Os vencidos e os vencedores de hontem se confundiram fraternalmente e a imagem veneranda da Patria sobrepujante a quaisquer outros sentimentos que por ventura houvesse de parte, deu lugar a que o Paiz tão assolado por essa luta fratricida entrasse no caminho que lhe

foi traçado na marcha evolutiva dos povos. Honra, pois, as partes, que assignaram a paz. No resultado obtido na missão honrosa dos generais Silva Tavares e Galvão não houve desejo para nenhum dos lados, muito ao contrario, portaram-se gallardamente podendo-se mesmo afirmar que excederam a expectativa geral do Paiz que tinha os olhos fixos nesse heróico recanto do território nacional, grande pela valentia de seus filhos, que se chama Rio Grande do Sul.

O historiador do futuro ao analisar esse acontecimento momentoso fará de bem dizer tal desenlace vitorioso, digno de um povo civilizado que embora errando hoje, amanhã mais reflectido, mais calmo, conhescendo que a luta só traz o atraso e a deshonra para o Paiz, retrocede, humilha-se e sem ofensa de seus brios abre os braços e desenrola a bandeira branca da paz.

Como não estremecerão de júbilo a esta hora o coração dos dezoito lados marinheiros armada com as feridas mal fechadas uns, e outros fumantes e maltratados pelas ruas de Buenos-Ayres, somente porque desejavam lutar em prol da grande causa que hoje foi considerada nacional pelo consentimento do proprio Presidente da Republica? Como não palpitarão também de contentamento os peitos dos soldados que nos Pampas riograndenses eram obrigados a sustentar a esse altruir que se cingiu guerra civil, lutando' perito a peito, tirado a almeia com os filhos de sua mes-

ma terra, com seus próprios irmãos? Como não regozijarão de entusiasmo o coração d'esse colossal Paiz a que todos nós nos devaneecemos em pertencer, o Brazil?

Está efectivamente assignada a paz, e como com ella tem-se necessariamente de augurar uma nova existência de prosperidade em nosso meio político e social, nós d'aquei dessas columnas saudamos entusiasticamente a todos os obreiros do grande sucesso que se acaba de dar.

MODA

Paris

Mantemos o que vos comunicamos na correspondência passada: a moda não tem tido até agora alteração alguma; regula-se pelos últimos figurinos já enviados. A unica novidade que julgo de necessidade fazer menção é a dos chapéus que se usam presentemente de copa e aba um pouco mais baixa conforme o sortimento que n'esta oportunidade lhes fazemos remessa.

(Dos nossos correspondentes.)

CHAPEUS de feltro, duros pretos e de cores, grande novidade, para todos os preços.

TELEPHONE 56
ENDEREÇO TELEGRAPHICO
—IMPÉRIAL—
Caixa no correio 40

LITTERATURA E VARIEDADES

Au depart

E certo, e certo eu vos posso crissse:
Dever, evel dever de ti me assenta,
Mas que dentro em mim peito a dico es'enga
De ser fime a palco que me almeja:

Em vos partiu, devorâo amio querido;
Pecado justo é o meu pernando,
Como do acato o corpo partido
Na despedida, no fatal momento:

Em lados d'outros terras, d'outros plágas
Eu pedirei a Deus que as fortes cegas
Que condamna d'qui o seu longando,

Te sejo mimo deus, zcandidatos
Das deféries d'auor, para, inacessos
Que por ti hei de ter forrasso angusto.

10-8-95.

Cofo Xisto.

O espírito humano se tem ocupado com tudo. Encontramos n'um suplemento velho do «Diário de Notícias» a seguinte curiosidade:

Fragmento de um discurso sem verbo

Mas em resumo, o Sr. autor, qual o fim da redação d'este opúsculo a um estylo d'um novo gênero e a utilidade para as letras d'um tal composição sem o emprego do verbo? Qual a vossa resposta a esta importante pergunta? Ora meu querido leitor! Eis a nossa resposta: Em pri-

REVISTA ELEGANTE

meiro lugar pelo nosso desejo, d'uma proxima admissão nas escolas do tipo d'esta nova produção francesa, como um meio muito eficaz para desenvolvimento das faculdades intelectuais dos educandos estudiosos especialmente por um frequente exercício sobre a composição de diversos assuntos clássicos sem o emprego do verbo.

Em segundo lugar pelo gosto da novidade d'este gênero de estylo com um estímulo, meio próprio para a excitação da sua curiosidade natural e para o alcance de solução das dificuldades sempre em reprodução em quasi todos os períodos, em razão da ausência dos verbos. Em terceiro lugar por um zelo infatigável na procura das palavras e pela escolha de uma agradável elegância na construção das frases na substituição d'esse aborrecimento e d'essa preguiça tão natural na juventude, em summa, por uma constante aplicação n'esta nova composição do discurso pela actividade de seus progressos, e finalmente por um gosto sempre crescente para o estudo d'esse novo dialecto.

Continuava ainda, porém nada mais podemos aproveitar porque estava muito dilacerado o papel.

Ciumes

E bella e a barca de verão
Sem vento resto que devia levar a dor
Na exerce de sol para apreciar
Que a ferida de fogo se ardia.

irrepreensível e uma rosa especiada ornava-lhe os cabellos simi-loiros.

Valsoumos... e eu sentei junto ao meu, seu coração pulsar e a ofegante respiração no rodopiar da valsa.

Depois, ouvia-lhe a voz suave e termo como a voz do ronxinol ao descender do dia, embriocido no seu lado religiosamente escutando os protestos d'uma amizade intima!...

Foi assim que após uma noite passada em amoroso idílio de ternura cheio, em tumba de partir deixando ficar o coração partido!

Quando lhe disse que ia para longe, muito longe, elle me estranhou, sentida e como única esperança perguntou-me se a minha inesperada viagem respeitava demora.

Lhe prometi que voltaria o mais breve possível, após de lhe ter alcançado todos os meus protestos d'amor.

La finalizou-se o baile,inda uma vez a orchestra executava a *Bocaccino*. Valsamos arrebatados ambos, num turbilhão de sôes que a morte era o tempo desfrute!

Feliz, feliz, e righosamente, valsamos no infindável aço que só podem sentir duas almas que se amam, dois corações que se escrevem, dois olhares que se comprehendem matutamente!... E ella no arrebentamento da valsa, murmurava aos meus ouvidos palavras mágicas de ternura no místico encanto de venturas pleno, e eu embriocido deixava-me enlevar no amoroso enredo...

FOLHETIM

Ardua tarefa me impoz o Lincoln!—Um folhetim?

Por mais que me quizesse furtar ao seu pedido, não houve razões que o fizesse desistir do seu propósito! Assim pois, carismas leitoras, se o folhetim que vos ofereço das agrada-vos, culpare o Lincoln.

Ell-o.

Bien-aimé

Era a valsa que compõe a esplendida alegria do «Bocaccino» em um dia das suas perícias de amor que se decorre.

Bocaccino—Valsa que revela em seu conjunto harmonioso e tocante a alma artística do seu compositor, traduzindo também, tal se nos manifesta o seu nome, alguma causa que faz pulsar o coração e que, vós leitoras, de certo não desconheceis!

Achava-me presente ao saraço do «Familiante» a que se prende a minha narrativa. E lá também estava aquela a quem ofereci todo o amor que pode oferecer um coração aos 22 annos...

Amor aos 22 annos
E ser poeta, mulher,
E um descendente d'arcano.
Que não desvenda qualquer.

Ela trajava um vestido lilás simples e

A amava festejar quando bebe-lhe
E a noite que tu queres ser o dia
Mas eu, em spes eternamente ver-te
Seus beijos em minha boca fez.

Quem veste e beija-te evidentemente...
Será a noite ao despontar da aurora
Bonita em luar bendita e omnipotente...
Adeus sois tu fose de que aurora.

Qualter Guilleme.

Um sorriso lhe entreabria os labios cor de purpura sanguenta e a ligeira das dentinhas cor de perola, surgia como uma estrela lúcidia, através de uma nuvem cor de rosa tenuíssima.

Diz-se-his que o seu sorriso era de goso e de volupto...

Entretanto sonhava a minha encantadora companheira, creança de dezoito annos e de uma beleza original e rara.

Eu me approximara mánusamente do leito e affastava com brardura os cortinados de cessa para admirar-lhe a formosura e despertá-la beijando-a. A luz, causada do abat-jour de porcelana, iluminava-lhe, esvaiada, a face encantadora e pura, e, como eu atrevi-me que sonhava, suspensi o impeto de oscular-a, para surpreender-lhe, pensava, noua palavra de amor que se referisse a mim.

E eu tinha una idéa ondiosa, de afastar-me, sem que ella o presentisse, para na manhã seguinte escarnecer-a e imbuí-la com a reprodução do seu sonho.

E esperava sempre, soffroço e ansioso, uma frase qualquer para graval-a à memória e compor o mimo que fiz que ella via dormindo.

Já os convivas bascavão seu lares quando eu lhe disse o adeus que deveria ser da partida...

Como o doce olibano ferido em pleno amago deixa lagrimas em flor, eu parti no seguente dia com o coração a serramar saudades...

Era noite.

Estavamo em pleno oceano e as vircões do Sul que elevavão nas cordas do navio se me assemelhava a orchestra do «Fantástico» executando a valsa—*Bocaccino*.

Saudoso resolvi-me no camarete, e ali entregue as gratas recordações que senti passado pela mente d'uma por uns todos os céus da noite antecedente, e coração magondo não encontrava a bordo para consolá-lo sequer! A prostração que vêm após una noite passada em agitação, mal fez adormecer...

Na anterior noite eu sonhava arrebatado nos compassos da valsa, agora eu acordava e sonhava embalado pelo mar no sopor das sombras báculos...

E o sonho me reproduzia todas as secas da noite anterior!

Ela vestia lilás, valsavamo-nos a *Bocaccino*, eu ouvia-lhe as confissões de amor e ambos fazímos revelações de fidelidade, quando despelei de leitura o que me achava!

Fatal coincidencia!

Ao piano, mi dos passageiros, executava a valsa *Bocaccino*.

Acordando, inda se me afigurava que estava em pleno saraço do «Familiante».

W. Xisto.

REVISTA ELEGANTE

De quando em vez um como espasmo contrai-lhe os músculos e ella agitava-se no leito, estendendo os braços para depois compri-lhe os sobre o próprio seio, como se quizesse unir n'um abraço frenético alguma causa contra si.

Forçosamente era eu que povoava a sua imaginação. Em todos os seus movimentos eu interpretava e reconhecia as curiosas que ella costumava prodigalizar.

E eu era feliz pensando:—como ella me ama!...

De repente os seus gestos, tornavam-se mais rápidos, mais agitados, mais violentos. O rosto colorio-se-lhe de um rubor enorme, qual se todo o seu sangue para ali houvesse afliido. Os lábios moveram-se-lhe n'um jeito brandio como o rular da azia de uma viga-flor e pronunciaram palavras ininteligíveis mas que deviam esclarecer todo o nimbo do seu pensamento.

Approximei o ouvido tanto quanto pude da sua aiorada boca, de modo que o seu halito ardente, como si febre interna ela tivesse, escaldava-me a face e entontece-me.

De momento as suas palavras tornaram-se mais claras e, depois de por muito tempo não formarem um sentido completo,—Paulo, meu Paulo, beija-me...—conduziram.

Paulo era o seu novo amante.

Suffice.

Soneto

Que resto?
—Uma grande tristeza,
uma capa fria,
uma estrela apagada?

P. Cores.

O que é feito de ti, esperança sedutora
que todas vezes, tantas, levigaste-me a sociedade
que fui a teu destino, que nos enganaste
toda tua crudelidade, em sinal de porvir?

Ah!... quanto a esses sonhos—chamas do crepúsculo—de amor... Ah! quanto aos embustes
que sono da tua voz... oh! quanto esperança
que foge de mim? Porque me abandonaste?

Sentil que me podes? —O céu, a noite escura,
o falso expositor, a fria neve,
Depois? —Ocupado, estoume ingratiado...

Ah! volta, que me fazes esperar sedutora,
Ah! volta, que me fazes que saia de dentro,
que fiques, resolvendo a vida, o coração?

Marianna Lacerda.

Trechos

(Folha de um diário)

XVI

A quem amo

Talvez sofras também a magoa que hei sofrido. Dizem claro os teus brandos olhos
incendiados na sua luz d'astro mortico su-
mindo no seu salpicado de tremulas gô-
lhas em que polido ou d'ouro novo fuis
vendo.

Irei a sair paleido da face tua e issa
será as vellutas da Turquia. Irei no fuso

cheio de resignação dos lábios franzidos
em fortes contracções dolorosas, na fronte
pensativa de rainha doente; na falla paun-
sada, dolente como lâmpadas de violinos em funebres marchas de Chopin.

Talvez sofras também a magoa que hei
sofrido.

Silenciosamente anda a chorar seu man-
so coração impolluto, na incompreensibili-
da viagem do amor, no sonho luctuoso que
o rude destino atirou entre nós, como uma
ponte de trevas infinita.

Deixa para mim a lucta e a agonia. Eu
saberei supportar tranquillamente este
martyrio insujo. Poupa-me esta pena de
ver-te assim soffrendo, filha, poupa-me...

Vinícola de Carvalho.

HIGH-LIFE

seca e os Seus: Antônio José de Sóis Assumpção, Joaquim
Faria Guimarães e Antônio B. Carneiro de Araújo;

Em 26—o interessante Dalcídio, filho do Sr. Tenente

Arthur E. Pereira;

Em 29—os Exmos. Srs. Dr. Adelaldo da Cunha e Vasco-

celos e Christina da Silva Tavares, esposa do Sr. Antônio

José Tavares e o Sr. Cândido Vieira da Costa;

Em 26—o Exmo. Sr. Dr. Maria Magdalena, Marques de

Sousa e os Capitães Alcides Thomaz Rosa e José da Sant'Ana

Pinho.

Accidentes os novos casamentos.

EXPEDIENTE

Consta-nos que brevemente será publi-
cado nesta cidade um jornal literário, sci-
entífico e philosophico sob a direcção do
distinto jornalista Manoel de Bittencourt.
E vice-diretor o nosso amigo Euclides
Marinho Araújo, a quem também está con-
filiada a nossa «Revista». São redactores
A. Reis Carvalho, H. Matos, A. Leal Lobo
e Alfonso Mendes, e secretário da redac-
ção o dr. L. Xavier de Carvalho.

Aguardamos ansiosos a sua apparição
e que nos venha visitar.

Visita

Fomos visitados durante este mez pelos
seguintes collegas, que agradecemos e
retribuímos:

Rio Grande do Norte, Natal, (Rio Grande
do Norte).

O Artista, Rio Grande do Norte.

Monitor Católico, Bahia.

O Trabalho, Alagoas.

A Oficina, Cidade da Cachoeira (Bahia).

O Povo, Valença (Bahia).

Correio de Notícias, Bahia.

Era-Nova, Recife.

Gazeta do Commercio, Paráhyba.

O Artista, Paráhyba.

O Diário, Pianhy (Therenzina).

O Pianhy, Therenzina.

Tribuna Operaria, Therenzina.

Gazeta do Commercio, Therenzina.

A Verdade, Geraí.

A República, Geraí.

Diário do Geraí, Geraí.

Geraí Ilustrado, Geraí.

Correio do Norte, Guaratinguetá (S. Paulo).

Revista Literária, S. Paulo.

O Commercial, Canoá (Pará).

O Maracanense Marapamim (Pará).

O Combate, Pará.

O Commercio, Pará.

A Província do Pará, Pará.

A República, Pará.

O Atleta, Pará.

O Diário Oficial, Manaus.

O Alenquerense, Alenquer (Pará).

Monitor Godogense, Godó.

O Norte, Barra do Corda.

O Campêlo, Barra do Corda.

O Commercio de Caxias, Caxias.

O Corisco, Caxias.

O Murmurio, Therenzina.

O Crí-cri, Therenzina.

O Democrata, Therenzina.

13 de Março, Ouro Preto.

Recebemos também a visita do *Intendente*
da revista do *Centro Litterario* do Geraí.

Organ d'aqueila brilhante associação de
Letras, a primeira do Norte da Republica,
—a collega se nos apresentou deslumbrante,
comum o fato.

REVISTA ELEGANTE

CHAPEUS de pello—ingleses, uma novidade em Londres—à diversos preços.

CLAQUES (chapeus de opera) de diversas qualidades à 30\$ e 40\$.

BONETS (casquettes) de casemira e seda à 8\$ e 10\$.

PEITILHOS para camisa, de britânia pura, lisos, bordados e com pregas 5\$, 6\$, 7\$, 8\$ e 10\$.

CAMISAS de flanella—preparo de seda—proprias para se usarem com peitilhos—novidade em Maranhão

A' diversos preços

CAMISAS para casa e sítio—gostos variadíssimos à 10\$.

CAMISOLAS de flanella fina, (colhetas) para todos os tamanhos—à diversos preços.

CAMISAS brancas e de cor, com collarinhos e punhos, lisas, bordadas e com pregas—à diversos preços.

Grande deposito de roupas feitas

N'este vasto deposito encontra-se roupa de todos os tamanhos, qualidades e feitos.

Preços sem competência.

FATOS de paletot de casemira de cor, lan pura, gostos variadíssimos à 65\$, 70\$, 80\$, 100\$ e 120\$.

CALÇAS de casemira de cor, lan pura à 18\$, 20\$, 25\$, 27\$ e 30\$.

COLLETES de fustão—grande variedade.

MACHINAS de costura, grande deposito.—**DAVIS**—A ultima invenção n'este genero. A ultima perfeição em machinas de costura, Domestic, Singer, New-Home, Nothmann, Corona, Domina e Minerva. Machinas para todos os preços.

Perfumaria

GRANDE NOVIDADE

Extractos e essencias para o leigo—especializando-se—**Real Houbigant**

Ylang Ylang, Essencias Cytheree, Clematis, Violette Russe, Violette Idéale, Moika, Sunrise, Aura Horis, Violette de San Remo.

Poudre d'Espagne de HOUBIGANT, Ylang Ylang de **LUBIN**, essencia de Peau de Espagne de **DELETTREZ**, essencia Victoria de **JONES** e todos os perfumes de **Guerlain, Atkinson, Piesse & Lubin, Colgate & C., Lazell's, Ricksecker, Roger & Gallet** etc., etc.

Grande variedade de sabonetes, agua para toilette, pós de arroz, pós, pasta e agua para dentes.

LUVAS de pelica, bordadas e similes—grande variedade—preços sem competencia.

Gaspar Teixeira & Irmão, tendo recebido uma grande collecção de casemiras de lã pura e com mescla de seda, relativa a presente—Estação de 1895—pedem a visita de seus amaveis freguezes ao seu estabelecimento para as submeter a sua valiosa apreciação.

Chapéus molles de feltro. americanos, recentemente despiuchados. Variadas em gostos à 10\$, 12\$ e..... 15\$ 00

Chapéus de feltro. americanos e molhos—grande variedade em feltro à 6\$, 8\$, 10\$ e..... 12\$ 00

Chapéus de feltro. duros, grande sortimento à 15\$, 15\$, 16\$, 17\$ e..... 18\$ 00

Chapéus de sol. de seda, com rebos de cerejeira, juncos, marfim e couro de onça à 25\$, 30\$ e..... 35\$ 00

Bengalas. emorim sortimento, gostos variados tissutes de 5\$ a... 40\$ 00

Gravatas de seda, lã e fustão—marinheiros, de laço, lavabos, borbotões, pretos e de giz à 2\$, 3\$, 5\$, 5\$, 6\$ e..... 6\$ 00

Cintos colletes de seda e fustão—ultima moda em Paris—diversos preços

Cintos de couro à..... 2\$ 00

Cintos fachas de seda—completa variedade—à diversos preços

Panhos de linho de diversos fios à 2\$, 2\$, 2\$, 2\$ e..... 25\$ 00

500 dazias de collarinhos de linho pura de todos os fios à 12\$ e..... 15\$ 00

Paletots de seda inglesa D. 25\$ 00

Fatos de dormir (pyjamas) de seda, lan e lan e seda—à diversos preços

Sobretudos de casemira de lan pura bordados de seda—à diversos preços

Fatos para casa grande sortimento—gostos variados—à diversos preços

Pregadores para gravatas com ramos..... 15\$ 00

Tenros de seda, com e sem ramos—Para festas e pratos

Insp. por José R. A. Lomão, no Top. 2
vapor da alfândega—Folha 1



REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE—FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO IV

Maranhão, 30 de Setembro de 1895

NÚMERO 41

REVISTA ELEGANTE

A amnistia

É uma aspiração nacional a tranquilidade dos povos do Rio Grande do Sul, pois o espírito público do Brasil está farto de morticínio e de sangue na luta entre irmãos.

Cesse de uma vez o brandir de armas e os toques de clarins, que anunciam a ancaia, para começo de sanguinolentos combates.

Armas ensarilhadas, já que está conhecido o valor dos belligerantes.

Basta de sangue, basta de tanto heroísmo.

A Nação está satisfeita, e agora precisa de novos alentos e de forças bem combinadas para a prosecução da obra de sua futura grandeza.

A condição essencial da paz entre os povos, é a compreensão nítida dos deveres de cada um; e o respeito à lei, a obediência ao princípio da autoridade, sem o que não poderá haver a harmonia regulada da ordem, que é a base da união social.

E tempo de cuidarmos do bem estar da Patria, e tempo da concordia entre os que lutaram em campos opostos.

O coração brasileiro sangra de dor ao contemplar ainda essa discordia civil, que ensanguentou por longos meses os pampas do Sul, sem resultado benéfico para os contendores.

Ainda bem, a autoridade suprema da Nação, inspirada no sentimento de elevar o patriotismo, anuncia ao mundo culto o termínio da revolução no Rio Grande; mas é triste confessá-lo, brasileiros olhavam de ódio, ver fugos dos seus próprios irmãos, pretendendo empanhar o brilho da luminosa constelação de paz — que reflete no globo da Patria.

Oh! almas denegridas, oh! vampiros! onde está a vossa admiração pela República, quando tentais pelas arruaças e pelo tumulto despertar no coração do

povo brasileiro saudades pelos dias que se foram!

Não perturbeis o esforço dos que procuram o restabelecimento da ordem no patriótico intuito de verem firmadas as instituições proclamadas com o vosso próprio concurso.

Tregos ao ressentimento.

Sopite por alguns dias mais esse anelio de perverso que vos exalta; deixe o primeiro que se estabeleça a paz tão desejada, e que só procuram perturbar os dyscolos de todos os tempos.

Contemplaçõe antes de tudo a imagem serena da Patria a sorrir no auge da satisfação que a enleva; vé-a envolta no corsage da manto da paz, anunciamdo entre hymnos festivos a boa nova do bem; de que todos vamos participar, quer no acanhego do lar ao lado da esposa amada, e dos filhos estimados, quer nas relações sociais, interrompidas pelo frenético da guerra.

Aceite dessas paixões aviltantes, que conturbam a serenidade da alma nacional, devem ser outros os sentimentos de amor e de benignidade para com aquelles que ainda hontem participavam das nossas alegrias, na symbolização dos dias fulgurantes da nossa nação claudia le.

Somos irmãos desavindos que agora nos congravamos em amplexos de fraternal amizade, olvidando nas effusões do prazer os ressentimentos de passad e e assim voltarão os novos os tempos felizes da família brasileira, quando a paz duradoura de outrora trouxe as doçuras do lar.

Que não perturbeis mais, e sob os influxos de bem que ela produz, cambi-

—TELEPHONE 56—

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

—IMPERIAL—

Caixa do correio 40

REVISTA ELEGANTE

nkamos ovantes em busca dos ideias do futuro.

Tais são os nossos votos; e que o Congresso Nacional saiba inspirar-se na generosidade do povo brasileiro, que pede paz, para termos dos infartos que tanto o opõem.

Já estava composto este artigo, quando chegou-nos a triste notícia de não ter o Congresso Nacional votado a lei de amnistia incondicional, contrariando assim os intuições do grande estadão, que dirige os destinos da nossa Nacionaldade.

Sentimo-nos contristados com semelhante proceder, visto prevermos as consequências funestas que hão de produzir esse acto do congresso.

28-9-95.

MODA

Pariz

Satisfatoriamente damos algumas ligeiras alterações levadas aqui, no grande reconto da moda.

Parece que noutro termos novidades surpreendentes para a proxima estação, além de simples aperfeiçoamento nos toiletts enjós figurinos já vos enviamos.

No bom-tran de Pariz se tomou observado ultimamente que a sobrecasca preta ou azul lustrante escuro está mais vulgarizada para as reuniões de pleno dia, do que os paletots da mesma cor e sobre tudo os cinzentos.

FOLHETIM

Desta vez caríssimas leitoras, estou atetido em papos de ananás!

De que me serve o montão de tiras de papel desperado sobre esta pequena mesa que em fio de pena em punho qual traçador inimigo de embuscada a espera da vingança?

Há duas horas seguramente que me viro d'um para outro lado esperando o Senhor Assunto e nada do homem chegar-lhe.

Pacientem!... fabriquemos mais um cigarro e bebamos um pouco de café em quanto o nosso amigo chega.

E que maldito calor nesta estufa que eu, às vezes quando fallo com uma menina bonita proclamo-a de *boudoir*!

Surgiu finalmente, após dous annos de amargura e dor, a benedita aurora da paz lá no recanto do Sul! Ha dous annos que o Brazil, tombava-se num mar de sangue dos seus próprios filhos, trazendo para o País inteiro os mais fortes embatesca por uns mais sentidos lagrimas.

Por isso é justo, e inominável e é santo o prazer que sente todo o brasileiro vendo extinção a guerra civil que sermamente se sacrificando este vasto quinto ultramar solo-americano.

E enfretando, podemos já nos vantorgar com es, a paixão o que resta saber...

A innovação que parece entrar em voga no proximo anno e que se propagará sem dúvida, é a calça branca usada com a sobrecasca.

Os vestuários modernos tem um comprimento médio; a gola do estylo classicó de outr' ora.

Está em moda o collete branco fechado mais em cima com duas ordens de botões, assim como a calça um pouco mais estreita.

Os paletots continuam sem alteração.

Na proxima oportunidade daremos conta do que mais notável for havendo por eti no intento de corresponder as vossas attenções e concorremos de alguma sorte para satisfazer amplamente vossos freguezes.

(Do nosso correspondente.)

LITTERATURA E VARIEDADES

As gondolas

I

Dous gondolas dirigem a crescente
Da vida e trazem soltas suas velas,
Nova canta chimeras docemente
Sob o céu que prepara-se de estrelas.

Nosso mar suave gloriosamente
Abriu a luta das tempestades nobres,
Quando ella passa, jubilosamente,
Chama de caudal e ilusões singelas.

A marujá compõe-se de tesouros
De Esperança, de Fé, de sonhos bonitos
E da gema ideal do seu sonhador.

E o calor deste meu quarto é insuportável! nem mesmo da janella, donde contém a luna, imensa hostia de prata envolta em seu ceruelo manto coberto d'estrelas d'ouro, uma aragem refresca o meu infeliz dormitorio!

E finalmente, amáveis leitoras, para desempenhar-me da tarefa a que me impôz de folhetinista, já me vai aceitando bastante porque penso muita vez que vos desgosto com esta leitura?

Reunir o útil ao agradável, foi o problema que muito custou a ser resolvido!

Porto, hoje que segundo a phrase de Pediatan: *le mundo sucio*, mais facilmente e sem precisarmos do auxilio da matemática encontramos a solução do problema sem multiplicarmos A por B!

Queres, sem dúvida, uma explicação do que acima disse, não é assim?

Pois bem; como sabes, em 6 de Outubro realiza-se em S. José do Ribamar a tradicional festividade do mesmo santo e para lá seguem dous vapores a conduzir romeneiros! Eis a solução: toma uma passagem e id a festa, vais que sót com justa rascia, devota d'aquele milagroso varão e vereis que alem de contribuirdes com a vossa presença para o brillantismo da festa no mesmo tempo que diminuis os vossos percalços, gozais o mais delicioso passio que se pode desfrutar no nosso Estado.

Lembrai-vos que alegre do agradável posses, tens necessidade de apoiar a magnifica festa de S. José em espécie de sublime e logo substituid por uma praia

E como palmeira, milha amada,
Vai a brisa, cada dia, sagrada,
Para serm, mystica, radiante!

II

No crepúsculo da noite que phosphorescere
E foi deixado, bar, pela primaria
Poesia a segundas gondolas. Parece
Que n'ela vilha a magia deradeira

De quem não conhecedo mais a poesia
Não conhece da crosta a bar ferrovia;
Luz que era sua pele, tremula, falla
E deixa na treva misto vida indeita.

O grito da prenda corta a espace,
O mar salvo, encarcelado o regno
Uvando, uirando pelas milhas de ferro.
E que essa outra seu rote, os palmeiros
Tentando ler os—n—s—t—o—s—do Fatum
Leva o entero de todas as chimeras!

(Quadros e melodias.)

Augusto de Carvalho Aranha,

Lia

Ela sob o caramanchão coberto de exemplificadas verduras encaracolando os cabellos lirízios e setimosos nos seios alvissados de drapé.

E elle, o ditoso amante de Lia, ofegando os bigodes loureados e macios, a grata brilhantina, ouve-lhe as confissões, a mais no mais sublime idílio!...

E eu creio, que Lia a estrela e encantadora ameixa que hoje se encontra sob o caramanchão coberto de exemplificadas verduras encaracolando os cabellos lirízios

arenosa e extensa no centro da qual se levanta a ermida que tão festejada ha sido desde os mais remotos tempos.

Mas se o vosso papê disser que, Ira S. José do Ribamar é impossível por causa dos boatos que correm, etc., etc., lembrarei-o que para identico fim também vai um vapor a pitoresco villa do Resario, isto é, a conduzir romeneiros à esplêndida festa da padroeira d'aqueila deliciosa villa. E eu, vos posso garantir, amáveis leitoras, que o passeio é o mais calmo e tranquilo, como o mais agradável e útil a saúde.

Já vos tenho exposto um poucas páginas os lugares de romaria a que vos convidei como agradável ao espírito e intratável a saúde e só com a presença portarei viver-lheis-vos como o nell' io sou de mim orchie-tra sulcar o silencioso ro que serze de foz ao Itapeçuri. Isto é festa e voltareis de lá como o humilde cestariu desta folhetim volta, isto é, cedendo e para sempre grato ao bom povo ribeiriense.

Maria noite—marca o meu velho diário tor, o companheiro inseparável da vida desde os remotos tempos em que velho Serejo me ensinava a lugubre Vigília!

Portando, desculpendo-me em vossa descomunil fasto com a negra a pena, despeço-me de vós até o meu viajante.

Lia. Morais.

REVISTA ELEGANTE

seguinosos, é a mesma que quando criança, inspirou a Hugo os seguintes versos:

*Ésta poesia de Lila sua criança
que passava as manhãs colhendo flores.*

Vao declinando o sol e, pela lei da sucessão, vem surgindo a noite.

As aves, soltão os últimos trinos doces e melodiços como satisfeitas pelo dia que passa e esperançosas pelo dia que ha-de vir...

E elles, os dous amantes, lá vão em busca da sua proxima, de mãos dadas sentando-se no parque do formoso jardim...
...Como é ditosa a quadra do noivado!

A lha pallida e scismadora, reflecte sobre a terra os seus flocos de prata e a brisa cica brandamente farfalhando no arvoredo do delicioso jardim.

Um como que de vago e mystico, embevece aquele sitio testemunho do mais dulcão amor...

Diz ella—como te amo, jamais na vida se pode amar duas vezes!

E elle lhe diz:—Lia, és tu a alma de minh'alma, a vida de minha vida e se me deixasses de amar, eu deixaria de existir...

Ella, volteu lhe um olhar tão cheio de ternura e tão repassado de sentimento que fara vil ar fibra a fibra o coração o mais insensivel.

Nun extense o apaixonado moco cingido com o braço esquerdo a delicada cintura de Lia e pe-a primeira vez depoz-lhe fervoroso beijo...

Lia, pallida e triste retinha-se à sombra do arvoredo e triste e pallida a lha se ocultava na azulada abobada...

E eu creio, que Lia a esbelta e encantadora duqueza que hoje se encontra sob o carapaucho coberto de esplendidas verduras encarecendo os cabellos luvidos e setinosos, é a mesma que quando criança inspirou a Hugo os seguintes versos:

*Ésta poesia de Lila sua crianca
que passava as manhãs colhendo flores.*

Lucio Moreno.

A Maroca

Quisás ja norte juntinho de ti
Era o dia que te a Lice matava,
Um dia que juntas estavam,
Só tu e eu... Amores lemos!

E levantaste a tua perna
Caisse a pera a ponta d'uma roca,
Bala de destra, de esquerda, o resto,
Só tu e eu... Amores lemos!

Que a infeliz d'eu deixa de terro
Sob pena de ti, malha dor!
Eu queria... Enfim, coitada,
Deseja tua fraca um poema d'austr.

Das tuas aldeas talvez mudas seras
Tua Sora lugueira quererá d'austr.
Se a tua dor abalou coras a morte
Em preceas que loucas de ti!

Com a tua aldeia deixa de ti
Nossa loura que querer passar,
Deslida-te que talhada seras,
E surtada tuas galopas?

Possas tuas riquezas que alguma dia
Possas tuas riquezas que alguma dia?
Possas tuas riquezas que Maria,
Dous laus d'amor que iras

Se o destino me aguarda noutro lado
E longe me quererá d'austr.
E prefiro noutro lado a morte
Que viver separado de ti?

Lucio Moreno.

HIGH-LIFE

Fazem amos na moa de Outubro futura.

Em 1—às Exmas. Seara, DD. *José Ferreira Barbosa de Góis e Haydée Cavalcante* e o Senr. Major *Raimundo Lyrao Nunes Lisboa*;

Em 2—às Exmas. Seara, Dr. *Francisco Antônio Beato* e Nila da Costa Nogueira e o Senr. Dr. *Francisco Antônio Beato*;

Em 3—à Seur. *Candido Matheus Fernandes* e a interessante moça *Odelete*, filha do Senr. *Alfredo V. dos Santos*.

Em 4—às Exmas. Seara, DD. *Raimundo Viegas Coimbra de Carvalho e Ivens* e a filha *Tristana*, vitoriosa esposa do nosso amigo Gaspar Pinto Tricôpia, digno presidente da Escola, filha e o Senrs. Dr. *Benedicto Pereira Leite*, José Pinto Coimbra e Silviano Júnior e Dr. *Prudente José de Moraes Barros*, presidente da República;

Em 5—às Exmas. Seara, DD. *Rosa Pereira dos Santos e Maria Raimunda Trindade e Maria José Pinto Jorgo*;

Em 6—às Exmas. Seara, Dr. *Maria Anísia Soárez de Carvalho*, filha filha do Senr. Dr. *Emílio Velloz de Carvalho*;

Em 7—às Exmas. Seara, DD. *Isaura Rosa Fernandes, Elvira Maria Godínia de Freitas e Laura Freire Belo*, esposa do Senr. Arthur Belo;

Em 8—às Exmas. Seara, DD. *Adalgisa Serra e Guilhermina Pinto Francisco da Silva e os Senrs. Vicente Rodrigues e Castilho Gonçalves Belchior*;

Em 9—às Exmas. Seara, Dr. *Alice Nava Rodrigues e o Senr. José Pedro Edmundo*;

Em 10—às Exmas. Seara, Dr. *Altina Lopes e o Senr. José Góiside Macêdo Almeida*;

Em 11—às Exmas. Seara, DD. *Rachel Ferreira de Arevalo, Maria Fidélia das Reis e o Dr. Raimundo J. Evaristo Maia*;

Em 12—às Exmas. Seara, Dr. *José de Andrade Carneiro e os Senrs. Dr. *Miguel Ribeiro de Almeida Braga e Capitão Ezequiel Ferreira Guedes**;

Em 13—às Exmas. Seara, Dr. *Maria Luisa Machado*;

Em 14—às Exmas. Seara, Dr. *Maria da Silva Teixeira*, prenda filha do nosso amigo Gaspar Pinto Tricôpia, socia chefe da *Alfaiataria Teixeira e o Senr. José de Almeida Soárez*;

Em 15—às Exmas. Seara, Dr. *Pharmaceusen José da Silva Sardinha e Raimundo Alves das Ribeiras*;

Em 16—às Exmas. Seara, Dr. *Amélia Valente de Figueiredo e o Senr. Arthur Coelho de Aguiar*;

Em 17—às Exmas. Seara, Dr. *Flávio, filho do Senr. Alfredo N. dos Santos e os Senrs. Joaquim de Arevalo Tomás, Gonçal Carlos Augusto Franco de Sá e Henrique Nagibra*;

Em 18—às Exmas. Seara, DD. *Filomeno Góis e Silva e Maria Josepha de Freitas Lopes*;

Em 19—às Exmas. Seara, Dr. *Brasílio Franklin Neves Pereira*;

Em 20—às Exmas. Seara, Dr. *Maria F. Quintão de Melo*;

Em 21—às Exmas. Seara, Dr. *Bogéa Torreiro França de Sá*, digno filho do Senr. Carlos Sá, e seu irmão *Bogéa Oliveira*, Dr. do Senr. Antônio Góis e Oliveira e os Senrs. *Miguel Pereira Góis e José Francisco de Vilela Braga*;

Em 22—às Exmas. Seara, Dr. *Antônio Augusto d'Abreu Britto, cirurgião das Ribeiras e José Francisco Vieira Braga*;

Em 23—às Exmas. Seara, Dr. *Engel da Bahia Pereira e a sua filha, memória filha do Senr. Miguel Lobo*, Seara.

Accidentes e outras competências.

EXPEDIENTE

Recebemos um pamphlet offerecido pelo Senr. Pedro Ferreira Nunes Belfort sobre matéria jurídica.

Agradecemos. Está entregue a pessoa competente para apreciar.

As columnas desta Revista, continham sempre frases esperando colher a illa ou a collaboração de todos que as quizerem falar, quer lo a espirito quer do inferior ou exterior della.

Visita

Fomos visitados durante este mez pelos seguintes collegas, que agradecemos e retribuimos.

RioGrande do Norte, Natal, (Rio Grande do Norte).

O Artista, Rio Grande do Norte.

Monitor Catholico, Bahia.

O Trabalho, Alagoas.

A Ordem, Cidade da Cachoeira (Bahia.)

O povo, Valença (Bahia).

Correio de Notícias, Bahia.

Era-Nova, Recife.

Gazeta do Commercio, Paráhyba.

O Artista, Paráhyba.

O Diário, Pianhy (Therezina).

O Pianhy, Therezina.

Tribuna Operaria, Therezina.

Gazeta do Commercio, Therezina.

A Verdade, Ceará.

A Republica, Ceará.

Diário do Ceará, Ceará.

Ceará Ilustrado, Ceará.

Correio do Norte, Guaratinguetá (S. Paulo)

Revista Litteraria, S. Paulo.

O Commercial, Gametá (Pará).

O Marapaniense, Marapanim (Pará).

O Combate, Pará.

O Commercio, Pará.

A Província do Pará, Pará.

A Republica, Pará.

O Athleta, Pará.

O Diário Oficial, Manaus.

O Alemquerense, Alemquer (Pará).

Monitor Codense, Codó.

O Norte, Barra do Córdoa.

O Campeão, Barra do Córdoa.

O Commercio de Caxias, Caxias.

O Corisco, Góias.

O Murmúrio, Therezina.

O Cri-cri, Theresina.

O Democrata, Therezina.

13 de Marco, Ouro Preto.

Alem destes fomos gentilmente obsequiado com a presença dos seguintes:

A Madrugada, de Lisboa.

Esta esplendida revista do nosso talentoso compatriota dr. Oscar Leal veio semelhante e esmaltada de boas produções literárias. Leitura variada e magnífico trabalho typographic.

Tracema, ns. 5 e 6.

Esta bela folha... folha de rosa, veio perfumada com os odores do talento.

A Centelha, n. 1.

Apozer da modestia com que se apresentou declarando no seu artigo initial que não promette muito, cantindo, centelha, quanto a nós tem sempre brilho, fulgo. Acreditamos, nois que esta interessante Revista ha de corresponder perfeitamente o seu título fazeendo no horizonte das letras.

A Jandaya, n. 2.

Bons versos, boa prosa, excellento impressão. Esperamos que unica deixa de cantar. O canto é alegria. Gaudie!

A Alvorada, ns. 1 e 2.

Saja bem vindas! Seu título não revela nem muita modestia nem muito orgulho. Alvorada é o despontar do dia, é a luz sucedendo das trevas; é o intuito do trabalho, e o resultado da vida. Seja bem-vinda!

O Estudante, n. 1.

Pequeno, interessante, muito bom. Regra, estudo.

REVISTA ELEGANTE

Perfumaria

GRANDE NOVIDADE

Extractos e essencias para o lenço—especializando-se—**Real Houbigant Ylang Ylang, Essencias Cytherée, Clematis, Violette Russe, Violette Idéale, Molka, Sunrise, Aura Floris, Violette de San Remo, Peau d'Espagne de HOUBIGANT**, Ylang Ylang de **LUBIN**, essencia de Peau de Espagne de **DELETTREZ**, essencia Victoria de **JONES** e todos os perfumes de **Guerlain, Atkinson, Piesse & Lubin, Colgate & C., Lazell's, Ricksecker, Roger & Gallet, Bears etc.**

Grande variedade de sabonetes, agua para toilette, pos de arroz, pos, pasta e agua para dentes.

CHAPEUS de pello—ingleses, ultima novidade em Londres—à diversos preços.

CLAQUES (chapeus de opera) de diversas qualidades a 30\$ e 40\$.

BONETS (casquettes) de casemira e seda a 8\$ e 10\$.

PEITILHOS para camisa, de hren-tanha para lisos, bordados e com pregas 5\$, 6\$, 7\$, 8\$ e 10\$.

CAMISAS de flanelha—preparo de seda—proprias para se usar com peitilhos—novidade em Maranhão

A diversos preços

CAMISAS para casa e sitio—gostos variadíssimos a 10\$.

CAMISOLAS de flanelha fina, (colletes) para todos os tamanhos—à diversos preços.

CAMISAS brancas e de cor, com ou sem collardios e punhais, lisas, bordadas e com pregas—à diversos preços.

MACHINAS DE COSTURA grande deposito. Além das machinas—**DAVIS**—à ultima invenção n'este genero, temos as seguintes: Domestic, New Home, Singer, Notomann, Coronet, Minerva. Machinas para todos os preços.

FATOS de paletot de casemira de cor, lan pura, gostos variadíssimos a 65\$, 70\$, 80\$, 100\$ e 120\$.

COLLETES de fustão—grande variedade.

FATOS de paletot de casimira diagonal preta a 80\$, 100\$ e 120\$.

FATOS de paletot de cheviotte preto a 80\$, 100\$ e 120\$.

FATOS de paletot de crepe preto a 100\$ e 120\$.

FATOS de paletot de raunier preto ou azul a 100\$, 110 e 120\$.

FATOS da fraque de cheviotte preto a 100\$, 120\$ e 150\$.

CALÇA de casemira diagonal preta ou azul a 20\$, 25\$, 30\$ e 35\$.

CALÇA de raunier preto ou azul e crepe preto ou azul a 30\$ e 35\$.

CALÇA de casemira de cor a 18\$, 20\$, 22\$, 25\$, 28\$, 30\$ e 35\$.

CALÇA de cheviotte preto ou azul a 20\$, 25\$, 30\$ e 35\$.

CALÇA de panno fino ou casemira preta solta, sem instru a 30\$, 35\$ e 40\$.

CALÇA de brim branco de Hamburgo a 12\$, 15\$, 17\$ e 18\$.

CALÇA de brim de linho de cor a 12\$, 15\$, 18\$ e 20\$.

LENÇOS japonezes—grande variedade.

LENÇOS com bainha preta—recentemente despachados.

Grande deposito de roupas feitas

N'este vasto deposito encontra-se roupa de todos os tamanhos, qualidades e feitos.

Preços sem competencia.

Luvas de peleca, bordadas e simples—grande variedade—preços sem competencia.

Chapeus molles de feltro, americanos, recentemente despachados. Variedade em gostos a 10\$, 12\$ e 15000

Chapeus de palha, americanos e ingleses—grande variedade em feito a 6\$, 8\$, 10\$ e 12000

Chapeus de feltro, duros, grande sortimento a 14\$, 15\$, 16\$ e 17\$ e 18000

Chapeus de sol, de seda, com cabos de cerejeira, juncos, marfim e castão de ouro a 28\$, 30\$ e 45000

Bengalias, enorme sortimento, gostos variadíssimos de 5\$ a ... 40000

Gravatas de seda, lila e fustão—marinheiros, de lago, Lavallière, brancas pretas e de cores a 1\$, 2\$, 3\$, 4\$, 5\$ e 6500

Cintos colletes, de seda e fustão—ultima moda em Paris—à diversos preços

Cintos de couro a 2000

Cintos fachas de seda—completa novidade—à diversos preços

Punhos de linho, de diversos feitos a 20\$, 22\$ e 24000

500 duzias de collarinhos de linho puro de todos os feitos a 12\$ e 14000

Paletots de seda, ingleses 18\$ e 25000

Fatos de dormir (pyjamas)—de seda, lana e lan e seda—à diversos preços

Sobretudos—de casemira de lan pura forrados de seda—à diversos preços

Fatos para casa—grande sortimento—gostos variados—à diversos preços

Pegadores para gravatas, com inicias, 15\$

Lençóis de seda, com e sem inicias—Para todos os preços

Imp. por João B. A. Lombo, na Typ. vapor da alfaiataria—T. Ixeira



REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE--FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO IV | Maranhão, 31 de Outubro de 1895 | NÚMERO 42

REVISTA ELEGANTE

• Maranhão •

Constrista-nos sempre modo o estado de decadência moral e material a que chegou o Maranhão, sem que entretanto actuem causas eficientes para isso.

Nem um phänomeno physiologico de ordem intrínseca concorre para essa espécie de abatimento phisico que o enerva; apenas causas accidentais perturbam as funções naturaes das leis do progresso.

A natureza em si funciona desembarracadamente, o solo produz com abundância, as riquezas naturaes superabundam e nem um factor necessário à vida económica deixou de funcionar.

Mas há uma engavação que ocasiona esse estioamento, que não escapa à observação dos que atentam sobre os seus efeitos.

E necessário, portanto, agir de modo energico para que possamos estabelecer a precisa vitalidade nos diversos órgãos do nosso corpo politico.

Há um meio eficaz e prompto para isso: uma dose apenas de estímulo confecionada em parte pela bona vontade de todos, pois só assim sahirímos desse torpor, que nos arrasta à decadência.

O Maranhão tem em si elementos de prosperidade com que não contam muitos Estados da União, mas falta-lhe a iniciativa dos que podem promover o seu engrandecimento e bem estar.

No Congresso Nacional dispõe de representantes ilustres pelo talento, que fazem honra às tradições de seu passado, mas que parecem indiferentes às necessidades reclamadas pela situação angustiosa em que se acha, sem esperanças talvez de sair de tão affligiva conjuntura.

A representação dos outros Estados mostra-se mais ativa na promoção dos melhoramentos, que, a cada passo, são assinalados em vários projectos, qua-

si sempre defendidos com interesse e empenho em prol de sua efectividade; e o Maranhão nem se quer é lembrado pela voz de sua deputação, que parece surda aos clamores de sua completa ruina.

E triste dizel-o, mas esta é a verdade!

E preciso, pois, que desvortemos desse marasmo que atrofia as energias do nosso espírito, e, fortes pela resolução de sermos os factores do nosso proprio engrandecimento, ninguém por certo se negará em auxiliar-nos nos intuiros dos commettimentos que tivermos em vista.

A immigracão, que tão salutares benefícios tem produsido no pequeno, mas bem desenvolvido Estado do Espírito Santo, deve ser o ponto de mira das nossas aspirações, pois só d'este modo à fertilissima zona do nosso vasto território poderá produzir a abundante massa com que outrora enchião os nossos celeiros.

O Estado do Pará, cuja prosperidade é por todos reconhecida, n'esse sentido já deu os primeiros passos para acudir ao futuro contra alguma crise económica; e assim vemos votar-lhe em seu orçamento uma verba especial à introducção de colonos asiáticos e europeus, demonstrando por esse modo o interesse da administração pública pelo desiderio de uma medida política de alto alcance social.

Não devemos permanecer na retaguarda da nossa co-irmã, e quanto antes cumple que enveredemos pelo mesmo caminho, se não quisermos ficar parados no inicio da estrada, lastimando a nossa impropria credulecão e es-

Tendemos, pois, boa vontade, e es-

—*TELEPHONE 56*—

DIRECÇÃO TELEGRAPHICO

—IMPÉRIAL—

Caixa no correio 40

REVISTA ELEGANTE

tamos certos de que em breve será causa comum de todos os maranhenses o empenho dos meios com que possamos alcançar a maior somma de benefícios em prol da imigração, que se nos oferece como meio único de evitar o nosso aniquilamento.

Mãos à obra.

MODA

Depois da ultima missiva que vos dirigimos, as únicas novidades que têm ocorrido e que julgo dignas de menção, é a seguinte:

O Presidente da Republica, sr. Felix Faure, por occasião de visitar a flotilha da Mancha, apresentou-se deante do povo, que o esperava curioso de velo, trajando calças pretas e polainas brancas. Este facto chamou a atenção de todos por ser inteiramente fora do uso, levando uns a crer que seria engano do criado de quarto do ilustre magistrado e outros uma nova moda a impor-se. Seja como for, o certo é que desde então começou-se a encontrar muitos elegantes usando polainas brancas nos passos e quasi sempre com roupas de fantasia.

Brevemente vos mandarei alguns modelos d'essas polainas, afim de evitar alguns erros que desnaturalizam a correção.

(Do nosso correspondente)

LITTERATURA E VARIEDADES

Forget me not

Ao ALTINO REGO

Quando à tarde o sol declina
E lá vao as belas jardins
Colher as flores mimosas
Nao te recordas de mim?

FOLHETIM

Tenho o prazer, leitoras, de eupropriar-vos, apresentando-vos ao mesmo tempo com este—folhetim—as minhas despedidas, augurando-vos um sucessor que melhor desempenhe esta secção, que nestes últimos tempos tão mal desempenhada ha sido.

E exato: vou partir para o sul no primeiro vapor do mez vindouro a negócios que requisitam urgentemente a minha presença, e, não sei quando tornarei a ter a felicidade de voltar a esta abençoada terra, que tanto amo e venho e onde se tem decorrido para mim vinte e dois annos de vida garrula e feliz e onde deixo o lar paterno—meu primeiro e virginal abrigo—e nelles uma vellinha de cabellos brancos que só em ouvir falar em separação, lhe inundam de pranto os olhos!

Pensai, leitoras: uma separação indeterminada d'aquillo que mais ammos, como sejam: o lar que nos vio nascer, nossas irmãs—fidas companheiras de infância, os amigos caros, o quanto é dorido e o quanto é custoso.

Lembro-me neste momento, dos versos d'um poeta que já me não recordo do nome, que: "não deixar esta querida terra, escrevem:

*Ao traçar singelo canto
Saído do coração,

Quando a phalaena ganha
Vae as pétalas das jasmim
Depois um beijo amassou
Nao te faz lembrar de mim?

Quando colhes a cevada
Ora o ramo de alceiro,
Esse symbolo d'esp'ra,
Nao te recordas de mim?

Quando o beija-flor mimosa
As flores longe por fina,
E o sol as azas lhe deixa
Nao te faz lembrar de mim?

Quando as flores mimosa
Um hampat forma alfaia,
Nao te lembras das hampas
Que oferecera a mim?

Quando a brisa rumoreja
E nusca o crepejão enlame,
Horas d'acerta saudade,
Nao te recordas de mim?

Quando a lata vaporosa
Surge em manha azul-selva,
E o doce d'Ave-Maria
Nao te faz pensar em mim?

E nessa hora perreme
Que desdesclo o logarim
E a brisa que aleja farfolla
Nao te faz lembrar de mim?

Se me esquecesse em te peço
Meiga flor, meu serdão,
Nao me esqueças por piedade,
Oh! não te esqueças de mim.

31-10-95

Lucio Moreira

Duvida

AINDA SOBRE O TORNEIO POETICO HAVIDO
EM DIVERSOS JORNAIS DA CAPITAL

Ao REIS CARVALHO

Sinto-me deveras embaraçado, men-
adoravel poeta.

Devia—agora que es novo—obediente-
a velhos preceitos sociais, impostos pela
amisade, apresentar as parabens sinceros,
acompanhados de illas tantas phrazadas de espe-

Devia fazel-o; mas a originação da tua escolha, a singularidade do ton mystico naivado detém-me na duvida;—so, em vez de parabens, devo antes enviar-lhe pa-
zemes.

Nós outros procuramos seleccionar aqui—nesto vasto mundo dos vivos—aquella que nos tem de ser eterna companheira; procuramos aqui a real subjectivacao do nosso ideal; tu, meu primoroso poeta, foste passejar teu lucido pensamento pelas planicies sombriamente tristes do profundo Nirvana e, lá nessas lugubres regiões do Nada, encontraste aquella a quem chama-
maste Noiva.

Noivo da Morte!

Como podeste, ardente filho do Norte,
tu que sentes pulsar um coraço grande e forte,
tu que possues todas as valentes impetuosidades dos tropicos, como podeste com prazer oscular a face macera ta e fria de tua noiva que é a negação da Vida?!

Não creio, poeta.

Talvez, no ceu opalino das tuas phan-
tasias, possaise—como um enorme corvo
a distender as azas colossaes—nuvem tetrica da descrença e, na horrivel escuridão d'essa noite, tenhas distinguido esse valto sinistro que se te alfigurou lá no mas que não passa de um espetro ho rendo.

Noivo da Vida, que és, esquece essa sombra que se te apresentou mulher. Pois que? Referes o goivo á pallida negrinhola?

Esquece essa noiva e canta, canta no-
vamente louco de entusiasmo, prodigo de
esperanças o teu unico, o teu vaddockie
amor—esse que vive em teu coraço e que
é a rubra flor da chimera, presto a des-
abrochar em santa realidade.

Foge d'esse Spectro—que, se persistires, talvez, no dia fatal do teu lugubre consorcio, *Alguma*—que vive, que sente e que ama—vá impedir a realização d'esse sacrilegio oppondo justos impedimentos a esse attentado cruel a todas os leis.

Morte! despe os candidos auros de
noiva que quizeste usurpar e, embargada

Sulca-me as faces o pranto
De cruel separação!
Nas incertezas da vida
E' tão triste a despedida
D'este velho Maranhão,
Pois nesse cruel momento
Tudo em nós é sofrimento,
Tristeza e desolação.

O mavioso poeta nestes versos arroubados de intimo sofrimento, expandio em todo o seu ser o coração no afflictive momento da partida d'este solo, que talvez como eu, elle estivesse habituado ao conchego ditoso da familia, ás caricias d'uma mão extrema.

Assim, pois, leitoras, outro qualquer que não eu, poderia vos follar agora d'outro assumpto que mais vos interessasse; eu não, porque obedeco involuntariamente ao coração que só me diz:

Partir—sofrer!
Separar—morrer!

E, moralmente fallando, u na partida uma separação á longinquas plagas, não é nada mais nada menos que uma pseudomorte!

Desculpae-me leitoras, vos que tendes sido tão benevolas, tão indulgentes para comigo, o ter-vos roubado tanto tempo, ocupando-me unicamente com minha viagem.

Agora, porém, que já vos apresentei as minhas saudações e as minhas despe-

didas, ponho de parte as minhas magoas e vou lembrar-vos que temos actualmente trabalhando no nosso «S. Luiz» a Companhia Dramatica e de Operetas dos Srs. Moreira de Vasconcellos & Silva que já tive o prazer de assistir aos seus dois primeiros spectaculos—Guarany, drama extrabido do romance do immortal José de Alencar, e representado pelo actor Moreira de Vasconcellos.

A eximia artista Sra. Luiza Leonardo foi d'um correctissimo e naturalidad incontrastaveelos, no seu difficil papel d. *Cecília*, filha do fidalgio portuguez D. Antonio de Mariz. O Sr. Vasconcellos, deu-nos um *Perly* d'uma originalidade *tute parfaite*.

O segundo spectaculo, diram d. *Joanna Ferraz*, f.i. pela primeira vez levado em o nosso theatro, trabalho modesto e de mercedo apreço, revela o talento artistico do seu autor e foi por isso delirantemente applaudido.

A Sra. Luiza Leonardo incombuiu-se do difficil papel d. *Joanna Ferraz*, a mais uma vez, poz em evidencia a sua illustração, talento a par do mais fidalgio correctismo d'uma artista a quem se acham abertas de par em paras portas do salão da immortalidade.

E finalizando este—folhetim—e despedida, leitoras eu vos agradeço as atenções que tendes dispensado ao voso amado folhetenista. *Lucio Moreira*.

REVISTA ELEGANTE

No teu sono vio, volta à tua funebre la,
Esta eterna mensageira da Dó! t
Recife, 14—Setembro—1895.

Alcides Pereira.

Ella

A GUALTER GUILHERME

A gente canta de bellissima beleza
Imão potente de atrações fúrias,
Rosa de amor e Júlio de paixão,
Graciosa rima d'assustes horrores.

Imagens principais d'uma Altera,
Nomes de graças divinas, gentis,
Ligeira escuridão das estrelas grandes,
Assim eu, filha das flores festeiras.

Fazem de japse com uma rosa rubra,
Rebeldes nos labios que confrontam perolas,
Alma de luz não ha quem sua desculpe.

Seres tem osso d'os, linda dança;
Alegres fulgures d'âncas corais,
Os fogos da parto que o amor proclama.

Pedro de Almeida

Illusão...

Ao normalista João Eutropio

Hoje o pensamento, vagando pelo infinito,
trouxe-me a saudosa recordação de
uma esperança já morta.

Cruel presentimento dominou-me por
momentos.

Uma tristeza cruel pungiu-me o coração.

Tentei reagir, quiz fazer-me forte, lutai,
mas fui vencido.

Una força sobrenatural, um mal incu-
ravel, venceu-me aniquilando lentamente...

Sim—bomtem ria-me entre flores; hoje
choro em silêncio, fluctuo em trevas; e
amanhã estarei descansando eternamente
no eterno descanso dos que não vivem!

Mas ainda não é; é muito cedo ainda.

Trevas somente trevas, me rodeavam;
os sentia o coração pulsar tão agudamente
que parecia querer espodacar-se-me; só
savia a voz lugubre de uma alma apaixonada.

Era a minha voz que em um lamento
profundo mostrava-me como me achava
abandonado...

Mas...

Ah! E eu sonhava... E eu sonhava!
Um aror gelado me fanhava o rosto,
quando, subitamente, olhei em torno de
minha depeço com um fantasma.

Tremulo de susto, assim perguntei-lhe:

—Quem erá? Quem erá...

O fantasma não se moveu.

Depois approximou-se, apertou-me sine e
deu-me um beijo.

Ali! Que boca fria...

—Ah! Marieta, meu primor, sondoso
e mais santo amor, és tu.

—E tu, que outrora não tenhas por certo as
míos tan pequenas e debilitadas, não tenhas
velha tão afetuosa e mecanizada; não
tem a voz tão doce como a de um anjo;
do teu sorrisos tão mimosos e encantado-

nas.

Este, que és bela como a rosa, etens
tados os traços da mística formosura.

Vem! Dá-me outro beijo. Mais um
beijo! um só...

Debalde chamei a virgem dos muros so-
nhos.

Ella, reclinando, pé ante pé, foi-se e
me deixou louco, esperando o abraço e o
beijo.

Nem mais me quis beijar e abraçar!...

Como é cruel a illusão!... Não era
Marieta, era um phantasma!

10—10—95

Benjamin Sonza.

Ao sol posto

Esses vermelhos traços espalhados
No ar do crepúsculo, que aos poucos se escurece,
São pedaços de purpurina, rascadas.

Do amanhecer do Sol que ao longe desce,

São restos d'esse mundo que, afirmando,
Balançam no espaço espantoso a seu decrecer.
Empurado o Sol, com os raios apagados,

N'um pedaço da estrada desaparece.

Empurado o Lixo, subito seclarada

Nova fenda sobre o céu suspenso,

Chega da barra que apoia o Sol dilatado.

Li no Leiteiro surge, iluminada,

N'um mar de azul leitoso, grande, imensa,

Cessa uma grande ruída de prata!

J. Xavier de Carvalho

HIGH-LIFE

Em 26—o casal, sr. e dr. Alexandre Vicente Garcia Lobato
digas esposas da sr. Alcides da Costa Lobato.

Em 27—o interessante mestre Berlitz, filha do missionário
Alfredo Pinto Teixeira, as casas, sr. Adriana da Costa
Lobato, Paulina Smith e a sr. José Cardoso da Costa Lobato.

Em 28—o ex-sr. dr. Maria Lisboa Alvim Nino, digas es-
posa do sr. Almir Nino, a menina Muriel-pinkie, filha do sr.
Francisco Joaquim Ferreira Nino, o mestre Antônio, filho
do sr. Manoel Moreira Pinto, e o sr. João Gonçalves Ma-
chado e José Barbosa de Andrade.

Em 29—o casal, casas, dr. Edith Moreira e Anna S. Ri-
beiro.

Em 30—o sr. Carlos Antônio Gonçalves.
Acostume os nossos comprimidos.

EXPEDIENTE

Companhia dramática Moreira de Vasconcellos & Silva

Atravessa o Maranhão uma boa tempo-
rada; está trabalhando no nosso Theatro a
festejada companhia dramática e de op-
eretas do brilhante artista Moreira de Vas-
concellos. Faz parte de seu escolhido elenco
a emerita pianista Luiza Leonora.

Esta distinguida Sra. desempenha no pris-
mo do talento todas as cores da arte.

Quem com ella fallar, sem mesmo velar
no palco que lhe é tão familiar, ha de
reconhecer, sem dúvida, que Moreira de
Vasconcellos outra não podia achar que mel-
hor o ajudasse e comprehendesse tanto as
suas belas produções dramáticas que or-
nam a literatura dos tempos modernos.

E' boa a companhia; trouxe-nos outros
artistas de alto merecimento.

Rayol, o nosso maestro, veio como di-
rector da orquestra. Veio passar no Maran-
hão, veio ver sua terra que elle chama
de ingrata, e tem razão. Mas não des-
anime nunca, Rayol, tens talento, és arti-
sta de nome e te basta. Continua sem
pre a honrar o teu berço.

Recebemos as seguintes visitas.

Philomathia, n. 1 e 2.

Esta revista, artística, científica e philo-
sophica é publicada aqui na Capital, de 15
em 15 dias.

São redactores d'essa ilustrada folha
diversos cavalheiros distintos de nossa
sociedade, tendo por director o insigne
jornalista Manoel Béthencourt.

Alem destas fomos gentilmente obse-
quiados com a presença de outras que se
seguem:

RioGrande do Norte, Natal, Rio Grande
do Norte.

O Artista, Rio Grande do Norte.

Monitor Católico, Bahia.

O Trabalho, Mato Grosso.

A Ordem, Grêmio da Cachoeira (Bahia).

O povo, Vila Velha (Bahia).

Correio de Notícias, Bahia.

Rra-Nova, Recife.

Gazeta do Commercio, Paraíba.

O Artista, Paraíba.

O Diário, Petrópolis (Terezina).

O Piauhy, Terezina.

Tritura Operaria, Terezina.

Gazeta do Commercio, Terezina.

A Verdade, Goiânia.

A Republica, Goiânia.

Diário do Ceará, Ceará.

Correio Ilustrado, Ceará.

Correio do Norte, Guaratinguetá (S. Paulo).

Revista Literária, S. Paulo.

O Commercial, Goiânia (Pará).

O Marapanimense, Marapanim (Pará).

A todos meus agradecimentos.

Grande deposito de roupas feitas

Neste vasto deposito encontra-se roupa de todos os tamanhos, qualidades e feitios.

Preços sem competencia.

FATOS de paletot de casemira de cor, lan pura, gastos variadíssimos a 65, 75, 85, 105 e 125.

COLLETES de fustão—grande variedade.

FATOS de paletot de casimira diagonal preta a 85, 105, e 125.

FATOS de paletot de cheviotte preto a 85, 105 e 125.

FATOS de paletot de crepe preto a 105 e 125.

FATOS de paletot de raimier preto ou azul a 105, 110 e 125.

FATOS da fraque de cheviotte preto a 105, 125 e 145.

CALÇA de casemira diagonal preta ou azul a 205, 225, 255, 305 e 355.

CALÇA de raimier preto ou azul e crepe preto ou azul a 305 e 325.

CALÇA de casemira de cor a 185, 205, 225, 255, 285, 305 e 355.

CALÇA de cheviotte preto ou azul a 205, 225, 255, 305 e 355.

CALÇA de pano fino ou casemira preta setim, sem fustão a 305, 325 e 355.

CALÇA de brim branco de Hamburgo a 125, 135, 175 e 185.

CALÇA de brim de linho de cor a 125, 135, 185 e 205.

LENÇOS espessos—grande variedade.

LENÇOS com bordado preto—roupa feminina despedida.

Perfumaria

GRANDE NOVIDADE

Extractos e essencias para o lenço—especializando-se—**Real Houbigant**

Ylang Ylang, Essencias Cytherée,

Clematis, Violette Russe, Violette Idéale, Meika, Sunrise, Aura

Boris, Violette de San Remo, Peaud'Espagne de Houbigant,

Ylang Ylang de LUBIN, essencia de Peau de Espagne de DELETTREZ, essencia Victoria de JONES e todos os perfumes de Guerlain, Atkinson, Piesse &

Lubin, Colgate & C., Lazell's, Ricksecker, Roger & Gallet, Bears

cce, etc.

Grande variedade de sabonetes, agua para toilette, pós de arroz, pós, pasta e agua para dentes.

CHAPEUS de pello—ingleses, ultima novidade em Londres—à diversos preços.

CLAQUES (chapeus de opera) de diversas qualidades a 305 e 405.

BONETS (casquetes) de casemira e seda a 85 e 105.

PEITILHOS para camisa, de bretonha pura, lisos, bordados e com pregas 55, 65, 75, 85 e 105.

CAMISAS de flanelha—preparo de seda—proprias para se azarem com peitilhos—ultima moda em Maranhão

A diversos preços

CAMISAS para casa e sítio—gastos variadíssimos a 105.

CAMISOLAS de flanelha fina, (colotes) para todos os tamanhos—à diversos preços.

CAMISAS brancas e de cor, com ou sem collarinhos e punhos lisos, bordados e com pregas—à diversos preços.

MACHINAS DE COSTURA

grande deposito. Além das maquinhas—**DAVIS**—a ultima inventado neste verão, temos as seguintes: Dorne de New-Ham, Singap-Northman, Corona, Domini e Minerva. Sócio-líquidas para todos os preços.

Luvas de polica, bordadas e sem bordas—grande variedade—preços sem competencia.

Chapéus molles de feltro,

americanos, recentemente despatchados. Variedade em gastos a 105, 125 e 15.000

Chapéus de pitha, americanos e ingleses—grande variedade em feitio a 65, 85, 105 e 12.000

Chapéus de feltro, duros, grande sortimento a 145, 155, 165, 175 e 18.000

Chapéus de sol, de seda, com cabos de cerejeira, juncos, marfim e castão de ouro a 285, 305 e 45.000

Bengalas, enorme sortimento, gastos variadíssimos de 55 a 40.000

Gravatas de seda, lâ e fustão—marinheiros, de laço. Lavalleres, brancas pretas e de cores a 15, 25, 35, 45, 55 e 6.000

Cintos colletes, de seda e fustão—ultima moda em Paris—à diversos preços.

Cintos de couro a 2.000

Cintos faixas de seda—completa variedade—à diversos preços.

Punhos de linho, de diversos feitios 205, 225 e 2.500

500 duzias de collarinhos de linho puro de todos os feitios 125 e 15.000

Paletots de seda, ingleses 185 e 2.500

Fatos de dormir (pyjamas)—de seda, lâ e lan e sítio—à diversos preços.

Sobretudos—de casemira de lan pura e fivelas de seda—à diversos preços.

Fatos para cama—grande sortimento—gostos, bordados—à diversos preços.

Pegadores para gravatas, com ou sem bordas 1.500

Lencos de seda, com e sem bordas—Para todos os usos.

Imp. por João L. A. Loureiro, na Rua 5º de Maio, 100—Telheira



REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

GERENTE—FRANCISCO PINTO TEIXEIRA

ANNO IV | Maranhão, 30 de Novembro de 1895 | NUMERO 43

REVISTA ELEGANTE

Monarchia e Republica

Eis um assumpto que está prestando a attenção pública de todo o paiz, em razão das manifestações feitas na imprensa de S. Paulo e do Rio pelos proceres do extinto regimen.

E' isso um bom symptom e demonstra que a Republica entrou na phase desejada de sua função constitucional.

Ainda bem, abreem-se novos horizontes à liberdade de todas as consciências, e não é crime hoje a discussão de um assumpto, que, ainda há bem pouco tempo, dava motivo à inseurança individual.

Abencoados todos que contribuem para essa nova orientação, que engrandece e exalta o novo regimen, pois só assim a Republica será a divinização do puro ideal da democracia americana.

Sim, não coloquemos o Imperio, que jamais confiscou as liberdades públicas, em plano superior à Republica, deixando-a offuscada pela ação constante da generosidade monarchica.

Não e não.

Que importa que o notável escriptor frances Paul Janet, na sua obra «Philosophia das Revoluções» tenha dito—que nos países de iorça republicana o nível da mentalidade é manifestamente inferior aos dos regidos por governos monarchicos!

Que importa que o douto e patriota Ruy Barbosa, no seu memorável discurso, pronunciado há pouco sobre o projecto de amnistia, dissesse—que o exemplo do mundo contemporâneo está lhe mostrando muito maior somma de liberdade nas grandes monarchias constitucionais do que nos estados republicanos, que o imperio não condenava sentenças de tribunais, que não impunha a golpes do poder executivo, desterro, carcere e esbulho de direitos constitucionalmente invioláveis, que não erguiam bestilhos, que não cerravam o sangue de seus adversários!...

Que importa ainda que o princípio do jornalismo brasileiro, o grande Quintino Bocaiuva, tivesse dito no Senado—que o grande erro seu e dos seus amigos tinha sido o haverem proclamado uma republica em que faltam republicanos!

Que importa que o hombrido e imperitado republicano, sem jaço, Serzedello Correia, com a alma torturada de desgostos latentes, fallasse no Congresso Nacional—em abusos que se praticaram, tyranias que se exerceram, injustiças que se fizeram, Constituição que se rasgou, e que não havia mais leis para violar porque todas haviam sido violadas!

Que importa que no dizer do emerito Affonso Celso—até 14 de Novembro de 1889 existisse no Thesouro um saldo em dinheiro de mais de 7 mil contos; o mesmo Thesouro possuisse no Banco Nacional um saldo também em dinheiro, de mais de 2 mil contos; na agencia financeira de Londres, um saldo ainda em dinheiro, de cerca de 22 mil contos; e que finalmente podessemos saccar a descoberto, sobre a Europa, até 5 milhões de libras sterlinas!

Que importa que o philosopho brasileiro e radical historico Sylvio Romero houvesse dito—que o povo só conhece do novo regimen o sequestro da liberdade, o menosprezo de seus direitos, as dificuldades da vida, o exagero dos impostos e quasi as agoniás da fome, que lhe vai entrando em casa, amarrada e presa a carestia dos alimentos!

Que importa, finalmente, que Martins Junior, o deputado democrata da propaganda, em Pernambuco, houvesse dito—que preferia hoje a peior das Monarchias á actual Republica brasileira!

Mas hoje tudo está mudado, rasgou-

TELEPHONE 56

ENDERECO TELEGRAPHICO

—IMPERIAL—

Caixa no correio 40

se o céu do templo e surgiu à face do altar
da lei o Diabo e a Razão.

Houve des nefastos, é certo, em que a República teve a sua Paixão, não perdendo os levitas da Lei entoarem o "la Eclesia", mas esse Paschion de fato possuirá vida a Resurreição, e o Cristo, depois de escondido na neve, envolto em nimbo de luz resplandente, subiu para as alturas...

Todo o mal da República tem sido a pessima administração pública, máximo as suas reformas precipitadas, e por isso que se observa constante conspiração contra ela, que não tem responsabilidade dos desatinos cometidos em seu nome.

Se desde o seu inicio o actual regime tivesse a ventura de ver na posse de hoje o homem de elevada estatura moral, que dirige os destinos da Nação, e contasse nas administrações dos Estados os conciliados da ordem de Lauro Soárez, Moniz Freire, Afonso Penna e outros, que souberam sempre inspirar-se nos princípios da lei e na prática severa da justiça, então ninguém pensaria em recordar o passado...

O Maranhão também tem tido a suprema felicidade de possuir administradores sensatos e moderados.

Eis o motivo por que a República nesses Estados merece as symbolizações do povo, que nelles vive na posse de plena garantia, não sendo jamais violentado em sua liberdade.

Mas o mesmo não se pode dizer de Pernambuco, de Sergipe, do Rio Grande do Sul e de outros, onde são repetidas as ameaças à vita e à tranquilidade da família brasileira.

Aqui a República é um horror, o povo, vilipendiado pela tyrannia dos demagogos, olha saudoso para os tempos idas.

Mas não desesperemos de todo, confemos na lenitide e no patriotismo do Dr. Prudente de Moraes, a mais perfeita garantia da ordem pela inspiração da Justiça, a mais activa sentinelha da República pelo respeito à Lei.

Nem terror, nem ameaças, a personalidade histórica de Theroigne de Mericourt, que ao lado de Santerre, praticou mortícios e alimentou-se de odios, morrendo por fim louca no carcere, fazendo esgares à sua propria sombra, é um exemplo vivo, palpítante, para os que sabem comprehender a dificuldade do actual momento histórico.

Em tempos calamitosos para a França, um orador convencional disse: «Gardes, quando o inimigo nos ameaça e alguém vos induz ao odio, vele nelle o inimigo da vossa salvação.»

O governo inspire-se nessa maxima política; que é uma apophthegma de subido valor, e estou certo que a República conservar-se-ia sempre erecta no seu pedestal de honra.

E' bem verdade que os governos são feitos para os povos e não os povos para os governos, e si a Soberania da Nação quizer regeitar a República, então o dever de todos é a submissão a esse intuito, que devemos respeitar, como o fizemos a 15 de Novembro de 1889.

Quanto à forma de governo, repetiremos aqui os versos de Pope;

For I, man of government let fools contest;
What'er is best administer'd is best.

A MODA

Paris

Escrevendo a essa casa, que muito honra a nossa com o seu elevado conceito, temos por fim cumprimental-a, e aproveitando a oportunidade, declarar que deixamos de manjar as notícias mais interessantes sobre a moda porque bem poucas tem havido ultimamente além das que já fizemos sciente.

(Dos meus correspondentes.)

LITERATURA

Emfim!

Enfim von Leo Lévi-Strauss, que felizes
Elegiendienst gibt, zwei 2000 Rechnen!
Viele von mir ist passiert, und ich
Bin froh von einem neuen preis!

Sauvage von Leopold Lévi-Strauss ist
Tut wie eine sehr interessante opera?
Oh! handeln Sie das, drittes acto!
Oder steht es nicht—nicht leicht auch?

Aberge von Beaufort... vero... e pronto o leito...
Dürfen Sie nicht, querem em meu peito
Só que tremendo luto, e corpo ten?

Asim, de parcer... como a noite é bella!
Ent cada vez silvo... no seu estrela,
Ent cada vez respondida, se eu?

M. Ruck.

Vivaz

Tens flamas altas. Noth
tem perfeitas febres,
lentidões de gravidez
acessivas, cheia, suave,

No desabrochar
tremula a espuma em flor,
e ha nela o exuberante hymen
das cyprinas da mata.

Ten colletas ou perfumas
das rosas selvagens,
e outras raras ou raras
crescentes, belas, belas,

E n'essa mata, caroço
faz o limpides, unhas,
de hirsúsculas de rocas,
plumagens brancas de aves.

Ha encantos brejos
nos bosques arredados,
suspirâncias fáceas
de colégio materno.

23-XI-95

R. C.

Nunca mais

Longe, por esses ermos labirintos
Onde esclusas geadas e riscas,
Por essas ruas pretas de alvenaria
Onde com risco se confundem gritos,

Te vejo, ó bella, face natiada
De rosas, jaleas de coral benditas
Que se entrebrenham longinas afiadas
De longas quinas e de gorgulhos,

E' que te vejo na sombra bruta
Do meu passado, e que te vejo em sonhos
Kora em tuas espaldas eras e descreve...

Que pena! E' tensa erga, vivendo cubana,
Vivendo como em mila. Quem ent' era
Felic e atada apressadamente

Gaudê Guillerme

Recuerdo

«Saiu meu alloro que não desapareceu
C' e a bela raposa e o belo atento, assim
Quando voltou, não deixa, lá quantas horas
Foi se deixa? Enquanto, Maria...»

Foi bonito... e a bonitinha moça
A' sua vinda, lá bateu, e lá ficaram,
Como nos bicos d' uvas e abacaxis.
Nas suas mãos moças... elas tem mais caras...»

Não se vêem calos ou ró, de repente,
C' e' assim a cada passo de quem tem...
Tudo o passado se manda praí!

E' aír amar, os dias vivos da felicidade
Cada vez a lembrança grande em cheiro,
De um tempo de muita vida a imagem?

J. Xavier de Carvalho.

Blasphemias

Alastrou o prazer, o amor a mortalha,
Da amada edificou grande infâmia, amaldiçõ,
Ou seja a memória das tristes freguesias
De fidelha melindrava as espigas da verga,

Que o gozo de amar, a infame loja
Que a vergonha, seu pudor, crea feridas frontais,
Morreram-se expostas, e os belos palermos
A si no bando, em faca pachanta

Destra, ofensa o amar, se a gloria na amaldiçõ
Se erga nos céus no bando das risas,
Se funda seu bando a lei da calamidade

Revolta os sentidos que querem a degra,
Quem a dão, a ferida, no resto, em gola...
Alastrou o prazer, o amor a mortalha

Oscar J. Alves.

O Maranhão litterario

O Norte do Brasil cada vez mais está tomando maior vulto, elevando-se, engrandecendo-se nas letras patrícias. O Maranhão que pela profunda ilustração e masculino talento de seus filhos sempre ocupou lugar distinto, saliente quando se tratava de qualquer ramo de saber, fosse arte ou fosse ciência, que era por assim dizer uma das directrizes da intelectualidade brasileira, esteve por algum tempo, é forjoso confessar-o, abatido prostrado, quasi inerte. E que, como disse um habil escritor, ele, o Maranhão outrora valente, corajoso na luta, hoje descega à sombra de suas glórias que são eternas. E disse muito bem, o Maranhão assemelha-se a um gigante de polvos fortes que extenuado e no mesmo tempo orgulhoso da tantas conquistas, convicto da realidade de suas forças, sereno, tranquillo avança de novo e então quem sabe o triunfo que o futuro lhe destino? Ele está de pé: o gigante despertou.

Qualquer que seja o estado do Norte e quicô do sul que com ele entrar em luta pela idéia, as unicas que immortalisam, não de baquear ou então ficar no mesmo plano, porque o Maranhão fraqueja, sim, vacila, mas não cai.

Seu estado político e económico, é o que sofre no momento actual, mas esse é só do Brasil, a comunicação é geral. Na parte exclusivamente literaria o Maranhão recupera as forças de ontem e segue impavido os seus irmãos que são outros tantos estados da Republica.

Não vou n' estas palavras nun ponto sequer de baixismo, o que outro tanto não acontece com algumas penas que são R. S. eceira de mais. Não há muito querendo um jornal de terras visinhas, cuja pagina principal se occupa de assuntos literários

EXPEDIENTE

... e os contos, etc, etc, vimos estando elogios, elogios e só elogios aos seus existentes, querendo ser o fogo luminoso da civilização mode na! Isto muito nos admirou, porém, não seremos nós que lhes daremos a resposta merecida, elles a terão na propria consciencia que é um tribunal severo.

O criterio de quem escreve é sempre dizer a verdade; nós não exageramos.

Alfredo de Mattos.

DYNAMICOS

I

Ela o amava.

Esbelta, faceira, dançava sorrindo, olhava para todos, corada, vermelha, nos passos da walsa. Depois formosa, garbosa, passava cansada, falando baixinho, com medo, segredos de amor. Seu par, tho alvar, recebia abysmado que a vissem e ouvissem sua prosa amorosa.

Ela o amava.

Na sala vasia, tho triste só elles estavam; pediu-lhe a prova mais nova de tudo e muidos licaram. Irrompeu a orchestra de mestros mas antes na sala, entre as galas da festa, hocoços de velhos, anhelos de moço, ondulou-se de enjôo um beijo sem pejo.

Ela o amava.

Recebemos as seguintes visitas:

- O Combate, Pará.
- O Commercio, Pará.
- A Provincia do Pará, Pará.
- A Republica, Pará.
- O Athleta, Pará.
- O Diario Oficial, Manaus.
- O Alesquerense, Allenque (Pará).
- Monitor Codoense, Codo.
- O Norte, Barra do Corda.
- O Campeão, Barra do Corda.
- O Commercio de Caxias, Caxias.
- O Corisco, Caxias.
- O Marmurio, Therezina.
- O Cri-cri, Theresina.
- O Democrata, Therezina.
- Rio Grande do Norte, Natal, (Rio Grande do Norte).
- O Artista, Rio Grande do Norte.
- Monitor Catholico, Bahia.
- O Trabalho, Alagoas.
- A Ordem, Cidade da Cachoeira (Bahia).
- O povo, Valencia (Bahia).
- Correio de Notícias, Bahia.
- Era-Nova, Recife.
- Gazeta do Commercio, Paraíba.
- O Artista, Paraíba.
- O Diario, Pianhy (Therezina).
- O Pianhy, Therezina.
- Tribuna Operaria, Therezina.
- Gazeta do Commercio, Therezina.
- A Verdade, Ceará.
- A Republica, Ceará.
- Diário do Ceará, Ceará.
- Ceará Ilustrado, Ceará.
- Correio do Norte, Guaratinguetá (S. Paulo).
- Revista Litteraria, S. Paulo.
- O Commercial, Gamelá (Pará).
- O Marapanimense, Marapanim (Pará).

Agradecidos a todos.

HIGH-LIFE

Fazem amanha no mes de Dezembro a futura:

Em 1—A exma, sen. dr. Elisa Rosa Monteiro, digna esposa do ex. trecento Theodoro Júlio Monteiro, ex. sen. drs. Arthur Quadros, Edmundo Moreira e Sébastião Leão, e os ses. Fabrício Atreus, Burjack da Silveira e Carlos Ferreira Coelho.
Em 2—O exm. sen. José Galvão Martins e Joaquim da Costa Filho.
Em 3—O exm. Amynthas Gonçalves, Francisco de Melo Andrade e Francisco Gómez Interneira.
Em 4—O muiusso Astroglifido, filhido do ex. Joaquim Azevedo.
Em 5—A exma. sen. dr. Mariano Soeiro.
Em 6—A exma. sen. dr. Maria Antónia Dauri, Soeiro e m. m. Manuel José Soeiro e Geraldo Pereira de Oliveira.
Em 8—A exma. sen. dr. Cecília Gomes, ex. ses. Amâncio Viana e Pignatello e José Gomes Merlo Filho.
Em 10—O exm. sen. Raymundo Andrade da Silva.
Em 11—A exma. sen. dr. Olympia Augusto Belo de Carvalho.

Em 12—A exma. sen. dr. Maria Paula de Souza Ribeiro, velha esposa do ex. desembargador Francisco Ubaldo de Souza Andrade.

Em 13—A exma. sen. dr. Luís de Andrade Nunes e o ex. m. m. Eustáquio Lopes da Silva.

Em 14—O exm. Alfredo, filh. do ex. Alfredo Nicolau dos Santos, ex. m. m. José Góes Santos Guimarães.

Em 15—A exma. sen. dr. Almeida D'Almeida de Souza Belo, Amélia e São Nunes e Flora Margarida P. Borges.

Em 16—A exma. sen. dr. Joaquim d'Almeida Barbosa e Alípio Augusto de Araújo Soáto.

Em 17—O ex. Leônidas Júnior de Medeiros.

Em 18—A exma. sen. dr. Luís Olympia Belo de Medeiros, Anna Izabel Belo de Medeiros, e o netinho Adilson, filhido do ex. Alfredo, m. m. Soáto.

Em 19—A exma. sen. dr. Francisco Belo de Medeiros.

Em 20—A exma. sen. dr. Cecília Gastaldão de Oliveira e o neto, m. m. Leopoldo Francisco Ferreira.

Em 21—A exma. sen. dr. Henrique Zanotto da Silveira e m. m. Antônio Jayol.

Em 22—O exm. Antônio de Góis Labios.

Em 23—O exm. Olympia Freireira.

Em 24—A exma. sen. dr. Maria Augusta C. Ferro e J. m. m. E. Oliveira e o ex. dr. Joaquim Pinto Ferreira de Souza.

Em 25—A exma. sen. dr. Maria José Pacheco.

Em 26—A exma. sen. dr. Teotônio Ribeiro e o ex. capitão Joaquim Theotonio da Costa Ribeiro.

Em 27—A exma. sen. Honório Lima e Joaquim Pacheco e o ex. desembargador Thomas Góes de Castro.

Assim como outras coisas.

arcando com as dificuldades quasi insuperáveis da vida. Não merece um madrigal, merece antes uma ode singela e triste, apenas uma canção funebre e nada mais.

Eu, porém, tenho esperança, oh! Maranhão! que ainda has do ter alento, forga bastante para te erguer pujante, impavido à altura de teu nome, tenho a fé consoladora dos crentes que ainda has de encontrar no coração de teus filhos a essencia do amor que te dará vida, e então sel-o-as o que foste outr'ora, grande entre as maiores cidades do império.

Império! Esta palavra só aos meus ouvidos como o estrondoso ribombo de uma peça. Império! Fere-me os ouvidos e a vista, fere-me como se fosse um projéctil rubro, incandescente que tremulo vibrasse no ar levando a morte em cada estilhaço que se espalha, rebenta, espatifa entre nuvens de fumo. Império! Que horrível é esta palavra para ainda hoje ser trazida em muitos dos programmas políticos que por ahi andam a explorar votos a bem da ordem publica da honra e da integridade nacional. Não; ella não pode mais existir para nós os brasileiros cujo lema deve ser progredir, progredir e progredir sempre.

Deixemos o passado envolvido na penumbra que o cerca e olhemos para o futuro que só elle é grande; tem a magestade do desconhecido, mas desconhecido facil de prever e de supor como nos parece,—brillante e feliz.

O império já teve a sua quadra; florificou, porém, as bellas flores d'essa arvore devadida unica se transformaram em fructos. Isto, porém, não obstante para que deixe se apparcer aqui e alem muitos que querem e gritam por essa torma de governo; que proclaimam sem resvera a restauração da monarchia como se ella fosse a unica salvação da Patria, ou a unica instituição possível à índole do nosso povo que é essencialmente democratico.

Restaurar a monarchia é continuar mas que aspiração, que obra historica se propõe a renovar esse regio e falso governo dos coroados? Elles não tem, diz-nos Sylvio Romero, uma missão historica a desenvolver. Sua obra foi um trabalho de desorganização e desarticulação em todos os ramos da actividade nacional.

Que se pretende, portanto, esperar d'esse regimen que para mais de meio século dominou o Brazil? Ah! libertou os negros, fez os cidadãos livres da patria ainda escrava, porque onde a nobreza existe, existe vassalos submissos, servos obrigados.

Por onde vou eu? Se continuar semelhante assumpto parece que não acabo hoje; tem de encher tiras e tiras de papel e, talvez fatigar o leitor, devendo, ao contrario, ceder lugar a outros e deixal-os escrever também. E' pois o que von fazer, ponco on nata tendo dito relativamente ao mes de novembro cujas notas mais salientes foram os magnificos especialementes dados pela empresa dramática e de operetas Moreira de Vasconcelos & C., sobre salindo d'entre elles o drama em 5 actos ou antes a alta comedia denominada—Joanna Ferraz—que mereceu do nosso publico freneticos aplausos, e alem d'issso, o grande cortejo cívico e militar em honra da proclamação da Republica.

Disse.

Djalberto Freire.

CHRONICA

Passaram-se os dias do mes de Novembro placidos, serenos como a brisa a circular fagueira pelo refolho esmeraldado dos bosques; passaram-se calmos, entretidos sem que um facto contristador de natureza a comunicar e sensibilizar os corações viesse turvar o pequenino lago de cristalino leito onde corre sempre com o mesmo susurro brando e rompido das aguas, o nosso tiver constante, ora ensombrado de nuvens tempestuosas, ora claro e scintilante.

Fui lyrico de mais. E' culpa de minha pena, pobre pena que erra querendo esgrevor mafitigas quando se trata de consas de tão puro valor como infelizmente são as recordações de minha terra, desse belo Maranhão à quasi morto e mesmo assim

REVISTA ELEGANTE

Luras de pelica, bordadas e simples—grande variedade—preços sem competencia.	
Chapeus molles de fistro. americanos, recentemente despachados. Variedade em gostos a 105, 125 e.....	155000
Chapeus de patha , americanos e ingleses—grande variedade em fistro a 65, 85, 105, e.....	125000
Chapeus de fistro , duros, grande sortimento a 145, 155, 165, 175 e.....	185000
Chapeus de sol , de seda, com cabos de cerejeira, juncos, marfim e castão de ouro a 215 305 e	455000
Bengalas , enorme sortimento, gostos variadíssimos de 5 a....	403000
Gravatas de seda, lã e fustão—marinhais, de laço, Lavalieres, brancas pretas e de cores a 15, 25, 35, 45, 55 e.....	65000
Cintos colletes , de seda e fustão—última moda em Paris—á diversos preços.	
Cintos de couro a.....	28000
Cintos fachas de seda —completa novidade—á diversos preços.	
Punhos de linho , de diversos feitos 205, 225 e.....	245000
500 duzias de collarinhos de linho puro de todos os feitos a 125 e.....	145000
Paletots de seda , ingleses 185 e.....	255000
Fatos de dormir (pyjamas)—de seda, lã e lã e seda—á diversos preços.	
Sobretudos —de casemira de lã pura forrados de seda—á diversos preços.	
Fatos para casa —grande sortimento—gostos variados—á diversos preços.	
Pegadores para gravatas , com inicias.....	18500
Lenços de seda com e sem inicias—Para todos os preços.	

Grande deposito de roupas feitas

Neste vasto deposito encontra-se roupa de todos os tamanhos, qualidades e feitos.

Preços sem competencia.

FATOS de paletot de casemira de cor, lã pura, gostos variadíssimos a 65, 75, 85, 100 e 120.

COLLETES de fustão—grande variedade.

FATOS de paletot, de casemira diagonal preta a 85, 105, 125, e.....

FATOS de paletot, de cheviotte preto a 85, 105 e 125.

FATOS de paletot, de crepe preto a 105 e 125.

FATOS de paletot, de ruanier preto ou azul a 105, 115 e 125.

FATOS da fraque, de cheviotte preto a 105, 125 e 145.

CALÇA de casemira diagonal preta ou azul a 205, 225, 255, 305 e 355.

CALÇA de ruanier preto ou azul e crepe preto ou azul a 305 e 355.

CALÇA de casemira de cor a 185, 205, 225, 255, 285, 305 e 355.

CALÇA de cheviotte preto ou azul a 205, 225, 255, 305 e 355.

CALÇA de pano fino ou casemira preta setim, sem lustro a 305, 355 e 405.

CALÇA de brim branco de Hamburgo, a 125, 155, 175 e 185.

CALÇA de brim de linho de cor a 125, 155, 185 e 205.

LENÇOS japonezes—grande variedade.

LENÇOS com bainha preta—recentemente despachados.

CAMISAS brancas e de cor, com e sem collarinhos e punhos, lisas, bordadas e com pregas—á diversos preços.

MACHINAS DE COSTURA grande deposito. Além das machinhas—**DAVIS**—a ultima invenção n'este genero, temos as seguintes: Domestic, New Home, Singer, Nathmann, Corona Domina e Minerva. Machinhas para todos os preços.

Perfumaria

GRANDE NOVIDADE

Extractos e essencias para o lenço—especializando-se—**Real Houbigant Ylang Ylang, Essencias Cytherée, Clematis, Violette Busse, Violette Idéale, Meika, Sunrise, Aurora, Violette de San Remo, Peaud'Espagne de HOUBIGANT, Ylang Ylang de LUBIN**, essencia de Peau de Espanha de **DELETTREZ**, essencia Victoria de **T. JONES** e todos os perfumes de **Guerlain, Atkinon, Piesse & Lubin, Colgate & C. Lazell, Riecksecker, Roger & Gallet, Pears** etc, etc.

Grande variedade de sabonetes, agua para toilette, pós de arroz, pós, pasta e agua para dentes.

CHAPEUS de pello—ingleses, ultima novidade em Londres—á diversos preços.

CLAQUES (chapeus de opera) de diversas qualidades a 305 e 405.

BONETS (casquettes) de casemira e seda a 85 e 105.

PEITILHOS para camisa, de brotinha pura, lisos bordados e com pregas 55, 65, 75, 85 e 105.

CAMISAS de flanela—preparo de seda—proprias para se uzarem com peitilhos—novidade em Maranhão

A diversos preços

CAMISAS para casa e sitio—gostos variadíssimos a 105.

CAMISOLAS de flanela fina, colotes para todos os tamanhos—á diversos preços.

Imp. por João R. A. Lomba, na Typ. a vapor da alfaiataria—Teixeira



REVISTA ELEGANTE

EDIÇÃO ESPECIAL

OFFERECIDA

AOS

FREQUEZES

DA

Alfaiataria--TEIXEIRA

ANNO IV Maranhão, 31 de Dezembro de 1895 NUMERO 44

SAUDAÇÕES

TELEPHONE 562
ENDERECO TELEGRAPHICO
IMPERIAL

REVISTA ELEGANTE

O NOSSO PORVIR

Quem haverá acompanhado com interesse as discussões no Congresso e no Senado da República sobre o estado financeiro do país, haverá p. r. certo sentir a impressão desagradável de futuro que nos aguarda, cuja face dos efeitos da crise, que já se vêem sentindo com intensidade no presente, perturbando a economia pública e o bem-estar da população em seu conjunto.

A carência da vida, evidente já de há muito, tendo por base as constantes fluctuações do cambio, em esfera descontrolada, apavora o espírito público, que se manifesta recômigo das consequências do mal crescente, que deve produzir talvez muito breve profundas e incalculáveis agitações em todas as camadas sociais.

Tinalho como causa dessa depressão financeira concerneu o abuso do crédito nos primeiros dias da República, o exagerado aumento da despesa pública, sem a observância fiel dos recursos naturais da receita, pretendendo-se hoje aplicar à situação do país os mesmos efeitos de uma certa época de França, quando o duque de St. Simon disse: «as ventosas do fisco só não sazam sangue do povo e são pás...»

Não se diga que só os espíritos meteculosos e que se deixam arrastar pelas contingências dos que observam pelo polar lado o fenômeno da crise, que se avolumou e cresce, estendendo os seus tentáculos por toda a parte; não, a appreensão é extensiva e afecta as classes conservadoras da sociedade, produzindo o panico, e como consequência primordial o receio do populismo.

Não pode ser mais desesperador a sorte do país a longo perpectiva de tempo, vivendo assobiado por enormes dificuldades da vida, sem recursos de especie alguma que minorem tão afflictiva situação!

No proximo anno a calamidade pública atingirá a proporções ainda mais desoladoras, à vista da elevação dos impostos votados pelo Congresso federal, alii de satisfazer os compromissos da Nação, que busca por todos os meios sair das dificuldades em que a deixou os desastros financeiros da passadas gestões.

Assusta-nos, portanto, a futura situação do país, que tem de ceder à pressão de uma grande e incalculável crise financeira.

O que não resta dúvida, e é incontestável, é que todo o mal que hoje experimentamos provém da má compreensão dos homens que, em preparo científico e apiduo necessário, assumiram a responsabilidade do novo regime ou governo provisório da República, pois d'esse tempo datam os desastres financeiros, que perturbaram a marcha ascendente do país,

então em caminho da prosperidade natural por efeito da abdicação da escravidão.

Se as leis da moral pública tivessem sido n'aquele tempo observadas, se o patriotismo impusesse nos actos dos governantes a eficácia de meios mais salutares, não veríamos hoje a República próxima do cairado abismo, do qual procuram afastá-la os homens bem intencionados.

Também o grande mal que affectiona a República foi não ter o marechal Deodoro da Fonseca compreendido, comodamente, o seu papel de revolucionário, mas de ação limitada ao seu feito de militar, e haver aceitado a posição culminante de Chefe de Estado para o qual não possuía os requisitos indispensáveis, não só pelo carácter da classe que representava, como ainda pela falta de elementos essenciais.

Se elle tivesse repetido aquellas sublimes palavras de Washington «a espada foi a última razão que invocou contra os reis, a espada e a primeira causa que atiro aos pés dos povos», então, como o grande patriarca da independência americana, teria conquistado igual renome nos fastos da nossa história, e outra seria a sorte da república...

E em razão do estado contristador a que chegou o país, em luta com os embargos financeiros que nos foram legados pelo passado governo, que surgiu a agremiação dos monarquistas de S. Paulo, na esperança de condensar a ideia da restauração do extinto regime.

E tempo ainda de conjurar o perigo que ameaça à República, enquanto há remedio para os males que a deturparam.

A repúdio mais prompta a opor aos ideias da monarquia, consiste apenas nas boas práticas da administração republicana, estabelecendo-se a moralidade em todos os actos públicos, para que assim o povo em seu confronto com o passado regime, deseje a permanência das novas instituições.

Não acreditamos na restauração da monarquia se o actual governo puder conseguir o restabelecimento do nosso crédito por meio de severa economia, não consentindo na distribuição dos dinheiros do Tesouro, nem praticando injustiças.

Com o respeito às leis, a garantia à vida e à propriedade dos nacionais e estrangeiros, ninguém se lembrará de voltar os olhos para os tempos que se foram, mas se, em vez da observância desses preceitos nobilíssimos, quizerem estabelecer práticas condenadas pela moral pública, então a República ficará amaldiçada deante da leição dos que lho são observadores.

O novo regime precisa conquistar a confiança da Nação, isso poderá alcançá-la, inspirando-se em elevados intutos que o nobilitam.

Não nos iludirmos acerca da existência do partido monárquico, que vive e pro-

tende crescer ao impulso dos erros da Inglaterra, que parecia merecida na sinceridade de flagrante afronta, pulgando-se por isso trazendo na consciência nacional.

«Também à presumposos ingleses no século XVIII se afigurava definitiva a república de Cromwell, e que é hoje a Inglaterra?»

«Também aos atônicos e pouco incisivos praticas do Terror se desenhava definitiva a república por ellos estabelecida, e todos sabemos quão fallazes foram essas vozes prophéticas.

Também aos confiantes revolucionários de 1848 em Hespanha parecia definitiva a reunião que fundaram. E que é hoje o governo da terra de Gervantes?

Também à espírito cultos, como o próprio Augusto Comte, parecia definitiva a república de 1848 em França, a ponto de um juiz competente escrever o seguinte a respeito «philosophie proclamava a república definitivamente fundada e eu acreditei».

Quem assim falha é um pensador e filósofo brasileiro, e os filósofos são profetas porque estudam com calma e reflexão todos os fenômenos da vida social.

Abracelemo-nos.

LITTERATURA

Chrysol

Nas ruas de Lisboa, num passeio
lento, — taciturno e sereno,
vagabundo, —
vagabundo, —
vagabundo, —

E que fez Lisboa, querida
Invenção das singelas
Eus, para remunerar
as profecias de Morati

Entendes... Eles

Fazem de Caffra

Minha Musa

Dous dos meus amores, dous meus
Estou viva de céu belo,
Aphrodite, amarela da vermelha,
Preg de um corpo de cortesia linda

Cantos do Martimete, a morte, artista
No branco barroco a raudar nos teus
Canto da forma de cortesia blanda
Cortesia segreda que se passava toda

Tu — Apesar de a tremeres d'espanto
Mata-me a morte, dantes peito, de louvor
Nunca quis haver de ter face a face

Alas a vestes, despois a forma, nou
Costas por cera, formosa, — Minha alegria
Alegria inconstante que devora dia

Tu — de Gaffra

Natus est Jesus

GONFORTOS MEMORAVEIS

A multidão exigiu morte affrontosa e ignominiosa para aquelle que apelidava de impostor e que se dizia Rei de Israel, resplandec por isso o supplice violento e atras da cruz, e olheve-o.

O procurador romano, já viciado no torte, não se atreveu a resistir, sentiu para além d'aquele grande movimento popular o cortejo dos sacerdotes judeus, o percurso de suas domenicas, podendo com medo de favorecer um rival do imperador, e não era esse rival como qualquer simples cidadão. Pilatos cedeu, pois, e tal foi a sorte do povo que este, em vez, recetou a responsabilidade do supplice. Havia tres pacientes, dois ladrões e Jesus de Nazareth. A lei queria que os condenados fossem os proprios portadores da respectiva cruz ate' ao lugar da execucao, mas Jesus de Nazareth, pela sua fragilidade fisica frequentes vezes cedido sob o peso da cruz, e algumas mulheres vendo passar o homem de Nazareno, lamentavam-no e bendiziam os alagozes. No cõo morto, as nuvens cobradas arrastavam-se disformes como monstros de pesadelo, e muitos le-gionarios que acompanhavam o sinistro cortejo por curiosidade, achando n'issò um novo preságio, voltaram para Jerusalém, ponto importava todavia aos auxiliares da corte que os deuses de Roma não estivessem em seu favor, continuaram caminhando envoitados na poeira da planicie sacra e orgulhosa abrindo escavado ontem, quando toda a cidade se avistava.

Esta immondeza chamava-se o Golgotha, e os tres patibulos alli foram levatados uns apes o outro, os torvos abutres e outras semelhantes aves d'aqueila paraíso, perturbados no seu retiro, descreviam pelos ares longos circuitos, soltando ruidos e ricos piões, e pairando por vezes com uma immobildade estupefacta, porque tandoz enormes d'essas aves viviam farfes e estrelados dos detritos lancados para além dos muros da cidadela. Os dois ladrões estavam pallidos e o peito arfava-lhes d'agonia, a atmosfera abafada e o peso da cruz que cada um mesmo tinha levado, davam motivo para se acharem fatigados, podiam entao a beberagem dos condenados.

Jesus parecia nado vir curto de si, tanto os seus olhos estavam fixos em Jerusalém, sobre a collina, onde tão de perto se elevava a antiga Igreja, a velha catedral de Davíd e a casa d'esse Capela que tinha presidido a sua condonancia, o seu rosto estava a pleno d'uma infinita piedade, e sobre os humeros calmo-lhe os ondulados sudores. Gracilissimo prisma oculto, devolveu os quines atumilos pelo valho perpendicularmente deixaram prender, como morros, os tempos. Um soldado a liberta entao

pensativo Jesus de que era chegada a sua vez, e o sublime Redentor dispôs-se a ser pregado na terra, fazendo para ultima vez os olhos em dormência.

Os doce supplicios despedidos pelas dores do tormento mortânto, e os vinte e nove mordeduras que causou ao seu rosto, a sua voz, cava o s duros, e no longo e triste silêncio, só lhe faltava quando dizer a sua dor, quando a tempestade subia.

Na cruz de morte, o que clamavam *Iudas Iudeus* estava prezando o supressor de todos, Iudas por cidadão de seu reino. Ele blasfemava e insultava as famílias com intencional, solitário, vergonha monstruosa; insultava por vingar os olhos por causa da placa que lhes fizeram a crux, também subversões violentas e pondo a pouco os figuramentos e os insultos se lhes descontou, tornejando os filhos das mães as mãos, que tombavam e se rompiam.

Jesus, sofrendo lentamente as dores do seu martírio, inclinava a cabeça sobre o peito angústia soltava profundos suspiros. A noite entrou calma, no sereno e resplandecente, mas cheia de lassidão e tristezas tristes, que se estenderam sobre a Judea como uma nuvem do gênero contra terra.

Trinta e três mudos para além dessa tragica scena, que tinha de ser o supremo meio da redenção carist, outra scena, não de horror e de maldade, mas de amor e poesia, se deu a que ficou também para sempre impressa na memoria dos homens vivida e eternamente. Belo dom de Jerusalém, cidadão da Palestina e da Judea, cidades de David e de Jesus, contemplou-se — esta pelo suppicio infligido ao Homem-Déus, aquela pelo nascimento do mesmo Redentor em humanidade precepto. E se aquelle transse e comemorado pela Igreja em dia de luto, de pranto e de angústia, este acontecimento é celebrado em dia de gala, splendor e alegria.

Em uma noite bela: no céu a empunha esplendorosa de stelliferro azul; na terra tudo parecia quedar-se em delecta paz, corriam pelos ares virações suaves, muito ao longe, mas escutadas na Palestina, murulhavam as ondas do Mediterrâneo, que cesaram, espumaram nas areias das praias. Era a 25 de dezembro do anno do mundo 2005, o imperio romano crescia por esses tempos em prospera, e pelo mundo todo conhecido assim sentir o seu poderio, levando a toda a parte a sua ferrea civilização. A modesta Belém, a primitiva Ephrata, distante poucas leguas de Jerusalém, a antiga Iherusalem, recebiam em seu seio, n'um acasalado e pobre estabulo, dois humildes visitantes, José e Maria, descendentes da família de David, que iam inscreverem-se no reconhecimento ordenado pelo poderoso Augusto. Foi nesse precepto, tendo por objecto uma causa de paixões que Jesus veio ao mundo, para que adorno atravessou os séculos, apresentando-nos

ainda hoje a sua pequenina imagem, risonha e bella, que é encantada nos tempos, no meio de hymnos festivos, e alegria das famílias e das famílias com sorrisos e encontros.

Em todas as nações, por onde o Cristianismo estendeu seu benefício, quer entre católicos, quer entre protestantes, houve as festas do Natal a symbolizar os vinte e dez e vinte e quatro horas para congratulações e bençãos recíprocas, das quais celebra os raticulos d'uma altamente resplandecente. Ia-se celebrar as *Christmas*, que são o encontro dos que tem afecções no coração e saudades no espírito.

A *Christmas* nas Arvores do Natal são celebrado o atrativo e enfeite das cravas, e o costume e a tradição tem-as feito adoptar tanto nos países latinos, como nos países germânicos e britânicos. Em Inglaterra, a arvore do Natal é intitulada *The Christmas Tree*. A arvore empregada para este dia festival é um pinheiro recente, cerca de oito pés altura, todo seu orbe dividido em círculos. Em cada um desses círculos estão dispostas quatro velas pendentes dos meus ramos e têm objectos variados, castos e outros receptáculos para doces, lauvas variadas e alta qualidade, e de todos os teóficos, cores e gradações de belas, boas de plantas, pés de loourados, ovos dourados de vermelhos, estão suspensos por fitas variadamente coloridas dos ramos. A arvore que se nela erguidas sobre uma mesa coberta com uma branca toalha adamascada, e como que sustentada na raiz por pilhas de doces da mais apurada especie, e por brinquedos só colinhas formas, apropriados à magia da infância. O nome de cada recipiente estendendo no brinquedo ou em outro presente apurado para isto, de modo que nem uma divergência d'opinião na escolha das gaudes seja de levantar o rubor do nasciturnidade dos ilustres mestres. Nossa arvore ha uma pequena figura d'ango d'azul aberto sustentando em cada mão uma coroa de flores. Essas arvores são objecto de muito interesse para os visitantes.

One o dia de Natal com, pois, um dia de sobrada festa para animar a fraternidade humana que tantos apregos e que muros não sabem compreender, apesar de sempre a inventar na prática das suas noções mesmo condemnativas e o ridículo dos seus intentos mesmo reprováveis.

Decembro do 95.

Gothicus Dom.

Das mais terríveis feras do Universo.
As bravas se queriam, se comiam,
Ante olhar do coração perverso,
De horrível fera que se chama o homem!

R. das Chaves.

Resposta

A Júlio Nunes

Da sono sono mulher de porto e vila,
Olhar de olhos, vozes de vento,
Muito por elha se pode dizer em vila,
Quem vive a vila tem que viver a pluma.

Era sono sono mulher, amora, amora,
Que sono sono folhas e herbas fofas,
Lembra fado fado que me parabó,
Faz que pensam nesse meu primairo.

Era sono sono mulher que a natureza
Nas tem, como vila tem, tem a beleza
Elegante, bela, elegante, bela.

Era sono sono mulher, que a natureza
Era sono sono fado fado que me parabó,
Era sono sono fado fado que me parabó.

Atéas.

Electricos

Pão e Pão:

Não faltas?

Responde!

Tu chonas?

Ab! já sei...

Não o amava?

Antes hei de casaros!

Lacerdos:

Fidalga fritzmakisada

Dizem-me que o Pão é um nobre,
Hoje tem sobre o Fidalgo o nome,
De presidente espadachim o espírito
Vendo os contornos de sua beleza.

Nos quatro, pergunta que São João
Dizendo, compreende a nobreza do céu.
Para se pensar que o povo, que é filha,
Tentou assim de galhardete?

Minha senhora, em que que não nasci
Era que disse que não havia mais tempo
Pra outras-dá-lhe aspecto enlouquecer.

Pra quando um kastil de vindo matar
Era que faltava polícia sobre o centro
E um caras de mestre de mato das batalhas?

Ribeiro Góes:

**Seja o '96, que princípio—para
os nossos bons fregueses—um en-
luarado mar de coisas frescas—du-
rante os doze meses.**

Tua resposta

Te perdoa o eu fiquei... Nenhum sentimento,
Tu um triste passado quase duas
Sessões, sem saber qual das duas
Fosse a te exceder pelo menos.

Ora é sempre del que é que se fala
De je maitre, maitre, tem todos,
Muita gente comum, maitre, maitre,
Cada o papel que fôr da tua vida...

Espero alguma fôrça... só que a porta
Eleitoral, de modo, trouxe-me a fôrça,
Gata de mato, de amargura fôrça.

De entre a qual, recita em voz alta
A tua amargura fôrça da amargura—
Gata de mato é tua fôrça!

J. Teixeira de Carvalho.

1895-1896

**Desejamos nos nossos camaradas
Novas subidas e melhores entradas.**

ROMANCES RÁPIDOS

Casamento

Capítulo I
Viraram-se.

Capítulo II
Amaram-se.

Capítulo III
Casaram-se.

Capítulo IV
Ahorreceram-se.

Capítulo V
Divorciaram-se.

Capítulo VI
Tiveram saudades.

Capítulo VII
Reviraram-se.

Capítulo VIII
Reamaram-se.

Capítulo IX
Recasaram-se.

Capítulo X
Reahorreceram-se.

Capítulo XI
Redivorciaram-se.

Capítulo XII
Morreram.

Decido Guerra.



E a deles nôs, Homem todo lindo,
Inda te vejo e sempre vides alegre,
O lindo aberto que em tepe se vê,
E a noite, linda que o vento tem.

Toda aquela noite, alegreza pura,
Envolvendo em seu Abra, lindo que éste
Cores que em ti se acham, distingue
E aquela noite que sempre quiseste.

Tua alegreza alguma, essa noite
Proprio se achou em que delas te
Dontado se recorda por teve agir.

E a noite linda que tu tens, querida,
O meu pensamento amor que tu meusas,
E que logo se vede atraçosa a vida.

B. Brásil.

HIGH-LIFE

Fazem amar no mar de dancinhas.

Em 18-18 exame, seis d., Zaira Nira Riva, Maria José da
Gavaldá Britto e a sr., entomologista Augusto Cesar Marques.
Em 20-18 exame, seis d., Mário de Oliveira e a interessante
música linda, extremamente linda da amiga amiga e rotulada
por Augusto da Mota e Silva.

Em 21-18 exame, seis d., Leonilda Gobekli da Costa
Mello e sua Lourdes Viana.

Em 22-18 exame, seis d., Sônia Martins.

Em 23-18 exame, seis d., Alcides Santos Freitas e Ceu
Jardim Lobo.

Em 24-18 exame, seis d., Oficina de Sonorização.

Em 25-18 exame, seis d., Ursula Santos Freitas, Her
manos da Costa Nunes, Adelio Trindade e o sr. Antônio P.
Silva.

Em 26-18 exame, seis d., Górdio Carvalho e a menina Clávia
Pires da Fonseca filha do ex-senador Adolfo P. da Fonseca.

Em 27-18 exame, seis d., Mário da Silva Sardinha.

Em 28-18 exame, seis d., Cecília Machado.

Em 29-18 exame, seis d., Quirino Barbosa.

Em 30-18 exame, seis d., Alice Story.

Em 31-18 exame, seis d., Nísia Alvaro de Moraes Rego.

Em 32-18 exame, Carlos Augusto Barreto Marques, e a sua
filha Flávia, filha do sr. dr. Mário Júlio Ferreira e o sr.
Francisco Almeida.

Em 33-18 exame, Alcides Alves Pereira Lima.

Em 34-18 exame, seis d., Bento Pereira, Adolfo da Rosa
e Górdio Górdio dos Santos Rodrigues, Alcides e o sr. Antônio C.
da Silva Górdio.

Em 35-18 exame, seis d., Pérola Bôa Bôa Martins, respon-
sável Lucia Pires da Fonseca, filha do sr. José
Pires da Fonseca e o sr. Hélio Gonçalves Dias.

Em 36-18 exame, seis d., Lúcia Adélia Almeida e Souza e
o sr. Domingos, filha do sr. Mário da Silva.

Em 37-18 exame, seis d., Lúcia Pereira Pires de Barros,
herdeira exige do sr. Antônio P. de Barros e a amiga Rosângela
filha do sr. Alfredo Górdio Soárez Sá e o sr. Antônio Alves
da Costa e Arthur J. de Moraes Rego.

Em 38-18 exame, seis d., o colono Joaquim Galvão Lopes,
filha do sr. Joaquim José Lopes.

Em 39-18 exame, seis d., Mário José Pereira, sacerdote
do sr. Górdio Lobo.

Em 40-18 exame, seis d., Maria José Arêa, e a
musa Mariana, filha do sr. José Górdio da Silva Galvão e
o sr. Alcides Lobo e Alcides Mello.

Em 41-18 exame, seis d., Silvana Pereira das Sestas, o nome
destacado alegre e cheio de alegria; o sr. Gaspar Pinto Teixeira,
e a amiga Irenice, filha do sr. Antônio G. de Arruda
e o sr. Augusto C. Rodrigues de Melo.

Em 42-18 exame, seis d., Maria E. Pires Górdio, Mário
E. Costa Rodrigues, Mário G. Ferreira Soárez e o sr.
Antônio Aguiar Almeida.

Em 43-18 exame, seis d., Rose E. Pires, Leontina
Górdio Górdio B. Faria, digna esposa do sr. regista João de
Faria Górdio e a amiga Rego, filha do sr. Sônia Bento.

Em 44-18 exame, seis d., Maria Lúcia G. d'Almeida,
Sônia Vieira da Silva e o sr. Mário S. da Costa Nunes e
Breno da Silva Górdio.

Em 45-18 exame, seis d., Zélia da Fonseca Pereira, digna

esposa do sr. Carlos Pereira e o sr. Mário Vitorino Pe-
reira, vice-presidente dos Estados Unidos do Brasil.

Em 46-18 exame, Amália, personalidade do sr. conselheiro
Adelmo Pinto Fonseca e o sr. Joaquim Pereira da S. Matos.
Nossa presidente.

CHRONICA

— 2 —

A Revista Elegante叙明 quale um período de existência,
alguns anos que passou nos vales dominados da imprensa... Con-
plete Amano, E. e Malo fez da crônica: tudo será para
ela, tudo contado, foem tudo mais harmonia, humor, alegria,
que se parece com o pingo das aves, com o canto dos bairros,
com o riso da terra, com o estalar da folha. A alma
da crônica sou Amano, é sempre alegre, é sempre sensível
como os estrelas, espelhando belas no encantamento de amar
que abala as sereias. E o perfume que doce, a vida que des-
ponta, a esperança que surge.

A Revista Elegante, na blanda, suave alegria, e, portanto,
uma entressa que sensibilidade, é uma esperança que surge, e uma
vida, é seu futuro, é a comparsa da peva por bandoleira.

Crônica de 4 anos, alegre, sensível, nos lemos de
entressa sentir nos sons leitores, cantando por horas suave,
tudo uma página no grande libro da existência. Deveja a todos
os leitores e que a súbita crônica se põe a acompanhando as férias.

O que de novo nascido a dizer?

Só o Mário Campan. Mas só um tempo dia que festejamento
que não vale a pena festejar.

O ato que estive imponente conquistado, o aterro
o parco, a impresa e os leitores.

A 5-18 horas, quando o sol, grande e luminoso, despo-
lava nos leitores do brilho deslumbrado de sol, o sacerdote, o
ministro de Deus, de alto, seu talhado, erguido, solene,
junto da Cruz, a bandeira soberana. O poeta, dito que, duas
vezes se feriu, as mesmas tempestades feriu, e feriu
ao sol da terra, ao sol da vida.

Mágica expectativa!

Quando o sol deslumbrado em pedra envolveu a rocheda
que meus amigos possuíam por mês e, em par, elles, sem
querer, com felicidade, quebrou a rocha pelo peso desse
máximo brilho, que largou, como a chuva de fogo, a sua
radiabilidade. Eu vi depois, como o diâmetro, aquela escrivanaria
polida, deslumbrada, que o sol que deslumbra, cada
transfigurador de quem dormia morto-nascido.

As férias estão esculpidas a sacerdos, sacerdotes e leitores que
desejam.

Lá que mal se membra fui o Mário Campan.

Combinado reunião, cada dia, nos leitores, sacerdos e
leitores pela noite amanhecer.

EXPEDIENTE

Está entre nós, passando alguns dias,
o ilustrado sr. padre Guilherme Dias, sacer-
dote de convicção, escritor de mérito,
orador de capacidade, jornalista de nome.

A Revista Elegante saudá-lo e agradece
pombalissíssima à fineza do artigo com que
se dignou de honrar as suas colunas.

Os leitores encontraram o referido ar-
tigo na seção competente.



REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

Gerente--Francisco Pinto Teixeira

ANNO V | Maranhão, 31 de Janeiro de 1896 | NUMERO 45

REVISTA ELEGANTE

— A CRISE —

A época não corre risonha. Gravíssimos problemas sociais ensombram os horizontes do Brasil. O primeiro em importância é o problema econômico, o problema da nutrição da sociedade brasileira.

A feição accentuada da civilização moderna é a que podemos chamar de socialismo econômico. As grandes batalhas que os povos travam, não mais se realizam com as armas na mão. A grande arma do século é a moeda. Com a moeda fazem-se os povos grandes, com a moeda triumpham as grandes nações. A França com a moeda ha vencido a Alemanha que a venceu com o canhão; a Inglaterra com a moeda acaba de vencer os Estados Unidos. Outrora precisava-se de generais para ganharem batalhas; hoje as batalhas se vencem com o auxilio dos banqueiros, os generais da finança.

A situação econômica do Brasil é melindrosa; a sociedade brasileira saíndo da tutela monárquica entrou na sua maioridade civil. Como todo indivíduo não habituado a gerir seus bens, entrou no caminho da prodigalidade, do desperdício. Agora mede-se o alcance do quea prodigalidade custou; ha que restaurar o que o delírio econômico fez. D'ahi a crise que se afasta pelo paiz inteiro, crise de quem gastou mais do que lhe era dado gastar, despesas extraordinárias que cumpre saídas para que renasça o crédito nacional abatido, o crédito que baixo desceu como o cambio o atesta.

O poder legislativo federal para equilibrar o orçamento do corrente anno recorreu ao aumento do imposto de importação. Gêneros são tributados de forma a tornar oneroso o seu consumo. A par d'isso a des-

peza publica tem aumentado. Não nos parece que a elevação das taxas de imposto seja grande aumento de receita para o Brasil. Fortemente tributado o gênero importado baixará em quantidade e essa baixa produzirá decrescimento da renda, o cálculo feito sobre ella será errôneo, em vez de produzir saldo a favor, produzirá deficit. Mas as despesas decretadas, essas são positivas, nada as pode diminuir; d'ahi o desequilíbrio inevitável no orçamento do corrente anno. Ha de se fechar com deficit e deficit avultado.

Descreveremos por isso do futuro econômico da sociedade brasileira? Não é lícito pensar-o; o Brasil tem um patrimônio tão rico que resistiria às prodigalidades e erros subsequentes. Este pedaço da América Meridional tem o solo que produz tudo, que de futuro, pela troca dos seus produtos, criará a moeda que nos falta. O porvir será a consagração da nossa riqueza territorial; nenhum povo tem mais do que nós os meios de resolver o problema econômico. Paz e trabalho—eis aquilo de que precisamos e nada mais.

— A MODA —

Paris

A esta acompanha um figurino pelo qual poderão ver e apreciar melhor a pequena alteração que tem havido so-

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

— IMPERIAL —

Caixa no correio 40

REVISTA ELEGANTE

do poesia
que no as
de cada hora
é especial.
Aventura II.

se que as calas
tua magia é alta,
e não é somente
narrar. O mais ex-

ERATURA

Recuerdo

A. Antônio dos Reis Correia.

Na noite dos dias da paixão
em sua sede de infelicidade
vai falar comigo e que lhe responde,
que não temos que nos perdida.

Quando o estagio morgado
nos dias consegue a sua querida
que já tem a que lhe gosta,
que se mata a felicidade e a vida.

Tal momento te veias que estavas
fazendo que não temos desdades
que temos que nos festejamos.

Também é triste de pensamento...
dias eternos festejando o desdade...
O mundo é sempre solitário e amargo.

C. de Lora.

Recordo

A' Carlos Belchior.

I

Oitenta anos! pobre africana! Como
o inverno dos anos te embranquecerá
os cabelos!

Pobre africana que criou meu pae e
também me criou a mim, quantas saudades
de ti em teatro, quantas saudades pobre
africana!

II

Quantas vezes no teu regazo adormeci
ouvindo as histórias do *Príncipe* e da *Sereia*
encantada, que tu me contavas sempre
todas as noites pelos corredores.
Quantas vezes lágrimas santas nos olhos
teus, pobre africana, eu vi saltarem tua
face elanica quando narravas a grata
história dos teus parentes, quantas vezes?

Como me lembro das scenas todas da
minha infancia, como me lembro!

Desvelo, amor, carinho, tu mãe segun-
da, tudo me deste, pobre africana.

III

Era eu chegado aos treze annos e men-
tre disse que em iria para a capital, como
interno d'um collegio no primeiro vapor
do Fevereiro.

Desde esse dia a pobre velha que criou
meu pae e também me criou a mim, não
mais me faltara sem uma lagrima nos
olhos!

Dias correm, tão velozes, dia a cada
um que passava, era mais um afiado que
feria o dorso d'aquele mao que a natureza
me emprestara e de quem me hei de
recordar sempre triste e saudoso.

Bellido no seu regazo ouvindo-lhe pa-
lavras ternas e saturadas de maus, do-
cidas como um gemido, extensas como o
mundo, sans olhos nos meus olhos reflec-
tiam de pronto bimbolos ammos.

Pobre africana! estatim de onix a
quem os invernos dera um barrete de neve
e a natureza um coroação de suad, como te
choro pobre africana, como te choroo?

IV

Lagrima—perola que nascem do cora-
ção que sofre, como se dia o coração da
gente se não houveras?

V

Silêos ouvem-se do vapor chamando
os passageiros à bordo.

Minha mãe, minha mãe chorava tanto
que lhe impedia a voz tanto soñor! Não
sei de que maneira dos seus braços eu fui
arrabaldado...

Também de ti, meu pae uma lagrima
en vi dos teus olhos à luz.

Molas tristes, companheiras gentes de
minha infancia, também choros nos bra-
ços vive.

E tu, pobre africana, desgrenhada, bri-
ta, esmagados os olhos, baixada à face
de prantos, sinzeros prantos do coração,
como choravas pobre africana?

Longos de seda, perolas, rubis, joias de
ouro, tudo me deram como lembranças,
lembranças santas à meu coração escrito
dellas...

E tu, pobre africana, do teu Paiz me
deste uma moeda de prata, talvez unica
recordação do teu terrão nativo e que guar-
davas como reliquia sagrada.

Santa moeda que vale um tesouro e
que já lá vão dez annos desse dia tão triste
para mim e que talvez nem os ossos na
terra te haja porpado, chorando beijo essa
parte do meu chelame que hoje faz
parte do meu chelame e que me acompanha
por toda parte, pelos bailes, pelos
theatros, por toda festa como a sombra
acompanha o corpo por mais variadas po-
sicoes que tome, transformando-me o riso
em lagrima porque me despiro sempre
uma triste resorfação a—Saude!

VI

Quantas saudades de ti em roubo, pobre
africana, quantas saudades?

Luzia Moreira.

Clarice

Ao M. Oliveira.

Como a frinda amarela das campas
Dai ao dia sua brilho brancura,
Assim, Clarice, tua perspectiva
Sua da face expediem fernosura.

Imagens de paixão, tu me dominas
Com o leudar de meus fernosura,
E a forma exuberante das fernosura,
Atronhando-me a celor planura.

Larga de lagudo quando a sôa se pente,
Mais sei a tua vello sarcasmista
Exigir-te Jesus à tua. Pura utopia;

Inclinação para os lares, e outras. Sólo que
têmpos passando cada vez mais longe em casa
A belissa da amar que me deriva.

Oscar d'Alva.

Nós...

Os homens que passaram uns dias
que não recordam, uns os bordos latas
Quando recordam d'esta vida os latas
No deserto das nossas pessadas.

E a voz triste de mal falar e apesar
Nas amargas folhas de muitas rosas.
Nas claras rosas de rosas, a arte certa
Que não basta passarmos por latas!

Tu festejaste... Os sorrisos de tua paixão
Nas suas pessadas festejaste a rosas
Nas suas palavras que traziamas rosas.

As contras são elas da morte.
Dai que nos paixões, o ardor vosso
Sas gritos da alma humana espalhada.

B. das Cláquas.

Confissão

Qual errado viver pelo deserto
Em procura da nossa cultura,
Cores e muita boas que alige o resto,
Como as vergas intendo com feror,
Assim haja entusiasmo, roce assado,
Procurando o planeta da tempestade
Pra depôr a sua pesada apimentada
O amor que não pode crescer.

Resposta

Na busca viver, sentir paixão,
Uma cosa que é salutar no devo,
Como o mara paixão perta certo,
Quem abrigue, tu alvia apimentada,
Nô amar que ha palavras que impõe,
Nô falar, nô é para ilusão,
Ei vossa, te digo os encade,
Eu, confesso ser tua, meu coração.

HIGH-LIFE

Fazem caídos no sono de Fecção na faca.

Contra o veneno, scoria d'Alvaro, Doseira de Se Lemos, ronda
do sono, canticos d'Amor, Corrida de Leiros.

Em São Paulo, contra d'Alvaro, Amor, Tristes no-
tas de Maria, Riso, Desespero, o tempo, canticos d'Amor, d'os
gritos d'Amor, d'os gritos.

Em São Paulo, contra d'Amor, Doseira de Se
Lemos, canticos d'Amor, d'os gritos.

Em São Paulo, contra d'Alvaro, Amor, Tristes no-
tas de Maria, Riso, Desespero, o tempo, canticos d'Amor, d'os
gritos d'Amor, d'os gritos.

Em São Paulo, contra d'Alvaro, Amor, Tristes no-
tas de Maria, Riso, Desespero, o tempo, canticos d'Amor, d'os
gritos d'Amor, d'os gritos.

Em São Paulo, contra d'Alvaro, Amor, Tristes no-
tas de Maria, Riso, Desespero, o tempo, canticos d'Amor, d'os
gritos d'Amor, d'os gritos.

Em São Paulo, contra d'Alvaro, Amor, Tristes no-
tas de Maria, Riso, Desespero, o tempo, canticos d'Amor, d'os
gritos d'Amor, d'os gritos.

Em São Paulo, contra d'Alvaro, Amor, Tristes no-
tas de Maria, Riso, Desespero, o tempo, canticos d'Amor, d'os
gritos d'Amor, d'os gritos.

Em São Paulo, contra d'Alvaro, Amor, Tristes no-
tas de Maria, Riso, Desespero, o tempo, canticos d'Amor, d'os
gritos d'Amor, d'os gritos.

Em São Paulo, contra d'Alvaro, Amor, Tristes no-
tas de Maria, Riso, Desespero, o tempo, canticos d'Amor, d'os
gritos d'Amor, d'os gritos.

Em São Paulo, contra d'Alvaro, Amor, Tristes no-
tas de Maria, Riso, Desespero, o tempo, canticos d'Amor, d'os
gritos d'Amor, d'os gritos.

Em São Paulo, contra d'Alvaro, Amor, Tristes no-
tas de Maria, Riso, Desespero, o tempo, canticos d'Amor, d'os
gritos d'Amor, d'os gritos.

Em São Paulo, contra d'Alvaro, Amor, Tristes no-
tas de Maria, Riso, Desespero, o tempo, canticos d'Amor, d'os
gritos d'Amor, d'os gritos.

Em São Paulo, contra d'Alvaro, Amor, Tristes no-
tas de Maria, Riso, Desespero, o tempo, canticos d'Amor, d'os
gritos d'Amor, d'os gritos.

Em São Paulo, contra d'Alvaro, Amor, Tristes no-
tas de Maria, Riso, Desespero, o tempo, canticos d'Amor, d'os
gritos d'Amor, d'os gritos.

Em São Paulo, contra d'Alvaro, Amor, Tristes no-
tas de Maria, Riso, Desespero, o tempo, canticos d'Amor, d'os
gritos d'Amor, d'os gritos.

Em São Paulo, contra d'Alvaro, Amor, Tristes no-
tas de Maria, Riso, Desespero, o tempo, canticos d'Amor, d'os
gritos d'Amor, d'os gritos.

REVISTA ELEGANTE

Em 25 de junho estendeu-se Pedro Alexandre Cardoso 2º
mão a moço Rosander, filho do seu, Jno papa Alves Junior
filho de seu, Benedito Pinto da Fonseca.
Em 25 de junho, noite, capitão Lacerda de Barros e Vasconcelos
filho de seu, Ferreira de Souza Junior.
Em 25 de junho, noite, d'Ana Oliveira d'Almeida Jauá
filha de seu, d'Antônio da Costa Nunes d'Almeida digo con-
siderando que, Gerardo Pinto d'Olivera, o moço Antônio
Pinto d'Almeida, filho de seu, Luis Antônio de Almeida e
filha de seu, Joaquim Baptista de Menezes Lobo.
Em 25 de junho, noite, d'Ana Oliveira d'Almeida Marques, pre-
sidente da sua, com moço Augusto Cesar Marques;
Em 25 de junho, noite, Augusto Alves dos Santos e José
Ribeiro e o moço Gláuber, filho de seu, Afonso da Silva
Furtado.

Aqui fico os meus cumprimentos.

CHRONICA

Cousas da actualidade

Apresentando-me pela primeira vez, como cronista, cumprimento aos amáveis leitores e às gentis leitoras da «Revista Elegante», com o maior prazer, permitindo-lhes licença para entrar logo em assunto.

Conforme a natureza do meu escripto, von falar de cousas que todos nós conhecemos, pois uma chroica nata mais é do que a apreciação dos acontecimentos locais. Emília, narrarei o facto, fazendo os comentários que me parecerem convenientes.

Conheceis, de certo, leitores e leitoras, o antigo proverbo: *Ridendo costigat mores*, não é verdade? Pois bem, baseado na verdade que elle encerra, começarei descrevendo o da nossa capital.

Todos vós lastimais, como eu, a maneira em que se acham as nossas ruas e praças, parecendo mais depósitos de lixo e cunharias de animas diferentes da espécie humana do que lugares de trânsito dos habitantes de uma civilização, e em que devem ser observados os salutares preceitos de hygiene.

O calcamento da maior parte das ruas está de tal modo estragado que se anda cambaleando como quem tivesse por habito de estar sempre nos braços de Bacco.

Se eu podesse remediar tais males o faria de minha boa vontade... mas, como diz o refrão, *deus nos queria mal tem deu*.

Emília, me limitarei a chorar e, como lerei sobre as ruínas de Jerusalém com as expressivas lamentações, direi também:

*Oh viva omnes que transitis per vita ab-
ludite et videte si est eleites sicut eleitus
era.*

Mas, leitores e leitoras

Se parece que há um capricho, Conservando tão suja a cidade, Temos malto, capim, temos lixo, Santo Deus! tem de nos piedade! É horrível martyrio, é tormento, Trastur-se com tal calcamento, Andá a gente a caber, tropeçando Qual *terracota* só cambaleando, Se temendo passar n'uma praga Com receio, não pensem ser graca, Que uma fera ou alguma carapato Xerá ataque, saltando do malto! Nada ao menos os urubus nos prestão o seu valioso auxilio!

A nossa decadência se manifesta desde

que se chega ao porto da cidade, quase sempre desguarnecido de navios.

E designável ao viajante que nos procura, ver paralisadas, sem movimento sensível as ruas do bairro comercial da cidade, tendo antes observado a ruina em que está a principal rampa de desembarque que possuímos. Que impressão!

Que desapontamento!

Tomando um bond para passear, o viajante se arrepende de sua temeridade, pois, além das granadas de moinhos, as linhas estão de tal modo estragadas que os carros andam aos pulos, jogando como se fossem embarrancos e fazendo até enjoar as pessoas de estômagos mais fracos.

A par desta decadência material se junta a intelectual. E triste ver, leitores e leitoras, o abandono das Lettras e das bellas artes entre nós. Poderíamos dizer que a Athenea se converteu em Bocca. A literatura, a musica, a pintura etc., estão em tal afrontamento que se chega a supor que o nosso povo já não vive para as lutas da inteligencia e perdeu inteiramente o gosto pelo bello. E tal a descrença que existe n'esta terra pessimista que se juntou impossível a manutenção d'uma jornal literário que levante um pouco, no menos, o Maranhão, do profundo letargo em que está, fazendo reviver a época, de sandoma memória, dos Gonçalves Dias, Olorio Mendes, Gomes de Souza e João Lisboa. Devemos desejar que a nossa terra viva do presente e não à sombra das glórias do passado, envergonhando os créditos de que já gozou. Ainda sinto fundo pesar quando me lembro haver desaparecido por falta de leitores, a única biblioteca que posso assumir: o Gabinete Português!

Mas, em compensação, o que observamos? As sessões de jogos e os loterios se encheram enquanto o movimento literário se aniquila. As loterias, as rifas e as debentures, faixadas em massa na circulação, são outros tantos flagelos que nos affligem e ainda mais contribuem para o abatimento em que nos achamos. As loterias, esses jogos escandalosos autorizados, infelizmente, por lei e em que muitos perdem para bem poucos ganham, habituado o povo a esperar da Fortuna sempre varia e caprichosa, como tudo o que é sujeito ao azar, aquilo que deveria almejar pelo trabalho perseverante e honesto. Os empresarios de loterias, auferindo pingues lucros, acostumado o pobre povo a empregar o fruto de suas rigorosas economias para esperar, como outrora o povo de Israel no deserto, que o *mãos* lhe caia do céu.

O Maranhão está convertido em verdadeira casa de tavolegem. E' uma nova Monte Carlo que se levanta.

Assim como as loterias, as rifas já tocaram as rifas do absurdo! Quem tem um objecto velho ou inútil ou precisa arranjar dinheiro, sem trabalho, consegue uma boa somma, a custa do pobre povo, sempre espoliado, recorrendo às rifas!

Já vi até anunciamda, em um dos diários da capital, a *sra* de uma gallinha com um cacho de bananas! E o cumulo: Até fábricas existentes n'esta cidade e no interior já descobrirão um novo meio de rifas, sem premios, mas com juros nos bilhetes, emitidos com o nome de debentures e que inundarão o mercado, encarecendo as notas verbas e tendo curso *forrado* como meio circulante.

Todos sabem que as debentures são obrigações ao portador ou titulos de certeira e, como tales, não podem gyrar como moeda.

Entretanto, os poderes competentes não tomão providencia alguma para reprimir e fazer cessar a prática tão abusiva e prejudicial aos interesses da população, de segredo meus títulos recebidos como *moeda*.

Estou a ver o dia em que se rifarão as nossas próprias pessoas e, antes que isto aconteça, von fazer ponto e tratar de me acantillar para não ser *rifado*!

Eis aqui, caros leitores,
Descripto em pallidas cores
O nosso estado actual,
Mas, untes do ponto final,
E vos poco, desculpás,
E que não me censureis
N'essa minha narração,
Feita com boa intenção,
Não poder vos agredir,
Mas, em prontidão voltar
Para escrever novo artigo,
E, assim, ver se consigo
Ter a vossa sympathia,
Quando for chegado o dia
De sair novo jornal.
Aqui fico, terminado,
Saudo a v's desejando
O vesso amigo obrigado
Antônio Pedro Salgado.

EXPEDIENTE

Temos sobre a nossa mesa os seguintes jornais que agradecemos.

O Comitate, Pará.
O Commercio, Pará.
A Província do Pará, Pará.
A Republica, Pará.
O Alideita, Pará.
O Diário Oficial, Manaus.
O Alenquerense, Alenquer (Pará).
Monitor Codocense, Codó.
O Norte, Barra do Corda.
O Campão, Barra do Corda.
O Comunero de Caxias, Caxias.
O Goriso, Gaxias.
O Murmurio, Therezina.
O Cri-cri, Theresina.
O Democrata, Therezina.
Rio Grande do Norte, Natal, (Rio Grande do Norte).
O Artista, Rio Grande do Norte.
Monitor Catholico, Bahia.
O Trabalho, Alagoas.
A Orden, Gidaia da Cachoeira (Bahia).
O povo, Valença (Bahia).
Correio da Noticias, Bahia.
Era-Nova, Recife.
Gazeta do Commercio, Paraíba.
O Artista, Paraíba.
O Diario, Piauhy (Therezina).
O Piauhy, Therezina.
Tribuna Operaria, Therezina.
Gazeta do Commercio, Therezina.
A Verdade, Ceará.
A Republica, Ceará.
Diário do Ceará, Ceará.
Ceará Ilustrado, Ceará.
Correio do Norte, Guaratinguetá (S. Paulo).
Revista Litteraria, S. Paulo.
O Commercial, Gametá (Pará).
O Marapaniense, Marapanim (Pará).

Algumas destas folhas recebemos pelas primeiras vez e por falta de tempo deixamos de fazer a devida apreciação.



25.000 Rs.

4 Calça de casemira de cor, lã pura.



Camisolas e colletes
de lã pura,
lã e seda
a diversos preços.

Gravatas. Constante

Sortimento de todos os feitos, padrões e tecidos, de 1.000 a 5.000.



Grande depo-
sito de máquinas de costura de todos os fabricantes. Único depósito das **verdadeiras** e maravilhosas máquinas — **Davis**. — Preços sem competidor — de 65.000 para cima.

Para a estação invernosa

Sobretudos, capas de casemira impermeável
E CHAPEUS DE SOL.

PERFUMARIA

Grande sortimento

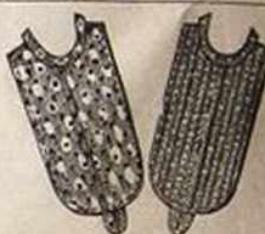
Todos os perfumes de **Houbigant, Guerlain, Delettrez, Jones, Roche & Gallet, Lubin, Violette, Ashton, Colgate & C., Lazell, Lundborg, Ricksecker, Mouson, Peugeot, etc.**

a 5.000, 6.000,

7.000 e 8.000

Polainas de casemira

impermeável — próprias para a estação invernosa a 15.000.



Pérolas de linho puro

bordados, com pregas, lises, com pregas e bordados de 1 e 3 casas, enorme variedade de gostos a 5.000, 6.000, 7.000 e 8.000.

Botões para punhos.

Grande variedade.

Chapeus de feltro.

de todos os formatos e feitos, aba larga e estreita, copa baixa e alta, pretos e de cores duros e molles — 10.000, 13.000, 15.000, 17.000 e 18.000.

10.000 Rs.

Uma dúzia de lenços Japoneses — imitação de seda.

Collarinhos de linho

puro, — diversos feitos a 12.000 e 14.000.



REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

Gerente--Francisco Pinto Teixeira

ANNO V | Maranhão, 31 de Março de 1896 | NUMERO 46

REVISTA ELEGANTE

Debentures

Grande é o clamor publico contra os debentures.

A imprensa diaria por vezes se tem manifestado, discutido, sem contudo estudar proficamente o meio de cessar o mal. Não somos nós que diremos a ultima palavra a respeito do assumpto porque reconhecemos a nossa incompetencia para fazel-o. Outras pennas mais autorizadas que d'issò se incumbam; a elles nos cumpre fazer um appello a bem dos interesses publicos.

A's pressas apenas po-lemos descrever os factos.

O Maranhão, na phrase tradicional de ser um *Estado essencialmente agricola* passou rapidamente a ser um Estado essencialmente fabril.

As fabricas aumentaram na proporção que a lavoura se foi extinguindo. Parece incrivel, até mesmo absurdo, mas é uma verdade palpitable.

Instituiram-se fabricas, umas após outras; não bem se pensava, mas uma, outra e outra eram atiradas à praça que as recebia nos braços, entregando-lhes sem receio enormes capitais. Não foi só o comércio, particulares tambem forão victimas. Enxergaram dia quando era noite, pode se dizer que foi uma óptica de interesses economicos, ou um sonho torpe de ambicões mal logradas. Esperaram no futuro, tinham fé,—as fabricas haviam de dar, plantavam para colher... colher debentures, mal sabião elles!

E a agricultura? Digam os que sabem, que é feito da nossa agricultura?...

Houve alguém que d'ella se lembrou, um espirito sensato e prevenido, mas que infelizmente ou porque desta vez calculasse mal, ou porque lhe faltassem os meios, o certo é que pouco ou nada adiantou, pouco

ou nada conseguiu. Erão precisos braços e dizem que os braços faltaram. Não é culpa do trabalho livre (porque elle é nobre, queixem-se do *desgoverno*).

Faltou dinheiro na praça, as fabricas absorveram-n'o todo; era urgente preencher a falta.

Esse estabelecimentos de industria sem a matéria prima, o algodão, a pouco e pouco foram diminuindo seus trabalhos, quasi paralisando-os; não podião aviar pedidos que, em grande escala, segundo dizem, lhes eram feitos, mas era necessário satisfazerem seus debitos, comprarem material, importar-los mesmo, e nessa desagradavel emergencia a unica taboa salvadora, a unica, foi a emissão dos *debentures*. Idéa luminosa! estrela redemptora! lembrança feliz para bem de todos!... Esta porção de papel inundou a praça do Maranhão. As fabricas pagaram desde então seus operarios com aquele dinheiro, o comércio em transação licita com elles, recebido e davam em troco *notas* semelhantes—era moeda corrente. Assim lucravam as fabricas, assim lucrava o comércio; a falta de dinheiro estava preenchida.

Não sabião elles que *debenture* é, e sempre foi considerado mero título de carteira, título que apenas vence juro e nada mais.

A população enchen-se desse dinheiro—ricos e pobres—compravam e vendiam, era aceito geralmente, todos queriam.

De momento, com a rapidez que crearam as fabricas, deram o grito de alarma—os debentures eram papéis, não tinham valor!...

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

—IMPERIAL—

Caixa no correio 40

REVISTA ELEGANTE

Não aconselhamos à revolução, somos inimigos dela; gostamos da marcha gradual e espontânea das coisas, a evolução é o caminho trazido para os grandes movimentos do espírito humano, porém, oh! povo! foste enganado, e és o que mais sofres!

Feito o diagnóstico, o mal é conhecido, tratemos de curá-lo.

O moribundo não é um cadáver, aplique-se, portanto, anterios, reagentes, dem-lhe vida, salve-n-o! O Maranhão não está morto, não pode morrer apinhado por seus próprios filhos, salve-n-o!

Cesse o pagamento dos debentures pela empresa das fábricas, receba o comércio os que circulam, receba até o dia em que forem resgatados, assim fazendo talvez, nem vós, comércio, nem vós, povo, sofras tanto.

Depreciar os debentures, quer dizer, descreditar as fábricas, e isso é um grande mal presente e futuro.

A MODA

Diz o nosso correspondente que pouco sensível tem sido a alteração da moda em Paris.

Continua recomendar o uso das calças mais apertadas e colletes mais fechados.

Recomenda também, dizendo-nos, que está em grande uso nas reuniões e saídas os smoking's.

Promete-nos mandar o que na presente estação houver de mais notável.

LITTERATURA

Extranha flor

Ao Altino Rego.

Misteriosa ilha.....

Contam os que lá vão que vejeta ali n'uma ardente vitalidade uma tenra e mimos florinha, mais delicada que a sensitiva, mais casta e perfumada que a magnolia.

Ninguem lhe sabe o nome; todos a querem.

Moços e moças as reunem em gentis ramalhetes.

Noivas as oferecem aos noivos entre risos seductores e recebem em dâiva osculos apaixonados: troca singular.

Tem um perfume sem rival,—perfume que embriaga, da embriaguez celeste que deleita, que eleva: sonhos rossoz, auroras, nubes enluaradas, prisma estonteante de risos.

Delicada florinha—: as petalas tão minúsculas, tão delicadamente aveludadas, tão candidamente alvas, tão primorosamente talhadas—que a gente ao vel-a tem desejos irresistíveis de sorvel-a, de beijal-a indefinidamente....

D'essa florinha... mas a historia é longa, basta dizer que um jovem poeta—apaixonado como todos os poetas—passou um dia por essa ilha e, louco deixou lá, ao partir, como o dolorido adens da despedida uma santa reliquia—o coração.—

Deixa-o e elle melhor o disse—plan-tou-o.

Plantou-o e em breve a original semente fortificou, cresceu florio: tantas lagrimas de infiada saudade orvalharam-n'a.

Outros vieram... outros poetas... e imitaram o primeiro.

Conheces a lei da imitação, é uma lei cega, fatal.

Vieram outros... novas flores...

E é por isso que a flor vegeta em dourada profusão por toda a ilha, matizando-a e embalsamando o ambiente do singular perfume que encravaria, mas que alenta, mas que avigora.

Quando alguma das divinas florinhos nega o orvalho vivificador, é de ver-se penalizado como a esquecida esmaece inclinando-se tanto, tanto até que as petalas voam dispersas pelo ar, como niveos suspiros de almas apaixonadas.

Uma conto de fadas?

Não... uma história real.

O teu coração poeta também florio, também ofereceu aos beijos ardentes do sol e a palli la lúa—a nivea florinha perfumada e pura.

E quem sabe se não foste o iniciador do vasto jardim, quem sabe?

Trahiram-te o doce segredo uns labios rubros—indiscritos que foram—; foste o primeiro poeta que lançou a dâiva—dâiva que florio e que espalha perfume por toda a ilha misteriosa...

Noivas que colheis essas flores sublimes, lembravos sempre—castas noivas—que o poeta foi quem vol-a recebem, amai-o, o poeta o poeta, em agradecimento, amai-o.

24 de Janeiro de 1896.

Alcides Pereira.

Anhellos

Inda uma vez enviei-te a voz sonora,
E vecilhe o rosto de expressão tua linda,
E tudo quanto aspira est' alma tua,
E tudo quanto inda eu devoço agora.

Ah! quantas vezes em a vi outr' ora
E cheio e feliz, num alegria inflada,
Ouvilhe a voz... Como em me loubo ainda
E que suadie siroz que me devoro!

Que contraste! que telétra mudanza!
—Tornarlos e aflições por que em tropas
As alegrias todas de crença.

O deserto, a amargura, o isolamento...
E ella, longe de mim onde a deixo,
—Ella a crusa de todo o meu tormento!

W. Brantlent.

Alliette

Ao H. Mattos.

Alliette partio, Partio Alliette deixando solitário e triste meu coração de moço

Lembras-te?... Estás longe,—és muda, Cabis a noite. Cada flor,—um canto; cada estrella,—um riso,—perfume e luz. Eu chorei, tu choraste. Oh! lagrimas! Oh! perolas! Elas se misturaram e tu partiste. Meus fabios... teus labios... as estrelas que contem.

Mentira, Alliette, tu não partiste!

Ru te vejo, tu não me ves,—nós brincamos. Olho para o céu, lá estas—és a estrella; olho para a terra, aqui estas,—és a

lor. Mentira, Alliette, tu não partiste, desde o teu retrato.

Teu gesto—são perfumes, brancas estrelas.

Alliette, brilha! Alliette, fala!

E. Marinho Antunes.

Illusão

A Plácido Guerra.

Tantas ilusões em teu,
Tantos medos d'alguma,
Senhos fugazes, d'uma dia
Nossa pele lousa encava,

Quando me enfa calar
Dives mil se este meu poiso,
Por tanta sozinha desfada,
Por tanta angústia seu por!

Então sonhei perdendo,
O meu poiso la bendito,
O possado meu d'outro dia,

Esse grande vio rascado,
Da noite comeu escuridão
Da noite que a vida lara.

S. Dala—Março—96.

A. Motta.

Contra o pessimismo

Aos meus dois estimáveis amigos, proprietários da Revista Elegante, e que, tan corretamente plebiscitaram os artigos—A CRÍSE E COESAS DA ACTUAÇÃO DELES, publicados na edição anterior da citada publicação, peço venia para extender alguns comentários em appêndice ao seu modo de pensar.

Declare, porém, antes de tudo que, de nenhuma, seja pôde-me a reconhecer a sua vantajosa competência intelectual em confessando a sua humilde mentalidade, e de admitir que dedico grande soma de sympathia e de simpatia aos valentes e astutos operários da grande imprensa, ou escrivâncias e humildade pela causa de levantadas contra minhas.

Mas, é que os efeitos da evocação, não podem transcrever a preciosas força para a homogeneização da vida. Assim os livros, nenhuns que as sufficiam.

E, assim, que eu, convictamente, affirmo: Nenhum é aveludado, nem melindroso, nem solon de punha os meus delitos e superstições. Ou, se quiserem por outras termos dizer—isto de crises, de delícias e de imperfeições da vida que o mundo não conhece de hoje.

Os pessimistas aterrissam-se com as—crises—, fato e descobreem com negras cores, acatando que tudo valha tanto está verificado; quando, muitas vezes, devem ser facilmente vencidos pelo lado contrário.

Crises, revoluções—não sera talis cosa evolução, una via sa para salvarmos da—stata qua, que é justamente a vida que para humanizar, por isso que cada momento apresenta novidades, com as transformações?

A luta pela vida é facto irredutivel, fatal, e isso fazendo de existir si não houvessem crises, lutas, perdas, se nenhuma das outras classificações. Se não feso as possas de considerar este conceito como verdadeiramente botânico, porque, ao meu ver, uma grande modicidade, pelo menos, a proposta resultaria, si hundido fossem completamente certos preceções que nos contaminaram; si as organizações da sociedade não fossem suspiradas por leis tão superficiais e sumas palavras, si os alicerces d'estas não houvessem sido estabilizados.

E possível, n'este caso, que aquela lucidez nem sempre.

Mas, como foi, como está a sociedade civilizada—brado unânime de descontentamentos, surtos de ataques, de cessar, brado que não foi logo voltado, mas deixa a haver estabelecimento de tais leis—as chamadas—sociedades que, quando muito, tornam-se mais inteligível e agradável, face da civilização que se apoia.

REVISTA ELEGANTE

E esse leito de descontentamento não tem origem nemente das nossas externalidades provocadas pela totalidade daquela que se entre nações diferentes ou da guerra fraterna, e das reais que suportamos dos poderes públicos e de amigos estranhos, particularmente, mas irrompe também do nosso próprio doméstico, onde tantas dananças e tantas dores experimentam.

A pergunta que se nos adaga paira: actualmente pelo horizonte da nossa pátria, não se dera sensivelmente anúncio? Um sanguento perigo seria negar isto; por isso que tantas vezes se tem essa reproduzida, em circunstâncias talvez piores, segundo o modo de encarar as coisas.

E que solícitos actualmente, como outrora sofreram, e haverão de sofrer pelo futuro, mas, obediente à humana e providencial princípio da Resiliência, e propenso, conseguentemente, ao Receptaculo, seu auxiliar poderoso, sente adorar-se a sua dor, e, quando esta se acha adverenciada, evoluciona, muitas vezes, d'ella.

Este phenomeno da-se com as dures e sofrimentos de todas as espécies, resultando, d'ahi, esquecimento constante do dia de hontan.

Dobraria d'estes pontos de vista, estou, como disse, em desacordo com o pensamento das ditas meias ilustradas e célebres aliás, sendo forçado a limitar, n'estas linhas as considerações que, a propósito, se me oferecem, para não me tornar exposito, apodando-me de maior espaço d'um periódico de pequenas dimensões, como é este.

Accrescentarei, apenas, mencionando mais explicito: Terei eu, mais que os meus estimados amigos, que accedem como verdadeiros os princípios das leis sociais, existentes, motivo para encorajarmos os descontentes, e elevájmo-los, contra o actual estado de coisas.

Mas, é o que não se dá em consigo; e, assim penso, não só por ver que seriam uns ai mirados de baixas tentativas, como por que um grande passo para o Brasil de dar pela estrada hincinosa do progresso da velha humanas, o qual, veria-se a ser a mudança do seu antigo régimen, para «republicano», o que simbolicamente justifica essas «questionarias» e «extremismos» ineditas, que temos presenciado, de que me das notícias, e que devem originar à tal «crise»—de que por ali si falle; mas que, tudo remido, de modo algum poderá alistar o organismo e a vida de um vasto, sincrino e vigoroso país, como é a República dos Estados Unidos do Brasil.

AUGUSTO BRITTO.

HIGH-LIFE

Também amanha no meu de Abril:

Em 1-a-exma senra, dr. Joséphine Boissier Muller e Cottier, d'Almeida Macêdo Britto, digno concurso da nova distinção amiga e colossalista Augusto Cesar de Macêdo Britto e os seus, Dr. Arthur de Souza Lima e Antônio da Silva Ferreira.

Em 2-a senra, João Alves dos Santos;

Em 3-a senra, senra, d. Amanda Maia e os seus, capitão José Ribeiro da Costa Sobrinho, José Nepomuceno de Moraes Rego e o amigão Antônio Carlos, filho do senr. Ignacio Serrão;

Em 5-a-exma senra, dr. Anna Isabel de Souza Rego, Malvina Ajuda de Andrade e Anísio Barreto Gólio e memória Fagundes, filha do senr. Dr. Antônio Xavier de Carvalho, e o jovem Edmundo Albert Soledão Broadbent;

Em 7-a senra, José Luiz Ferreira, Sobrinho de Antônio B. Pinto Soledão;

Em 9-a senra, senra, d. Carolina Moreira, directa filha do senr. coronel Feliciano Moreira de Souza e memória Arckine, directo filho do senr. Augusto Rodrigues e a memória Alice, filha do senr. José da Silva Rodrigues;

Em 9-a senra, capitão Rogério Augusto Peralta;

Em 10-a senra, coronel Manoel Jansen Telles da Silva Lobo e o dr. Antônio Xavier de Carvalho;

Em 11-a senra, senra, d. Euzélio Ribeiro da Cruz e Anna Costa da Cunha Lobo e Porcina Rosa d'Almeida, o senr. Joaquim Pedro Correia e o amigão Hamilton, filho do senr. Dr. Antônio Baptista Nogueira;

Em 12-a senra, senra, d. Hermenegilda d'Almeida Lopes, Cândida Nina Bessa e Anna Guedes de Oliveira, os seus, dr. Alexandre Collares Moreira Nello e José Bernardo de Almeida;

Em 13-a senra, senra, d. Maria A. Ribeiro da Cruz Barbosa;

Em 14-a senra, senra, d. Castália Leal;

Em 15-a senra, senra, d. Quirinida Pires e o seu, condecorado Joaquim Gólio Fregos, digno Conselho de Portugal e a memória Lauro, filha do senr. José Gólio da Silva Gólio;

Em 17-a senra Vicentina, filha do senr. Alfredo Viana

Olympio de Faria Godinho e o seu, senr. Francisco da Silva Matos;

Em 18-a senra, senra, d. Alicia Dallm da Silva Guimarães amiga, Beatriz, filha do senr. Antônio Arroio, a memória Maria Acélia, filha do senr. dr. Álvaro Gonçalves e o seu, Francisco Fernandes Junior;

Em 19-a senra, senra, d. Berta Yanna Rodrigues, esposa do senr. José da Silva Rodriguez e os seus, dr. Carlos Euzebio de Andrade Peixoto, capitão Clóvis Lemos e reverendissimo padre Silviano Angelo da Silva;

Em 20-a senra, senra, d. Igo e Memória dos Reis, Amélia Antônia da Silva e a memória Alice, filha do senr. dr. Lourenço Valente de Figueiredo;

Em 21-a senra, senra, d. Rosa Amélia Garcia Cantaria, esposa do senr. Julio Cesar Godinho e os seus, Amélia Borba de Castro e capitão Antônio Joaquim Nunes Vitor;

Em 22-a senra, senra, d. Amélia Estrela Pereira;

Em 23-a senra, senra, d. Edith Dolores Moreira e os seus, dr. Manuel Joaquim Ferreira e Irmão comendador Alfredo Gonçalves da Silva, o membro José, filha do senr. capitão José da Sant'Anna Pinto e a memória Edith, filha do senr. dr. Arthur Quadros Collares Moreira;

Em 25-a senra, senra, Waldemir, filho do senr. dr. Joaquim Francisco Ferreira Nista;

Em 26-a senra, senra, d. Adélia Teixeira, Luisa Rosa Moreira e Adélia Teixeira, e os seus, Jayme da Costa Neves e dr. Claudio Serra de Moraes Rego;

Em 27-a senra, Flora, filha do senr. dr. Antônio Martins Machado Júnior e o membro Francisco da Silva Micaela e a memória José Maria da Gávea Gonçalves;

Em 28-a senra, senra, d. Maura Machado e o seu, João Pedro de Carvalho Vieira;

Em 29-a senra, senra, d. Maria Augusta Dubois Moreira e a memória Marietta, filha do senr. dr. Arthur Quadros Collares Moreira e o seu, condecorado José Joaquim Lopes da Silva;

Em 30-a senra, senra, d. São Gasparino, Rockinha de Alvorada, Barbara Carneiro, Maria Clara Ribeiro, Maria Rita de Castro e Edélio e Brigitte Brigitte Freitas de Carvalho, esposa do senr. dr. Antônio Xavier de Carvalho, a memória Uanguila, filha do senr. Francisco Joaquim de Souza, os seus, Filipezinho Tavares, Eduardo José de Albuquerque Melo e o capitão tenente Manuel Ignacio Belfort Vieira, governador do Estado.

Acetemo os nossos cumprimentos.

CHRONICA

Cousas da actualidade

Conforme prometi aos amáveis leitores e leitoras, no ultimo numero da «Revista Elegante», apresento-me novamente, saudando-os *ex íntimo corde*.

Agora vou passar a descrever o que se passou de mais notável no mês de Fevereiro entre nós. Sinto não dispor de maior espaço para tratar mais detidamente dos factos aqui ocorridos, em vista das diminutas dimensões do jornal. Enfim, pondo de parte a minha demasiada pretensão, vou tentar descrever os acontecimentos mais importantes d'este mês, procurando narrá-los, tomando por norma a conhecida phrase latina *Pauca bona, bene parata*.

O maior acontecimento do mês foi, como todos sabemos, o Carnaval, com seu coro de bailes, entrudo etc. Apesar, porém, de ser o facto mais importante que se deu em Fevereiro, neubum valor apresentou-nos digno de nota.

Esta festa universal, que em todos os países civilizados é tão apreciada, quasi que se não extingue entre nós! E que o nosso pobre povo já perdeu o gosto de se divertir, acabrunhado, como está, pelos males que nos affligem e dos quais tratou em minha passada chronica. Quando um povo sofre não pode pensar em festas. E o que nos acontece. Todavia, entendo que é necessário reagir contra os nossos flagelos e não há melhor occasião para isso do que a época carnavaloesca. Já que passamos a maior parte do tempo a chorar nossas desgraças, como fazia o philosopho Heráclito, lamentando a pobre humanidade, devemos, ao menos nos tres dias consagrados a Momo, pôr a mascara e rirmo-nos

das misérias d'este mundo, tão cheio de ilusões e desventuras. E sempre mais agradável rir do que chorar. Imitemos, portanto, o exemplo de outro grande philosophe, o illustre Democrito que não se conservava serio diante do que presenciava em sua patria.

Poucos, bem poucos, foram os mascaras que se exhibiram este anno aqui. Alguns filhos pierrots, monotonos dominós, impossíveis príncipes e os classicos *ducks*, sempre infelizes, seguidos de grande numero de gritos a gritar de modo infernal o —*Grrr, diabol!* —

Em compensação o entra lo, esse brinquedo selvagem que devia ser abolido entre os povos civilizados, esteve animado, havendo, como sempre, as cabocinhas, tapicera, vermelha, cinta azul e outras matérias, empregadas somente para empurrar e estragar a roupa, produzindo muitas vezes consequências fatais. Os bailes dados no theatro S. Luiz e nos salões da sociedade particular Recreio Familiar, estiveram bem concorridos. E que o nosso povo comprehende que, para poder se aguentar no *balanço financeiro* em que estamos, é preciso praticar e, por isso, faz exercícios na dança.

As denominadas *peças de entrudo*, como filhão com pimenta, café com sal etc, também não foram esquecidas e muitos caíram no logro. Porem, a peça de entrudo mais original que vi, foi a que pregariam alguns ao povo, anuncianto o recebimento das debentures de certa Companhia e recusando-as acto continuo à publicação que lizera! O povo, porém, não achou graça na pílleria, por não a considerar no caso das brincadeiras inofensivas e só proprias para provocar o riso. Terminado o Carnaval, entramos em pleno domínio da quaresma, o reinado do *bacalhau e do feijão*, com seus costumes, dores de sinos, confissões, sermões, procissões etc.

Obedecendo ao habito que é, com razão, considerado *uma segunda natureza*, temos também de ir aos templos, e, envergando o fato preto, desobrigar-nos, fazendo as penitencias impostas pela Egreja, observando os jejuns.

A processão dos Passos, primeira que entre nós se costuma a fazer na quaresma, esteve concorridissima e foi realizada com toda a pompa e splendor. Parabens, pois a digna irmandade.

Agora meus leitores e leitoras
Nada mais tendo a tratar,
Faco ponto e feço aqui,
Disposto a observar
Aquiló que prometti,
Vos dizendo, escreveria
Logo que chegasse o dia
De sahir novo jornal,
Não levers, portanto, a mal
Terminar, me retirando,
A todos vós desejando
Um futuro venturoso,
O vosso amigo saudoso
Venerador e criado
Antônio Pedro Salgado,

EXPEDIENTE

Temos sobre a meia alem de jornais e livros que por falta absoluta de espaço deixamos de fazer a devida apreciação, mais uma tabua cronologica formulada pelo nosso amigo Serra Martins. Fica uma coleção d'ella em nosso escriptorio as ordens dos freguezes.

ESTAÇÃO de 1896

Grande e variadissima
collecção de casemiras
de lã pura, pretas,
azues e de cores, pro-
prias para calças, fatos
de paletot, de fraque e
de sobrecasaca

Lenços de seda com ini-

cias—recentemente despachados, a
5\$000 e 7\$000.

Lencos de seda crua de

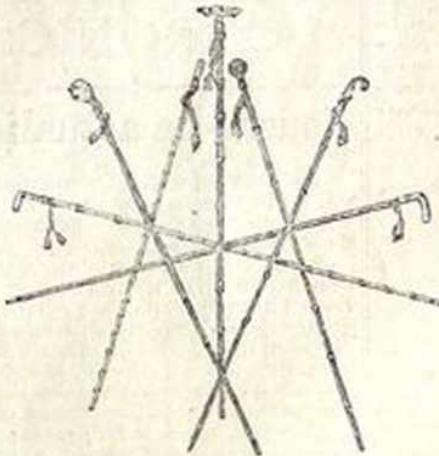
diversos tamanhos a 4\$000 e 5\$000.

Botões de metal dourado

para punhos—cor garantida—artigo
finíssimo a 3\$000.

Lencos japonezes a du-

zia a 10\$000.



BENGALIAS

Grande variedade
de gostos para
todos os preços

60:000

Uma duzia de ceroulas de algodão, fei-
tas sob medida—fazenda especial.

Graxa

Graxa—preta—amarela—e—branca pro-
pria para calçado preto, amarelo e de po-
limento, o vidro a 1\$000 1\$500 e 2\$000.

Chapeus de sol de seda

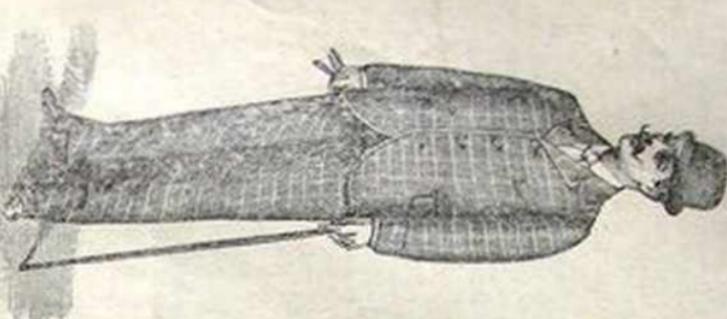
—Grande variedade—
Artigo especial—a diversos preços.

15:000

Perneiras de casemira impermeavel.

65:000

Uma máquina de costura, de mão—gar-
antida—systema aperfeiçoado.



REVISTA ELEGANTE

ESTAÇÃO DE 1896

Occasião excepcional

Fatos de paletot de casemira de cor
a 80, 90, 100, 110, e 120:000

Calças de casemira de cor 25, 28,
30, 35 e 40:000.

Pyjamas (fatos para dormir)
não de 18 e 18 e seda a 15,000 e 25,000

--Camisas de flanela-

PREPARADAS ESPECIALMENTE

Para se usarem com
peitilhos-artigo fino
-cada uma 15:000.

Artigos à despachar

Grande sortimento de collarejos e po-

nhos de linho puro.

Pegadores com inicias para gravar.

Pegadores de phantasia para gravar.

Cintos de couro—grande novidade.

Cintos de lona—lawer-cams.

travatas—enorme variedade de padões

e feitos.

Perfumaria francesa e alemaña.



REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

Gerente--Francisco Pinto Teixeira

ANNO V | Maranhão, 30 de Abril de 1896 | NÚMERO 47

REVISTA ELEGANTE

— A Salubridade Pública —

E de todos sabido que infelizmente o Maranhão está sendo flagelado pela febre amarela; é salário de todos que este terrível mal tem ocasionado algumas victimas. As medidas higiênicas a tomar já foram perfeitasamente descriptas pelo haló clinico dr. Claudio Serra.

O nosso jornal que é literário e artístico, trata de modas, anuncia o que há de melhor e de mais luxo pelo mundo da elegância e do bem trajar; que traz de bons colaboradores bellas produções em prosa e verso; que entâo idílios de amor, canta perfumes, sorri venturas, o nosso jornal não se pode tornar indiferente quanto vê, de leve, a população atemorizada por acontecimentos que traz o luto, a dor, a tristeza em todos os semblantes. Eis porque trazemos estas linhas; outro não é o nosso propósito si não nos associarmos a todos os periódicos que sobre o assunto se tem manifestado com franqueza, appellando sempre para os poderes publicos afim de evitar maiores males.

Era só que faltava para o Maranhão. Depois da crise, ou antes, de par com a crise financeira que assoberba a praça, a febre amarela quiz, por sua vez, tomar parte no festim.

Urge que o mal esse, é preciso que, quando ainda em principio, todos concorram para dissipá-lo já que foi impossível previní-lo. Ele está com nosco, arredem-o como fera.

Julgamos conveniente que sejam empregados quanto antes todos os meios aconselhados pela sciencia a fim de que não se propague como tantas outras epidemias que aqui mesmo no Maranhão se tem desenvolvido.

Em 1851 houve nesta terra uma grande epidemia para a qual o governo da então Província não regateou esforços, dedicação possível para extinguí-la. A estatística da mortalidade foi grande. Em 4 meses, de março a junho, a somma total dos mortos atingiu a 555 pessoas.

A verdade disso se pode ver lendo a descrição feita judiciosamente pelo distinto medico brasileiro dr. José da Silva por ordem do Presidente que era o dr. Eduardo Olympio Machado, ensaiada nos annais da Revista Brasiliense de Medicina. Além dessa epidemia outras mais em diferentes períodos tem por vezes se desenvolvido no Maranhão.

O asseio da cidade importa muito para que as epidemias não se desenvolvam, entretanto a nossa terra, é forçoso dizer, pouco se recomenda por esse meio.

As matérias animais e vegetais em putrefacção debaixo de certas condições de calor e humidade do ar são incontestavelmente as razões das molestias tidas como resultado da infecção e nesse caso a febre amarela. As nossas ruas, becos, principalmente, são depósitos de lixo. As medidas municipais devem ser, neste caso, executadas com toda o rigor e severidade.

Estamos sinceramente convencidos que essa censura não pode nem deve caber ao chefe da municipalidade por isso que, além de medico, conhecedor profundo e abalizado do que vimos de apontar, é um cidadão que ama e estremece o seu berço e jamais queria vel-o desacreditado e affligido por

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

— IMPERIAL —

Caixa no correio 40

REVISTA ELEGANTE

mais que elle fosse o responsável. A municipalidade é pobre, poucas são as rendas para que possa fazer face as grandes despesas a que é obrigada, principalmente no caso vertente. Ela é pobre, ouvimos dizer, faz o que pode. Vá que seja, ella é pobre, pobre, entende-nos nós, se não pode conservar sempre, como deveria, a limpeza da cidade, deve o governo do Estado nessa emergência em que estamos acudir-a, socorrer-a, dando ou emprestando auxílio dos seus rendimentos. Parece que é justo. Da salubridade pública importa o bem estar da população.

A MODA

Paris

Leve alteração tem havido sobre os vestuários; todos parecem estar satisfeitos com a que nos últimos tempos foi trazida pelo bom gosto. A prova mais evidente é que as nossas elegantes cujas toilettes facilmente se prestam as diferentes variações mais ou menos caprichosas e excentricas não acharam ainda, perto de tres annos, a menor modificação a fazer.

Nota-se, no entretanto, que o pessoal das grandes casas de modistas encarregado de crear novidades, pretende fazê-las, conseguindo apenas se inspirarem nas toilettes antigas, empregando modificações e algum aperfeiçoamento próprio da época moderna.

O costume actual do homem tornou-se uma forma clásica que não admite mais alteração.

As roupas frouxas ou meias frouxas, tales como o palitot sacco permitem, que o alfaiate exagere ou diminua a largura, contanto que não distigüe o carácter, o feitio e o aspecto geral. Esta espécie de roupa traz grande dificuldade para o alfaiate; o palitot sacco, por exemplo, criou não pequenos embraços, pois é sumamente difícil assentá-lo com perfeição em uma costa que seja bastante arqueada. Calculamos que elle em breve desapareça, porque o aspecto das costas é pesado e menos elegante que a dos paletots de tres costuras, que se adaptão a todas as formações de costa.

A casaca de cerimonia, pela sua forma, clásica não permite grandes variações. Pertence ao mundo oficial, é um vestuário sério e grave. Esta forma só admite actualmente os angulos da gola e das vistas arredondadas.

Os diagonais estão muito em uso e fora delles qualquer outra fazenda de phantasia. Recomendamos os debruns com uma trança muito fina. A casaca assim debrunada tem sempre um carácter de elegância e de fino trabalho.

Para os palitots, todas as fazendas, qualquer que seja a cor, principalmente, cinzentas e de padrões mesclados. Convém notar que a calça e o collete fazem-se do mesmo tecido. O collete branco assenta bastante com esses factos.

Ha seis meses que os novos elegantes tem introduzido a calça branca com sobrecasaca, chamamos por isso a especial atenção para os novos figurinos que incluso a esta lhes remetemos. A calça branca usou-se durante muito tempo, e mesmo

com a casaca nas cerimônias do dia; para esta circunstância, a gravata e o collete preto com vistas brancas eram de rigor.

Hoje não recomendamos as calças brancas com a casaca, mas unicamente com a sobrecasaca e com polainas da mesma cor. O exemplo desta toilette acaba de ser dado pelo Presidente da República.

Remetemos-lhes um bonito desenho de polainas que espero uzarão vossos fréquezas.

Para outras minudências chamamos atenção dos figurinos que vão.

(Dos nossos correspondentes.)

LITERATURA

A uma criança

Quando eu a vejo assim, do mal sem ter scencia,
Ligeira, satisfaçao, alegria, alegria para,
Tratando em cada olhar um poema de candura
Mostrando em cada gesto um simão de inocencia;

Quando eu a vejo assim, trilhando mal segura...
Um sajo desgarrado em meio da existencia—
Scissio no vil poder da vil maleficencia
Que ha de um dia ferir aquela creatura.

Muito branca demais p'ra pertencer ao mundo
Eu comparo o crystal d'aqueila criadura,
Queinda não se mancha do vicio solte a frigida

Ao leve e doce ton, sem manchas e profundo,
De uns estrelas a levar no arn da imortalidade
De uns jardins a levar na flor de um céu d'água.

I. Xaxier de Carvalho.

Um marido modelo

O meu amigo Americo Azevedo, bondoso, como é, certamente desculpar-me-há por haver tão tardivamente fallado da sua nova comédia—*Um marido modelo*, da qual me offereceu um exemplar, que, poriorado, lhe venho agradecer.

Mas, tendo estas linhas, quo ligaramente estou traçando nalgumas tiras de papel, com certeza se lembrará do adagio—«Antes tarde do que nunca».

Não lhe dou o cavaco para obtenção de desculpas, pois bem comprehenderá que um motivo houve para o meu atraso, e que esse motivo ha de ser como outro qualquer, o que não vem a pelo, e sim que eu lhe diga alguma coisa sobre a sua nova producção litterária—theatral.

Em poucos momentos eu li essa producção, agradando-me bastante a leitura que d'ella fiz, o que aconteceu porque a ultima filha do Americo está, com efeito, diligenciada com respeito aos principaes requisições exigidos n'uma comédia ligeira e de costumes, como é—*Um marido modelo*. Dialogação bem travada, concisão de phrases e espirito nas idéias,—inegavelmente que contém ella.

Quanto ao entrecho, foi urdido elle do amor, do ciúme e da astúcia; sendo que, na combinação d'estes sentimentos, teve bastante felicidade, expressando, sem cíntropus, da que são elles capazes.

Em primeiro lugar, o ciúme, que é o amor proprio offendido com o rebaixamento ou a simples siéla do rebaixamento da nossa individualidade, acontecimento este que n'uma só das mulherinhas vividas como Babita ou Candoca, é para haver grande sarabuñaria quanto mais tratando-se das duas ao mesmo tempo!

Em segundo lugar, expressando o amor—instinto poderosissimo, que se agravala mesmo no coração d'um velho quando esse velho é da força do comprador Antunes, e então... agora é que são cabecadas dignas de apreciação!

Em terceiro lugar, finalmente, o jogo da astúcia, que é manejado muito perfeitamente pela humanidade, não importando que queiram entrar na partida homens que necessitam de repouso, e como que deveriam aconselhar tregos aos artis e à insinceridade, o que dá-se com o proprio Sr. Antunes, que parece haver determinado sustentar a lógica de, bem como—filho de peixe é peixinho,—pae de peixe, peixe é.

De mais, quando o homem for vigoroso e o coração lhe bater fortemente, tanto quanto em outro que conte menor tempo de existencia, não ha de esse homem fazer exactamente como este outro, si, no caso vertente, de coisa diferente não se está tratando senão de—amor—menino desenholado e incompreensível, que tão de rijo arrimessa sua flexa para um coração juvenil, como para outro venerando?

O Americo comprehendeu bem estas coisas, e as conciliou perfeitamente, pondo-as em ação nos personagens da sua afilhada comédia, que saiu dos prêlos da tipografia dos Frios, e que o público tem acolhido com satisfação.

N'uma palavra, o Americo, galhofando falou a verdade, e deu lições de moralidade. Não se lhe deve, pois, regatear aplausos, os quais, pela minha parte, muito cordialmente lhe apresento.

AUGUSTO BRITO.

Fugaz visão

Toda de purpura vestida eu vi-a
Fornecendo-lhe a ostentação;
Mostrava um rosto lindo em que se lia
Um poema de luzes fulgurantes.

Só os olhos, acintilantes como o dia,
Sob a gaze suítil de um véu tão brando,
Eram sôos de poitano estralhado.
Na sua testa de face rugida.

Passejava quando a vi: era tão linda,
Que, idolatra de bela, a contemplar
Com extasi de amor que nunca finda...;

Posso a postos de mim fui se afastando,
E não mais vi a escultural Zelinda,
A rápida visão que estou cantando.

Oscar d'Alea.

A tempestade

Quando se deu o triste acontecimento que vou narrar, morava eu então á beira do campo, junto a um pequeno bosque cheio de gigantescas mangueiras, bacurucios e outras explêndidas espécies do reino vegetal, com as quais a pajante na-

REVISTA ELEGANTE

tareira ornou a zona torrada do planeta em que vivemos.

Era tinha isto, com dois companheiros de casa, a um baile de máscaras que se havia realizado na cidade, em um clube denominado «Cassino». Era um domingo gordo, ao terminar a função, pelas 2 horas da madrugada, regressavam á nossa habitação quando formou-se repentinamente fumaça borrasca da qual não logramos escapar-nos. Possadas e sombrias nuvens acudiam pela forte ventania que soprava de nordeste viabão reunir-se em massa compacta sobre nossas cabeças, estendendo uma densa cortina entre nós e a abóbada celeste, encobrindo dentro em pouco as estrelas que brilhavam no firmamento. O calor abafava. Atravessemos rapidamente as ruas da cidade que nos separavam do campo as quais eram apenas transitadas por poucos viandantes que, como nós, vinham de alguma soirée e quebravam o silêncio que era costume reinar a aquela hora nas ruas quasi sempre desertas.

Em pouco tempo passamos as últimas casas e entramos no campo, com a maior celeridade possível. O vendaval, porém, era mais leve do que nós. Antes de alcançarmos o orla da floresta, caiu a tempestade, com grande fúria, sobre nós. Grossas batatas d'água enxopavam a terra, fazendo-nos escorregar a cada passo.

Estavamos já bastante molhados quando conseguimos chegar á beira da matta. A noite estava escuríssima e apenas era iluminada de quando em vez pelo rápido clarão dos relâmpagos os quais seguidos do medonho-ribombar dos trovões. A nossa casa ficava ainda a um quarto d'hora de viagem quando vi um intensíssimo clarão que fez descontinar todo o horizonte.

Depois natai mais vi nem ouvi. Tinha perdido os sentidos. Quando desertei, a tempestade havia serenado mas ainda se viam relâmpagos e o rumor de trovões mais ricos o que indicava que a tempestade ia abrandando e se distanciava de nós.

Procurando meus companheiros, recuei horrorizado. Alii, junto a mim, jaziam dois cadáveres! Era os corpos dos meus infelizes companheiros, mortas por uma faísca eléctrica.

Ali permaneci até ao amanhecer. Os primeiros albores d'aúra, comecei a examinar o local em que me achava e vi que ficara sob a copa de uma colossal manzuela a qual estava fendas do alto até ao tronco, como se um poderoso e gigante machado a tivesse rachado ao meio! Os cadáveres estavam completamente carbonizados! Era horrível o que se passara: o que eu estava presenciando. O raio havia atingido aos meus infelizes companheiros quando íamos passando pela frondosa mangueira.

Ainda hoje, leitores, arripa-me os cabelos ao lembrar-me d'essa noite fatal, sempre que a tempestade ruge, parece-me desenhar-se aos meus olhos a triste cena que acabo de vos descrever.

Eugenio de Avelar.

Mila

A Alcides Pereira.

Perguntei... mais velha que a borboleta;
E mais... mais a si! pensei seguir-a;
Deixa minha vida irreversível
Em tudo quanto se eu descobrisse;

Quer sobre a rota, quer na fria argila,
Na vastidão da sua sede que se forte,
Ela julga certeiro que só Mila
Nossa vaga que veio, mostra que parte?

Assim nessa ilusão da noite,
Eu sinte-me morrer, dura suavidade
Era cruelmente dor que cega o peito?

E que neste viver alienado
Vergar-se por terra expulso
—O sublime castelo por mina feito...

5-2-95.

A Rego.

N'um album

O coração é um herço e um túmulo,
herço—acalenta as esperanças do futuro;
túmulo—guarda as saudades do passado.

Oscar d'Alea.

Gosos fruidos

Fixa preciso, Iria, fera preciso,
Pra te esquecer, que não te houvesse amado,
Que não te houvesse tanta vez beijado
A boca—corde de perfume e rosa.

Tinha nos olhos teus de laz duas fôcas,
No colo perfumado de delícias
Um mundo de venturas, de caricias,
Que eu ia, Iria, te ganhando aos prazos.

Era sôlo de amor, combate e gozo!
Pressa em teus braços, tremulos, formosos,
Eu tinha fe de amor na eternidade!

Creio faltar como faltou a esperança!
Desse tempo só resta-me a lembrança
Dos beijos, do teu colo—uma saudade.

15-4-96

M. Rock.

HIGH-LIFE

Fazem senhas no meu de Maio:

Em 1—a exata, senra d. Alice Augusta d'Armao Britto, a jovem Heloia Carlos d'Almeida Britto, filha do senhor analista e colaborador Augusto Cesar de Macedo Britto, o jovem Francisco Gonçalves Godíbalo, o menino Carlos, filho do senhor major José Maria de Castro Gonçalves;

Em 2—a exata, senras d. Otilia Pires Penteado e Maria Jose Passos Neto e os senores José Ribeiro da Mota e d. Antônio R. Nequeta;

Em 3—a senra, capitão Manoel Gonçalves da Silva;

Em 4—a exata, senra d. Sibila Machado;

Em 5—os senros, Abel Valente de Figueiredo e o alferes Antônio José Eymor Junior;

Em 6—a exata, senra d. Anna Pinto da Costa Almeida e os senores José Attilio da Silva Galvão, Manoel Gonçalves Moreira Nito e o jovem Bento Torreão Franco de São Paulo;

Em 7—a exata, senra d. Mariana da Silva Pereira Nito;

Em 8—a exata, capitão Manoel Ignacio Dias Vieira e o tenente-coronel Marcelino Gonçalves Machado;

Em 9—a exata, coronel Manoel Ignacio Dias Vieira e o tenente-coronel Marcelino Gonçalves Machado;

Em 10—a exata, senra d. Maria Lúcia Sabino Brandeburgo e Sônia Figueira de Lima Carneiro, digna esposa do senhor Dr. Arthur de Lima Carneiro e o senhor Miguel, filho do senhor Rodolpho Gonçalves;

Em 11—a exata, senra d. Mariana da Silva Pereira Nito;

Em 12—a exata, senra d. Mariana da Silva Pereira Nito;

Em 13—a exata, capitão Alberto Cardoso da Sampayo e o coronel Pedro Antônio Neto comandante do 5º Batalhão;

Em 14—a exata, senra d. Dona Paula Vieira e os senros, be-

neiros coronel Manoel Vieira Nito, Turibio Soares e o senhor Alfredo, filhos do senor dr. Antônio Xavier de Carvalho;

Em 15—a exata, senra d. Maria Pinheiro, filha do senor colégio Alberto Marques Pinheiro e o senhor Gólio, filho do senor, Francisco Ferrreira Belchior;

Em 16—nascidas, senras da Rosa Neto Peixoto e Alcides-Ricardo Rosa Nito e a menina Carla, filha do senor, Edmundo Archer da Silva;

Em 17—a exata, senra d. Rosa Laura Nito Parga e os senores Tancredo Serra Martini, coronel Manoel da Silva Moreira e o senhor José Matheus de Prado e a menina Ubaldo, filha do senor, Alfredo da Silva Fortuna;

Em 18—senhor, capitão Venâncio Belchior do Amaral e a menina Higolina, filha do senor, coronel Adolfo Pires da Fonseca;

Em 19—os senros, senras d. Rosa Vieira da Silva e Lázaro Teixeira, vintessete consortes do nosso sympathico parente Francisco Pinto Teixeira;

Em 20—os senros, senras d. Rosa Vieira da Silva e Lázaro Teixeira, vintessete consortes do nosso sympathico parente Francisco Pinto Teixeira;

Em 21—a exata, senra d. Cecília Jorge;

Em 22—os senros, senras d. Rosália de C. Gómez, e Ada José Sabino Brandeburgo e os senros, Enrico Corrêa Gómez e Luis Mariano Valente e a menina Elisa, filha do senor, Jefferson de Mesquita Alves;

Em 23—a exata, senra d. Rosália Moreira Fernandes e os senros, Carlos Augusto Pereira, Horácio do Couto Lobo e José Rodrigues Archer da Silva;

Em 24—S. M. Rainha Victoria da Inglaterra, a exata, senra d. Delfina Pires de Vasconcelos Barbosa e as meninas Max, filha do senor, Thomas Bradley e Hilda, filha do senor, Euclio José Lisboa;

Em 25—o nosso distinto e talentoso amigo Augusto Cesar da Motta Britto e o senor João de Mattos Pereira;

Em 26—os senros, senras d. Anna P. Duarte dos Reis e Elizabeth Alice Tavares e os senros, Henry Alice, vice-contralor de S. M. Belarmino;

Em 27—os senros, senras d. Emilia Machado e Landelino Freyre Lamas e Amélia Lobo Moreira e os senros, José da Costa Lamas e Abeyard Mattos;

Em 28—os senros, senras d. Isabel Debenay G. Moreira e Anna dos Reis Cruz d'Almeida e os senros, dr. Joaquim Pinto Franco de São Paulo, tenente Manoel Alves da Silva e Fabricio Caldas d'Ulivete e sua digna esposa.

Accident os nossos cumprimentos.

EXPEDIENTE

Temos sobre a nossa mesa os seguintes jornais que agradecemos.

O Combate, Pará.

O Commercio, Pará.

A Província do Pará, Pará.

A Republica, Pará.

O Athleta, Pará.

O Diário Oficial, Manaus.

O Alenquerense, Alenquer (Pará).

Monitor Codocense, Codó.

O Norte, Barra do Ceará.

O Campeão, Barra do Ceará.

O Commercio de Caxias, Caxias.

O Corisco, Caxias.

O Murmuriu, Theresina.

O Grá-cri, Theresina.

O Democrata, Theresina.

O Rio Grande do Norte, Natal, (Rio Grande do Norte).

O Artista, Rio Grande do Norte

Monitor Católico, Bahia.

O Trabalho, Alagoas.

A Ordem, Cidade da Cachoeira (Bahia).

O povo, Vila Franca (Bahia).

Correio de Notícias, Bahia.

Era-Nova, Recife.

Gazeta do Commercio, Parahyba.

O Artista, Parahyba.

O Diário, Piauhy (Theresina).

O Piauhy, Theresina.

Tribuna Operaria, Theresina.

Gazeta do Commercio, Theresina.

A Verdade, Gera.

A Republica, Gera.

Diário do Ceará, Gera.

Gera Ilustrado, Gera.

Correio do Norte, Guaratinguetá (S. Paulo).

Gevista Literaria, S. Paulo.

O Commercial, Gameti (Pará).

O Marapaniense, Marapanim.

ALTA NOVIDADE

ROBES DE CHAMBRE de cretone de variadas cores.

CAMISÕES de setineta de cor.

CAMISÕES de morim branco bordado a enxamado.

CAMISAS próprias para estar em casa—brancas com bordados a cores—grande variedade de gostos e com todas as pontuações.

CAMISOLAS de lana e seda.

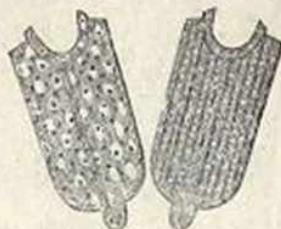
CAMISAS

Grande colecção
de camisas
recentemente
despachadas:

CAMISAS sem punhos e colarinhos com peito de fustão—bordadas a branco—bordadas a cores-listas—com pregas—brancas e de chita—

Pegadores para grava-

gravatas—com o seu iniciado de metal amarelo—cor garantida—a 14000 e 14500.

**PEITILHOS**

Vasta colecção de peitilhos de linho puro, branco e de cor, lisos bordados e com pregas a 54000, 63000, 72000 e 84000.

Perfumaria ingleza

DE

ATKINSON

Todos os perfumes, especializando-se—Peau d'Espagne—Ylang-Ylang—Frangipane—White rose—Forget me not—o vidro a 48000.



GRANDE e inegotável sortimento de collarinhos de linho puro de todos os feitos e pontuações.

5:000 Rs.

SUSPENSORIOS de algodão de cor fixa e com fivellas de nickel.



PUNHOS de linho puro recentemente despachados.

10:000 Rs.

SUSPENSORIOS de seda.**Perfumaria Jones**

Essence Victoria—o vidro..... 72000
Todos os perfumes—o vidro..... 5.000

**Machinas de costura**

Esta vasta secção acha-se constantemente sortida com as machinas de todos os fabricantes e ao alcance de todas as bolsas.

Com 65\$000 reis pode-se obter uma magnifica machina de mao, garantida.

DAVIS

As primeiras machinas de costura do mundo a 95\$, 125\$, 130\$, 135\$, 140\$, 145\$, 165: e 180:000

Gravatas

Grande variedade de gostos, folios e tecidos.

Cintos

De couro—de lona—e—de seda.



REVISTA ELEGANTE

PUBLICAÇÃO MENSAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROPRIEDADE DA ALFAIATARIA

—TEIXEIRA—

Gerente--Alfredo Pinto Teixeira

ANNO V | Maranhão, 31 de Maio de 1896 | NÚMERO 48

REVISTA ELEGANTE

• Cambio

Tem sido a nota predominante destes últimos dias, a subida do cambio que segundo dizem os entendidos é motivada pela solução favorável à Ilha da Trindade, que tem servido de base para uma série de especulações desmedidas por parte de estrangeiros auxiliados por brasileiros desnaturalizados, visando unicamente o interesse próprio e deseredito geral do País.

Se bem que seja esse o motivo atribuído à subida do cambio, todavia somos levados a ponderar que bases superiores a essa de que vimos de narrar, não elevaram-no, ao contrário, até mesmo a taxa cambial baixou.

A Ilha da Trindade pertence ao Brasil, e como tal, a Inglaterra tinha de restituí-la do mesmo modo que se apossou, sem que fosse preciso arbitragem; graças à imprensa fluminense cônjugada pelo importante jornal «Paiz», que soube com energia defender a causa brasileira, enquanto no «Jornal do Commercio» eram publicados artigos em prol do arbitramento.

Esses artigos eram atribuídos à lavra do Dr. Prudente, caído em desagrado geral da população fluminense que se reuniu em *meetings* protestando contra as publicações desse jornal e resultando desse brado ingente do patriotismo brasileiro não ser aceita a proposta feita pelo governo inglês!

Motivos mais poderosos para a subida do cambio foram: a pacificação do Rio Grande do Sul, a terminação da guerra fratricida na Bahia do Rio de Janeiro, a solução das Missões etc., e no entanto a taxa cambial declinava sempre....

Não somos nenhum Profeta, porém, diante das immoralidades que são constantemente praticadas

sem o menor decoro em face das leis do nosso Brasil, é de crer que a subida do cambio seja ephemera.

Brasileiros, preparamo-nos para amparar esse monstro que vai sulcando como ostra ao rechedo, para que a sua queda não seja tão desastrada como foi a do grande Icaro.

O motivo primordial da subida do cambio não sabemos definir, do mesmo modo que a proxima baixa, no entretanto limitamo-nos às seguintes perguntas: Porque sobe e porque desce?

Dito isto a momentânea subida do cambio tem estado a nossa praça em constante agitação a procura de dinheiro geral afim de remetter para o nosso vizinho Pará, para ali ser tomado em cambiais e aqui serem pagos os saques estrangeiros.

Disto tem resultado a subida do agio no dinheiro geral que já atingiu 5 e 6 %, e muito ficaremos satisfeitos se não for a mais.

Se tivessemos uma sucursal do Banco inglês onde o comércio pudesse efectuar seus pagamentos igualmente ao cambio do Pará, estaria vencida toda a dificuldade da nossa praça. E conhecida esta falta sensível que muito correre para vexar a nossa população, difirmando-lhe os meios sem que providencias alguma venha suavizar esta lacuna.

TELEPHONE 56

ENDEREÇO TELEGRAPHICO

—IMPERIAL—

Caixa no correio 40